

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS EM GEOGRAFIA

JULIANE REGINA BECKER

O TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO:  
NOVAS DINÂMICAS E RECONFIGURAÇÕES NO TERRITÓRIO A  
PARTIR DA INSTALAÇÃO DOS FRIGORÍFICOS DE AVES.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
PROGRAMA DE PÓS EM GEOGRAFIA

JULIANE REGINA BECKER

O TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO:  
NOVAS DINÂMICAS E RECONFIGURAÇÕES NO TERRITÓRIO A  
PARTIR DA INSTALAÇÃO DOS FRIGORÍFICOS DE AVES.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* de M. C. Rondon como condição obrigatória para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Dornelis Carvalhal.

MARECHAL CÂNDIDO RONON - PR

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

B395t	Becker, Juliane Regina O trabalho feminino na microrregião de Toledo: novas dinâmicas e reconfigurações no território a partir da instalação dos frigoríficos de aves / Juliane Regina Becker. - Marechal Cândido Rondon, 2014. 156 p.
	Orientador: Prof. Dr. Marcelo Dornelis Carvalho
	Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.
	1. Mulheres - Emprego. 2. Desenvolvimento econômico - Paraná. I. Carvalho, Marcelo Dornelis. II. Título.
	CDD 22.ed. 331.4 CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46  
 Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br  
 Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000  
 Marechal Cândido Rondon - PR.

Programa de Pós-Graduação em Geografia - Nível de Mestrado



### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

Aos vinte e dois dias do mês de maio de 2014, às 14h30min, na sala de aula da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado em Geografia constituída pelos professores Dr. Marcelo Dornelis Carvalho - Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Orientador), Dra. Aparecida Darc de Souza (UNIOESTE) e Dr. Antonio Thomaz Júnior (UNESP), para avaliarem o trabalho "O Trabalho Feminino na Microrregião de Toledo: Novas Dinâmicas e Reconfigurações no Território a partir da Instalação dos Frigoríficos de Aves", apresentado pela pós-graduanda **Juliane Regina Becker** para a obtenção do título de "Mestra em Geografia" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia da UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. Após arguição a banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu Marcelo Dornelis Carvalho, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pela pós-graduanda avaliada.

Marechal Cândido Rondon, 22 de maio de 2014.

  
 Marcelo Dornelis Carvalho  
 Orientador

  
 Aparecida Darc de Souza  
 Membro

  
 Antonio Thomaz Júnior  
 Membro

  
 Juliane Regina Becker  
 Pós-Graduanda

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho

Aos meus pais, Nercy e Nilva, ao meu noivo Anderson,  
e a todas as trabalhadoras dos frigoríficos da Microrregião de Toledo  
por terem força em enfrentar a árdua jornada de trabalho diária  
com um sorriso no rosto.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da sabedoria e da vida e por ter atendido as minhas preces.

Aos meus pais Nercy e Nilva por não medirem esforços para a realização dos meus objetivos e por todo o apoio nos momentos de dificuldade e de felicidade.

Um agradecimento mais que especial ao meu noivo Anderson Sandro da Rocha, que perdeu vários finais de semana em companhia com sua família para não me deixar sozinha estudando, por todo o carinho, dedicação e apoio nos momentos difíceis, tentar me confortar de alguma maneira, ou me distraído com alguma brincadeira.

Em especial ao professor Marcelo Dornelis Carvalho pelo carinho e compreensão com o qual me orientou.

A CAPES pela bolsa de estudo que possibilitou maior dedicação à pesquisa.

Ao Programa de Mestrado de Geografia da Unioeste campus de Marechal Cândido Rondon.

Aos colegas do mestrado que sempre estiveram disponíveis para trocar algumas ideias e dividir alguns anseios.

As trabalhadoras que dedicaram alguns minutos de seu tempo para responderem ao roteiro de questões e com muita simpatia e alegria me receberam em suas casas.

Aos representantes do SINE de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo que não mediram esforços para auxiliar na pesquisa.

A amiga Jaqueline Fabricio pelas longas conversas de distração nos momentos de angústia.

A todos os que conviveram comigo e me deram incentivo para nunca desistir de alcançar os meus objetivos.

*Todas as palavras de minha boca são justas,  
nelas nada há de falso nem de tortuoso.  
São claras para os que as entendem  
e retas para os que chegou à ciência.  
Recebei a instrução e não o dinheiro.  
Preferi a ciência ao fino ouro  
pois a Sabedoria vale mais que as pérolas  
e joia alguma a pode igualar  
(Provérbios 8. 8 - 11)*

## RESUMO

Ao observar o mercado de trabalho brasileiro nas últimas décadas é possível averiguar que vem ocorrendo uma série de alterações na organização e nas relações de trabalho. Essas transformações proporcionam novas dinâmicas territoriais do trabalho, promovidas principalmente pela expansão do capital, pela apropriação das potencialidades naturais e a utilização do trabalho feminino. Nesse sentido, constata-se que a expansão capitalista sobrepõe as relações de trabalho, apontando novas formas de acumulação por meio da exploração do trabalhador. Assim, ao analisar o processo de expansão capitalista engendrado sobre o Oeste do Paraná, constata-se que esse processo encontra-se atrelado à instalação das indústrias de alimentos, destacando a presença de oito unidades de processamento de carnes. No entanto, verificou-se que o processo de expansão capitalista ocorre com maior intensidade na Microrregião de Toledo, devido à presença de três frigoríficos (Copagril, C.vale e BRF Sadia) que possuem grande representatividade no cenário regional e estadual. Com base nessas correlações são discutidas questões pertinentes às estratégias de acumulação do capital frente à precarização do trabalho e à utilização da mão de obra feminina. Nessa perspectiva a presente pesquisa visa debater as reconfigurações que ocorreram na Microrregião de Toledo, bem como analisar os fatores que impulsionam a inserção da mulher no mercado de trabalho, visando entender suas trajetórias, dilemas e dificuldades.

Palavras – chave: Expansão capitalista, Microrregião de Toledo, Unidades Industriais de Aves e trabalho feminino.

**The female work in the Micro-region of Toledo: new dynamics and reconfigurations on the territory from the installation of poultry slaughterhouses.**

**ABSTRACT**

Upon observing the Brazilian work market in the last decades, it is possible to observe that a series of changes in the work organization and relationships have been occurring. These changes provide new territorial dynamics of the work, promoted mainly by the capital expansion by the appropriation of natural potentialities and the use of female work. In this sense, it has been noted that the capitalist expansion overlaps the work relationships, pointing out new ways of accumulation by worker's profiteering. Thus, upon analyzing the process of capitalist expansion engendered over the West of Paraná, it has been observed that his process has been linked to the installation of food industry, especially the presence of eight unities of meat processing. However, it has been verified that the process of capitalist expansion occurs with higher intensity in the micro-region of Toledo, due to the presence of three slaughterhouses (Copagril, C.vale and BRF Sadia) which have great representativeness in the regional and state scenarios. Based on these correlations it has been discussed issues about the strategies of capital accumulation considering the work precariousness and the use of female work. In this perspective, the present research aims to debate the reconfigurations which took place in the micro-region of Toledo, as well as to analyze the factors which fostered the women's insertion in the work market with the goal to understand their trajectories, dilemmas and difficulties.

**Kew-words:** Capitalist expansion, Micro-region of Toledo, Poultry Industry Unities, female work.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Rendimento médio por sexo no Estado do Paraná.....	66
Gráfico 2 - Rendimento médio por sexo na Mesorregião Oeste do Paraná .....	67
Gráfico 3 - Empregos formais para mulheres, entre 2000 a 2010 no estado do Paraná.....	69
Gráfico 4 - Empregos formais para mulheres, entre 2000 a 2010 no Oeste do Paraná e na Microrregião de Toledo .....	70
Gráfico 5 - Empregos nas indústrias de alimentos, bebidas e álcool por Mesorregião Geográfica do Estado do Paraná .....	72
Gráfico 6 - Crescimento do número de empregos na Mesorregião Oeste do Paraná nos setores industriais mais representativos .....	80
Gráfico 7 - Empregos nas indústrias de alimentos por Microrregião Geográfica do Oeste do Paraná .....	83
Gráfico 8 - Crescimento do número de empregos na Microrregião de Toledo nos setores industriais mais representativos .....	85
Gráfico 9 - Empregos nas indústrias de alimentos na Microrregião de Toledo – Paraná.....	86
Gráfico 10 - Crescimento do número de empregos no município de Marechal Cândido Rondon nos setores mais representativos .....	88
Gráfico 11 - Crescimento do número de empregos no município de Palotina nos setores mais representativos .....	90
Gráfico 12 - Crescimento do número de empregos no município de Toledo nos setores mais representativos .....	91
Gráfico 13 - Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres na Microrregião de Toledo entre o período de 2000 – 2010 .....	103
Gráfico 14 - Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres no município de Toledo entre o período de 2000 – 2010 .....	104
Gráfico 15 - Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres no município de Marechal Cândido Rondon entre o período de 2000 – 2010.....	105
Gráfico 16 - Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres no município de Palotina entre o período de 2000 – 2010 .....	106
Gráfico 17- Meio de transporte utilizado para se deslocar até o trabalho .....	120
Gráfico 18 - Distância que as trabalhadoras percorrem até o trabalho .....	121
Gráfico 19 - Escolaridade das trabalhadoras dos frigoríficos da Microrregião de Toledo.....	123
Gráfico 20 - Média de idade das trabalhadoras dos frigoríficos da Microrregião de Toledo	127
Gráfico 21 - Tempo de carteira registrada .....	128

Gráfico 22 - Renda média familiar .....130

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Número de estabelecimentos cadastrados na central de empregos .....	94
Tabela 2- Pessoas ocupadas assalariadas por município .....	95
Tabela 3- Número de pessoas admitidas e demitidas em Marechal Cândido Rondon nas indústrias de alimentos e bebidas .....	100
Tabela 4- Número de pessoas admitidas e demitidas em Palotina nas indústrias de alimentos e bebidas .....	101
Tabela 5- Número de pessoas admitidas e demitidas em Toledo nas indústrias de alimentos e bebidas .....	101
Tabela 6- População feminina economicamente ativa - PEA .....	108
Tabela 7- População masculina economicamente ativa - PEA .....	108
Tabela 8 - Remuneração média masculina e feminina na microrregião de Toledo.....	110
Tabela 9 - Remuneração média masculina e feminina no município de Palotina .....	111
Tabela 10- Remuneração média masculina e feminina no município de Marechal Cândido Rondon .....	111
Tabela 11- Remuneração média masculina e feminina no município de Toledo .....	112

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Localização da Microrregião de Toledo.....	17
Figura 2 - Unidades frigoríficas – Mesorregião Oeste do Paraná.....	18
Figura 3 - Unidades Frigoríficas na Microrregião de Toledo .....	93
Figura 4 - Rota de deslocamento dos trabalhadores para os frigoríficos da Microrregião de Toledo .....	118

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C.vale – C.vale Cooperativa Agroindustrial  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Profissional de Nível Superior  
COOPAVEL – Coopavel Cooperativa Agroindustrial  
COPACOL – Copacol Cooperativa Agroindustrial Consolata  
COPAGRIL – Cooperativa Agroindustrial Copagril  
CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social  
Lar – Cooperativa Agroindustrial Lar  
MTP – Ministério Público do Trabalho  
MRG – Microrregião Geográfica  
MTE – Ministério do Trabalho e do Emprego  
PEA – População Economicamente Ativa  
RAIS – Relatório Anual de Informações Sociais  
RMM – Rendimento Médio Masculino  
RMF – Rendimento Médio Feminino  
SINE – Sistema Nacional de Empregos  
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	16
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>CAPÍTULO 1–DISCUSSÕES SOBRE O TRABALHO FEMININO</b> .....	24
1.1 O SENTIDO DO TRABALHO E A RELAÇÃO COM O CAPITALISMO .....	25
1.2 A MULHER E O TRABALHO.....	30
1.3 O TRABALHO FEMININO COMO ESTRATÉGIA DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL .....	34
1.4 O PROCESSO DE EXPANSÃO CAPITALISTA NO BRASIL E A DIVISÃO SEXUAL E TERRITORIAL DO TRABALHO .....	39
1.5 O TRABALHO FEMININO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....	53
<b>CAPÍTULO 2 – A EXPANSÃO CAPITALISTA NO OESTE DO PARANÁ E AS NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO</b> .....	61
2.1 O TRABALHO FEMININO E SUAS RECONFIGURAÇÕES A PARTIR DA EXPANSÃO DO CAPITAL NO CONTEXTO ESTADUAL E REGIONAL.....	61
2.2 A EXPANSÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E BEBIDAS NAS MESSORREGIÕES DO ESTADO DO PARANÁ .....	71
2.3 A MESSOREGIÃO OESTE DO PARANÁ E A RELAÇÃO COM O DESEMPENHO DA ATIVIDADE AVÍCOLA .....	74
<b>CAPÍTULO 3 – O TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO</b> ...	98
3.1 A EXPANSÃO CAPITALISTA E SUAS SINGULARIDADES COM A QUESTÃO DE GÊNERO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO .....	98
3.2 MOBILIDADE TERRITORIAL DO TRABALHO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO E AS TRANSFORMAÇÕES NO CONTEXTO MUNICIPAL .....	113
3.3 TRAJETÓRIAS, DILEMAS E DESAFIOS DO TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO .....	122

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	133
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	137
<b>APÊNDICES</b> .....	142
<b>ANEXOS</b> .....	150

## APRESENTAÇÃO

As premissas para essa pesquisa iniciaram-se a partir do ano de 2009 com a conclusão do trabalho monográfico intitulado “O frigorífico de Aves da Copagril e a Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho”. Nessa ocasião foram debatidas questões pertinentes a exploração da mão de obra feminina no espaço fabril e a relação da mulher com o mundo do trabalho.

Com a conclusão desse trabalho monográfico, surgiram algumas inquietações sobre quais seriam os fatores que motivaram as mulheres a se inserir no mercado formal de trabalho, principalmente sobre: Quem eram essas mulheres? Por que se inseriram no mercado de trabalho por meio das indústrias de alimentos? Qual a trajetória dessas trabalhadoras? E porque há tantos frigoríficos na Microrregião de Toledo? Estas questões serviram de estímulo e proporcionaram uma temática de pesquisa para o desenvolvimento da dissertação de mestrado.

Contudo a partir do ano de 2010 foram elaborados alguns artigos sobre a relação da mulher no mercado de trabalho no contexto regional e a relação com a expansão capitalista. Desse mesmo modo, a participação em eventos voltados para temática em questão, foi essencial para o amadurecimento de algumas inquietações sobre a inserção e participação da mulher no mercado de trabalho.

Em 2011 começaram os primeiros rascunhos sobre o projeto de pesquisa de mestrado, que inicialmente se propôs discutir a questão da mobilidade do trabalho feminino nos frigoríficos da Microrregião de Toledo e os impactos desse deslocamento sobre o cotidiano das trabalhadoras.

Após o ingresso no mestrado em 2012, durante a disciplina do seminário de dissertação foram indagados alguns pontos importantes quanto à viabilidade da pesquisa e a delimitação do tema. Dessa maneira, após diversas conversas com o professor orientador, optou-se por pesquisar os principais fatores que contribuíram para a expansão das indústrias de alimentos na Microrregião de Toledo e a exploração do trabalho feminino a partir do recorte de três frigoríficos: Copagril, localizado no município de Marechal Cândido Rondon, C.vale no município de Palotina e BRF Sadia no município de Toledo (Figura 1).

No entanto, vale ressaltar que o Oeste do Paraná se destaca no cenário estadual e nacional por sua potencialidade em desenvolver atividades agroindustriais, entre as quais se destaca o setor de processamento de carnes, o que pode ser notado por meio a presença de oito frigoríficos grandes no Oeste do Paraná (Figura 2).

Nesse sentido, tornou-se possível discutir as peculiaridades dos principais frigoríficos da Microrregião de Toledo em relação aos demais frigoríficos presentes no Oeste do Paraná.

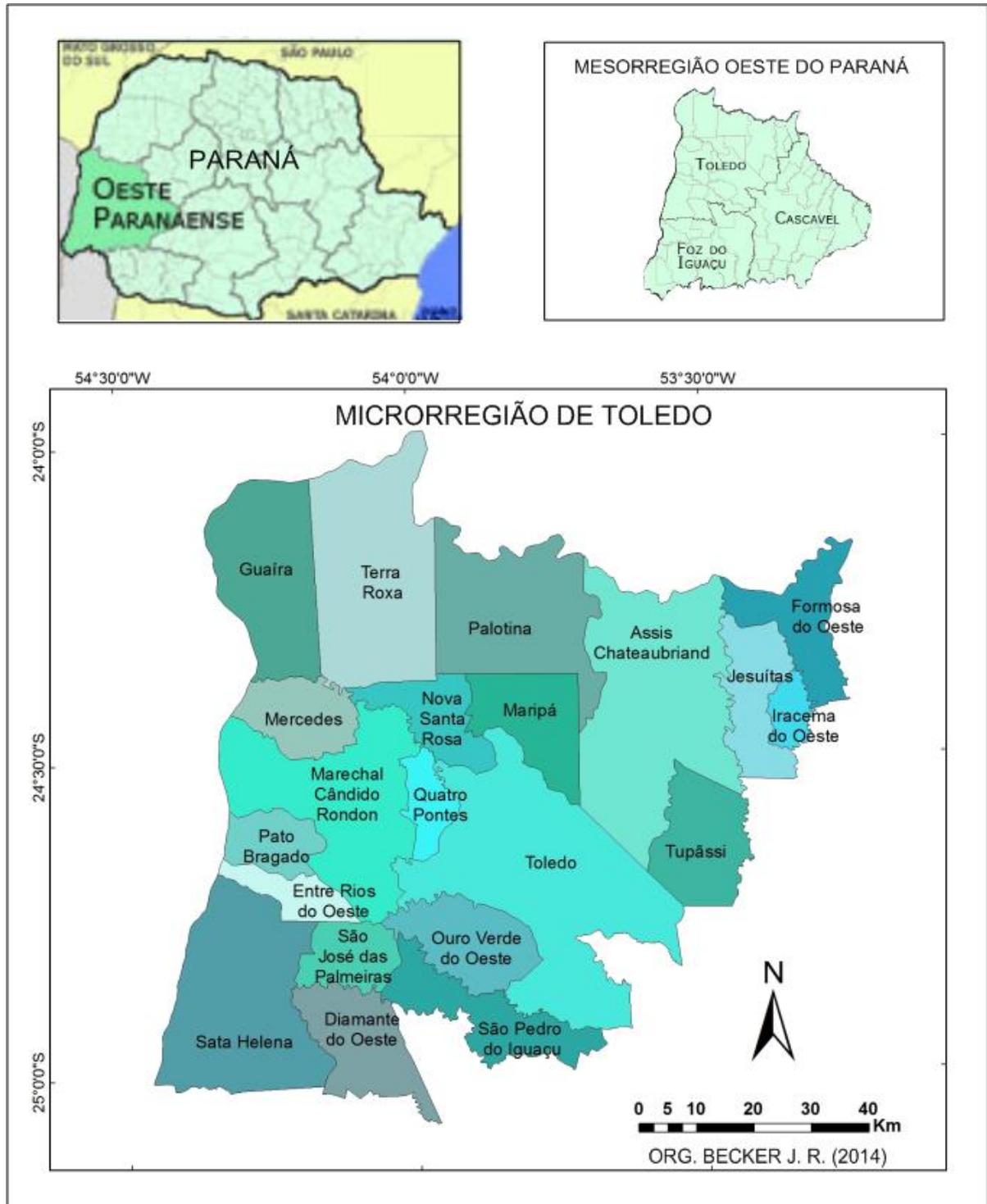


FIGURA 1 – Localização da Microrregião de Toledo

Fonte: IBGE (2012)

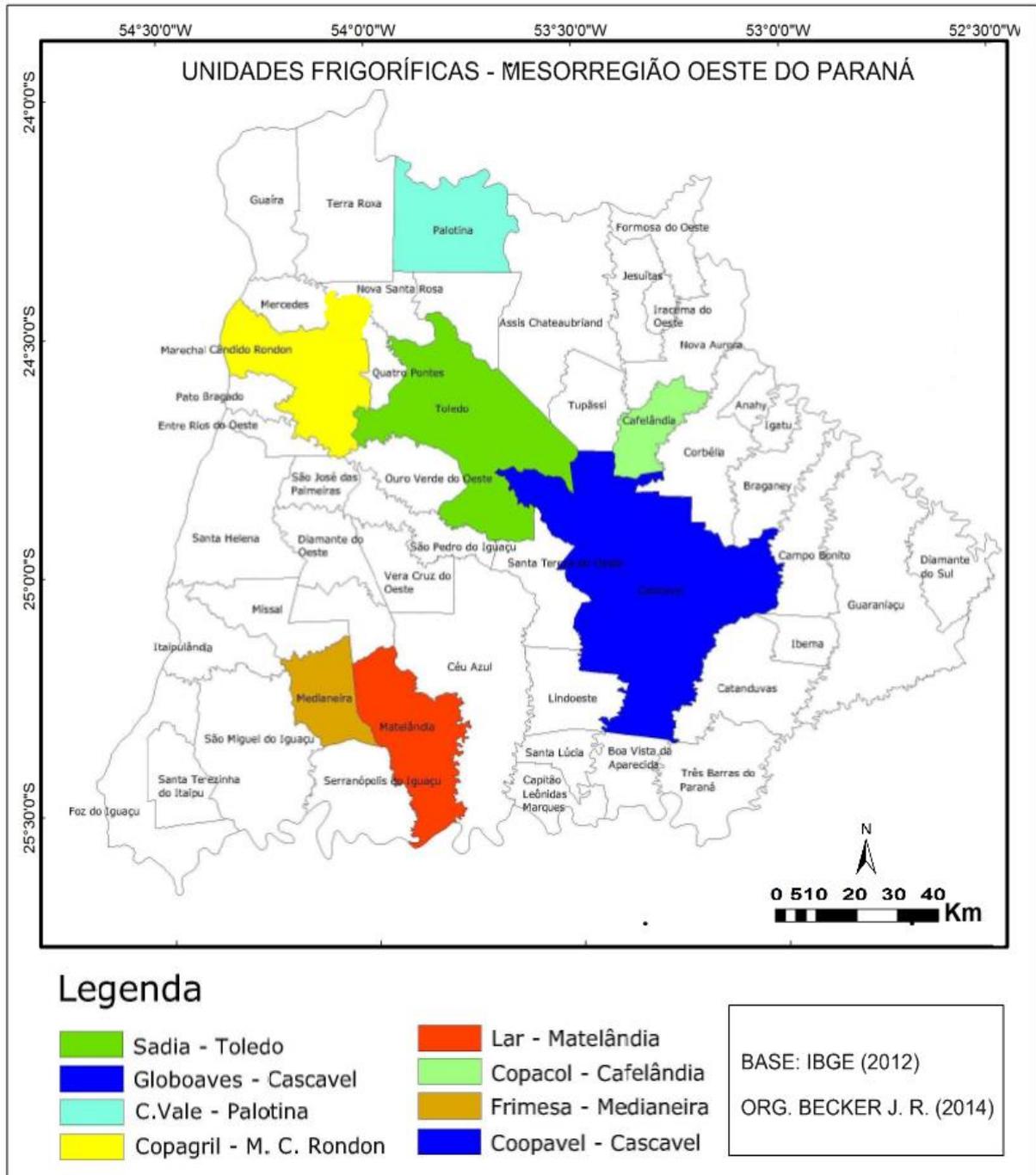


FIGURA 2: Unidades frigoríficas – Mesorregião Oeste do Paraná.

Fonte: IBGE (2012)

Limitando a pesquisa para os três frigoríficos presentes na Microrregião de Toledo, iniciou-se o levantamento bibliográfico visando o entendimento dos fatores que beneficiaram a expansão capitalista para a microrregião de Toledo.

Assim, também foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a participação da mulher no mercado de trabalho e as transformações que vem ocorrendo no mercado formal a partir da instalação dos frigoríficos na Microrregião de Toledo.

Para tanto, foram entrevistados os representantes dos SINE (Sistema Nacional de Empregos) de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo, com o intuito de averiguar quantas vagas de trabalho são ofertadas para mulheres mensalmente nos frigoríficos. Também se utilizou de entrevista de 30 trabalhadoras de cada frigorífico (Copagril, BRF Sadia e C. Vale).

As informações coletadas por meio das entrevistas foram de suma importância para a realização da pesquisa e para compreensão das trajetórias, dilemas e dificuldades relacionadas a questão de gênero no mundo trabalho, bem como as especificidades da exploração do trabalho da mulher no setor de processamento de carnes, na Microrregião de Toledo.

## INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho brasileiro vem apresentando algumas alterações quanto à organização do trabalho no espaço fabril. Essas transformações refletem em novas dinâmicas territoriais do trabalho, promovidas principalmente pela expansão do capital, e apropriação das potencialidades naturais e especialmente pela utilização do trabalho feminino.

Nesse sentido, quando se busca compreender os fatores que interferem no mundo do trabalho e, em suas interconexões, entende-se que a expansão capitalista sobrepõem as relações de trabalho, apontando novas formas de acumulação por meio das formas inovadoras da exploração do trabalhador. Em função disso verifica-se que para o bom desempenho do capitalismo são utilizadas algumas estratégias que visam a exploração das potencialidades de diferentes localidades.

Diante das estratégias utilizadas para o processo de acumulação destaca-se que a expansão capitalista vem observando as áreas do interior do país com bons olhos, devido às potencialidades ofertadas por estas regiões, especialmente recursos naturais e mão de obra relativamente abundante, quando comparados as regiões metropolitanas.

Os interesses para com as áreas do interior do país têm proporcionado significativas alterações quanto ao mercado de trabalho, visto que são criados e recriados novos postos de trabalho enquanto outros vão se extinguindo, o que também proporciona uma série de reconfigurações no território brasileiro.

Frente à lógica de expansão capitalista que começou a vigorar a partir da década de 1960, foram definidos alguns objetivos para o processo de expansão de capital, como por exemplo, o aumento da produtividade e lucratividade.

Com o intuito de acumular mais capital passou-se a utilizar nas fábricas, máquinas sofisticadas, mão de obra qualificada e incorporação de novas atividades para o trabalho feminino. Fato que pode ser averiguado nos trabalhos de Alves (2000, 2007 e 2008) e Segnini (1998).

Nesse sentido, ao observar as relações de trabalho no Oeste do Paraná verifica-se que existem algumas peculiaridades que diferem essa região das demais do Estado. Esse fato ocorre porque é perceptível que o processo de industrialização na região é bastante recente e portanto tardio, o que vem interferindo na formação dos trabalhadores, visto que esse se depara com uma nova realidade quanto à jornada, rotina e formas de exploração do trabalho.

Por meio do processo de formação dos trabalhadores no Oeste do Paraná percebe-se que nos últimos anos ocorreu um aumento significativo dos postos de trabalho para mulheres junto ao setor das indústrias de alimentos.

A preferência pela contratação de mulheres principalmente nos setores que são considerados mais precários se torna pertinente para uma discussão sobre os fatores que contribuíram para a ampliação dos postos de trabalho para mulheres e as transformações no cotidiano dessas mesmas como trabalhadoras, ou seja, não se restringindo apenas as atividades domésticas.

Diante dessa problemática, o presente estudo – vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Nível Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR, busca, de maneira geral, analisar quais foram as principais alterações ocorridas a partir da instalação dos frigoríficos de aves, na Microrregião de Toledo e no cotidiano das mulheres que trabalham nas unidades frigoríficas.

A pesquisa esta norteada com a finalidade de analisar os fatores que contribuíram para expansão do trabalho fabril no Oeste do Paraná e a preferência pela utilização do trabalho feminino. Nesse sentido, se evidencia as transformações no cotidiano das mulheres a partir da formação dos trabalhadores na Microrregião de Toledo e as alterações que ocorreram na dinâmica regional a partir da instalação das indústrias de alimentos.

Sendo assim, no primeiro capítulo apontam-se alguns questionamentos sobre a relação de gênero com o trabalho, observando quais são as estratégias capitalistas utilizadas para usufruir do trabalho feminino.

Em função disso busca-se averiguar como ocorreu a trajetória da mulher no mercado de trabalho, enfatizando os fatores que contribuíram para aumentar a precarização do trabalho feminino.

Nessa perspectiva, no primeiro capítulo procura-se indagar qual é o sentido do trabalho para o trabalhador e como este adquiri novos conceitos e imposições. Assim pretende-se identificar qual é o sentido do trabalho para as mulheres da microrregião de Toledo que buscam o emprego formal com o intuito de abandonar a informalidade.

No segundo capítulo discute-se alguns aspectos sobre o processo de expansão capitalista que vem se intensificando no Oeste do Paraná, bem como averiguar de que maneira isso tem proporcionado alterações sobre a organização do trabalho, enfatizando o que ocorreu quanto à oferta de postos de trabalho e as exigências para com os trabalhadores.

Assim também pretende-se demonstrar os fatores que contribuíram para a ampliação das indústrias de alimentos na Mesorregião Oeste do Paraná, enfatizando o avanço do agronegócio na região por meio das cooperativas agrícolas.

Já no terceiro capítulo, apresenta-se as estratégias utilizadas pelo capital na Microrregião de Toledo e as suas singularidades quanto a inserção da mulher no mercado de trabalho. Isso possibilitou analisar quais são os impactos sobre a trajetória, o perfil e as dificuldades encontradas pelas mulheres ao se inserirem no mercado formal de trabalho.

**CAPÍTULO 1–DISCUSSÕES**  
**SOBRE O TRABALHO**  
**FEMININO**

## **CAPÍTULO 1–DISCUSSÕES SOBRE O TRABALHO FEMININO**

Com o desenvolvimento do modelo capitalista de produção, a exploração do trabalho feminino passou a ser estratégica para o processo de acumulação. Isto porque, em determinados ramos e setores, existe preferência pela mão de obra feminina, principalmente porque esta se adapta mais facilmente às extensas jornadas de trabalho com o pagamento de baixos salários, quando comparada aos homens, conforme Lobo (2011).

A exploração do trabalho feminino durante a Segunda Revolução Industrial se tornou interessante para o processo de acumulação capitalista, principalmente devido à divisão sexual de funções, às extensas jornadas de trabalho e a diferença salarial entre homens e mulheres, ocorrendo em muitas fábricas o predomínio da mão de obra feminina em detrimento da mão de obra masculina.

A questão de gênero, no mundo do trabalho, passa a ser bastante polemizada a partir da exploração do trabalho feminino no espaço fabril. Isto proporcionou uma série de alterações no cotidiano das mulheres e de suas famílias, visto que a mulher passa a participar da renda familiar e acumular uma dupla jornada de trabalho, na qual concilia as atividades da fábrica com os afazeres domésticos e ainda o cuidado com os filhos.

Em função disto, cabe apontar alguns questionamentos sobre a participação da mulher no mercado de trabalho, com o intuito de identificar os fatores que contribuíram para a inserção da mulher no mercado de trabalho, quais são as transformações no cotidiano das trabalhadoras, as dificuldades enfrentadas quanto às diferenças salariais em relação aos salários masculinos e o preconceito no ambiente de trabalho.

Assim, o primeiro item no respectivo capítulo busca apontar qual é o sentido do trabalho para o trabalhador e como o trabalho vem sendo redefinido a partir da expansão capitalista.

O segundo item do capítulo visa apontar alguns argumentos sobre a relação da mulher com o trabalho e como esta relação vem se alterando a partir dos avanços do capitalismo e a utilização do trabalho feminino no espaço fabril.

Já o terceiro item apresenta tem como objetivo destacar como o trabalho feminino se tornou estratégico para a expansão capitalista, bem como demonstrar quais são as transformações evidenciadas na rotina das trabalhadoras ao se inserirem no espaço fabril.

O quarto item, no respectivo capítulo, busca demonstrar quais foram as alterações provocadas pela expansão capitalista, em nível de Brasil, e como este processo se encontra articulado à divisão sexual e territorial do trabalho.

Desta forma, no quinto item deste capítulo se apresentam argumentos sobre o trabalho feminino no contexto contemporâneo, com o intuito de identificar quais as transformações que podem ser observadas no mundo do trabalho a partir da intensificação da exploração do trabalho feminino.

### 1.1 – O SENTIDO DO TRABALHO E A RELAÇÃO COM O CAPITALISMO

Ao refletir sobre os fatores que colaboram para que o ser social realize algum tipo de trabalho constatou-se que este, inicialmente, trabalha para sua sobrevivência, como, por exemplo: a produção de seu próprio alimento, a construção de sua moradia para se abrigar do frio e a fabricação de objetos que auxiliam no suprimento de algumas de suas necessidades.

Com relação ao sentido do trabalho para o ser humano, cabe citar as palavras de Antunes (2005, p. 13): “o trabalho é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”. Desse modo, o trabalho foi fundamental no processo de formação do ser social, visto que a necessidade de sobrevivência contribuiu para que ocorresse esse processo de evolução.

Percebe-se que o homem consegue suprir suas necessidades para garantir sua sobrevivência por meio do trabalho, pois este possui conhecimento para usar e adaptar os recursos naturais em benefício próprio. Assim, a natureza passa a ser a matéria prima que é adaptada para atender aos anseios do homem.

[...] o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua ação, medida, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. (MARX, 1984, p. 149)

O homem é responsável por mediar o quanto a natureza será útil para o desempenho de suas atividades e identificar quais serão as melhores técnicas para a extração dos recursos naturais.

A capacidade de usar e modificar a natureza para suprir as necessidades, muitas vezes criadas pelos homens, é fruto do fato que este se distingue dos demais animais por ser racional e realizar suas atividades de forma consciente, visando um resultado. Portanto, a utilização da natureza no processo de trabalho sempre tem como intuito a concretização de um objeto, ou o suprimento de alguns anseios criados pelo homem.

Neste sentido, Marx (1984) assinala que o trabalhador não utiliza a natureza como um ato isolado, visto que é exigida a vontade orientada a um fim, a qual é manifestada como atenção durante todo o tempo de trabalho.

O anseio pelo trabalho, citado por Marx, refere-se à pretensão de aprendizagem, que se torna essencial para o desempenho de atividades e a busca pelo desenvolvimento de novos produtos. Assim, verifica-se que um dos sentidos do trabalho, para o ser humano, pode estar atrelado ao resultado final do seu esforço.

O trabalho humano apresenta algumas distinções com relação aos demais animais, porque, além da capacidade de produção de excedentes, há o aprendizado contínuo com o exercício do trabalho, favorecendo a adaptação às condições adversas do meio. Sendo assim, ao analisar o sentido do trabalho para o homem, verificou-se que o primeiro fator que o leva a trabalhar é a necessidade de sobrevivência, seguida do aprendizado de novas habilidades. No entanto, com os avanços da sociedade, o homem passou a refletir sobre a exploração do trabalho alheio e, assim, começou a explorar o trabalho, principalmente, das pessoas mais pobres.

Cabe salientar que essa exploração do trabalho era bastante intensa e, em muitos casos, os trabalhadores não recebiam nenhuma remuneração pela atividade realizada, como é o caso do trabalho nos feudos e o trabalho escravo, no qual o trabalhador exercia atividades em troca de alimento que garantissem sua sobrevivência.

É por meio da exploração do trabalho alheio que vão surgindo novas expressões quanto ao significado da palavra trabalho, na qual se pode destacar o trabalho alienado, trabalho estranhado, bem como passa a se tornar corriqueira as palavras patrão e empregado.

A partir da exploração da força de trabalho, o homem começa a perceber que a atividade realizada por ele esta gerando excedentes que ficam para o seu patrão, o que também proporciona algumas alterações no sentido do trabalho para o trabalhador que esta sendo explorado.

O sentido do trabalho muda a partir da exploração do trabalhador, visto que este se depara com a necessidade de produção em larga escala para ter uma gratificação melhor e continuar empregado no mercado de trabalho.

Ponderando o processo evolutivo da sociedade, por meio da exploração do trabalhador, ressalta-se que esta se encontra atrelada à utilização do conhecimento para o desenvolvimento de novos instrumentos de trabalho e objetos que possam suprir as necessidades humanas.

Diante dessa lógica também é pertinente expor que, as pessoas que dominam o conhecimento, na maioria das vezes, são exploradas por outras e assim vendem seu saber para os donos dos meios de produção, já que o princípio fundante da relação capital – trabalho é a propriedade privada, conferindo ao proprietário o direito de controlar o processo produtivo e apropriar-se de seu resultado.

Diante disso, Marx (2010, p. 100-101) apresenta algumas ressalvas sobre o valor do trabalho e a utilização deste como uma mercadoria que se torna passível de troca:

[...] uma mercadoria tem um valor porque é uma cristalização de trabalho social. A grandeza de seu valor, ou seu valor relativo, depende da maior ou menor quantidade dessa substância social que ela encerra, quer dizer, da quantidade relativa de trabalho necessária à sua produção. Portanto, os valores relativos das mercadorias são determinados pelas correspondentes quantidades ou somas de trabalho empregados, realizado, fixados nelas. As quantidades correspondentes de mercadorias, que podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho, são iguais. Ou, de outro modo, o valor de uma mercadoria, assim como a quantidade de trabalho incorporada em uma está para a quantidade de trabalho incorporada em outra.

Sendo assim, observa-se que o valor do trabalho vai depender da importância que o produto final vai apresentar para a sociedade, bem como da quantidade de trabalho necessária para a finalização do produto.

Quanto ao valor do trabalho, verifica-se que este pode apresentar um duplo sentido, pois o valor de uso existente nas mercadorias altera sua condição quando este passa a ser comercializado. Ao ser disponibilizado para o mercado consumidor o produto assume um valor de troca que, ao se hegemonizar no processo de produção, altera profundamente a natureza do trabalho, tornando a própria força de trabalho uma mercadoria.

Ao fornecer a sua força de trabalho para o capitalismo o trabalhador passa a receber um salário correspondente às horas trabalhadas para a realização da função que lhe é designada.

Neste sentido, dentro da lógica capitalista, o salário serve para que o trabalhador possa sustentar as necessidades de sua família. Conforme exposto por Luzineide, 38 anos,

trabalhadora do frigorífico da Copagril, “o meu salário é baixo, mas dá para comprar algumas coisas diferentes para as crianças, como: roupas, calçados, celulares e computador”<sup>1</sup>.

Alguns objetivos estipulados pela lógica capitalista encontram dificuldades em sua manutenção, porque os salários pagos aos trabalhadores, em sua maioria, não são suficientes para suprir as suas necessidades. Assim, muitas vezes, toda a família acaba se inserindo no mercado de trabalho com o propósito de garantir seu próprio sustento.

Ao entrevistar a trabalhadora Mariclei, 40 anos, trabalhadora do frigorífico da BRF Sadia, ela expõem que “eu, o marido e o filho trabalhamos e têm meses que juntando todos os salários a gente passa apertado”<sup>2</sup>.

Apreciando o fato de que o trabalhador, em sua maioria, não recebe o salário condizente a todo o trabalho realizado para a produção de determinados objetos, verifica-se que esse deixa de possuir sua própria capacidade de trabalho, visto que ela passa a ser controlada pelo capitalista.

Assim, o capitalista passa a se apropriar do resultado do trabalho alheio, com a finalidade de comercializar o produto fabricado pelos trabalhadores. Diante disso, Bravermann (1987, p. 79) aponta que:

[...] a força de trabalho converteu-se numa mercadoria. Suas utilidades não são mais organizadas de acordo com as necessidades e desejos dos que a vendem, mas antes de acordo com as necessidades de seus compradores que são em primeiro lugar, empregadores à procura de ampliar o valor de seu capital.

A partir desta reflexão, pode-se dizer que o capitalismo proporcionou algumas alterações no sentido do trabalho para o ser humano. Isto porque, o homem, ao ser empregado em uma fábrica, deixa de trabalhar para suprir suas necessidades e passa a vender sua força de trabalho.

Ao se deparar com as regras e metas estipuladas pelos capitalistas, que objetivam o aumento da produtividade, o trabalhador começa a perceber que o sentido do trabalho se tornou diferente, sendo que ele precisa exercer seu trabalho conforme o estipulado pelo proprietário da fábrica e não de acordo com a sua vontade.

---

<sup>1</sup>Luzineide. Entrevista em 10 de dezembro de 2013. Trabalhadora de Pato Bragado. Informação verbal cedida quando perguntado o que mudou em sua vida a partir do emprego no frigorífico, conforme questionário no apêndice I.

<sup>2</sup>Mariclei. Entrevista em 13 de julho de 2013. Trabalhadora de Ouro Verde do Oeste. Informação verbal cedida quando perguntado o que mudou em sua vida a partir do emprego do frigorífico, conforme questionário no apêndice I.

No entanto, pode-se dizer que o sentido do trabalho é alterado a partir da exploração do trabalho alheio, pois o trabalhador não tem mais autonomia sobre a atividade que deseja realizar, os horários e os procedimentos utilizados.

Diante do processo de exploração do trabalho alheio é possível averiguar que ocorre a captura da subjetividade e a alienação dos trabalhadores, uma vez que estes necessitam dedicar mais horas do dia para o trabalho e, em inúmeros casos, o trabalhador fica distante da família.

Esses fatores se tornam pertinentes para o trabalhador refletir sobre o sentido do trabalho, se é interessante para ele passar várias horas do dia distante da família, realizando uma atividade que não o satisfaz, bem como, refletir sobre a viabilidade de conseguir um emprego que fornecesse um salário digno e melhores condições de trabalho. Nesta perspectiva, cabe ressaltar que o sistema capitalista proporciona transformações que vão além de alterações do sentido do trabalho para o trabalhador, entre as quais é perceptível que algumas necessidades são criadas e recriadas por esse sistema econômico, bem como, o anseio por sempre almejar melhores condições financeiras que possam contribuir para o suprimento dessas necessidades.

Ao considerar que o homem trabalha inicialmente para suprir suas necessidades de sobrevivência, verifica-se que, sob o viés capitalista, o sentido do trabalho se relaciona ao desejo dos trabalhadores em alcançar certa ascensão econômica. Este desejo, para a lógica capitalista de produção, torna-se vantajoso, uma vez que o trabalhador é incentivado a intensificar sua jornada de trabalho para receber uma remuneração mais elevada.

Assim, apresenta-se uma contradição quanto ao sentido do trabalho para o trabalhador e, às vantagens deste para os donos dos meios de produção. Isto ocorre porque, ao intensificar sua jornada de trabalho em busca de uma ascensão econômica, o trabalhador está beneficiando, mesmo que de maneira indireta, o proprietário da empresa com o aumento da produtividade e lucratividade.

É possível averiguar que, mesmo buscando uma ascensão econômica, o trabalhador continua sendo explorado pelos donos dos meios de produção, por meio de intensas jornadas de trabalho e o pagamento parcial do trabalho realizado na fábrica. Nas palavras de Oliveira:

Como o trabalhador tem a capacidade de produzir mais do que aquilo que necessita para viver, o capitalista faz retornar ao trabalhador, sob a forma de salário, apenas aquela parte do valor produzido (obviamente convertido em dinheiro) para que ele (o trabalhador) adquira no mercado o que precisa para reproduzir-se como trabalhador, ou seja, para que ele continue trabalhador, e

assim continue também vendendo sua força de trabalho para o capitalista. (OLIVEIRA, 1986, p. 61)

A partir desta reflexão, novamente nos deparamos com uma contradição em relação ao sentido do trabalho para o trabalhador no sistema capitalista de produção, visto que mesmo intensificando sua jornada de trabalho ele não recebe salário condizente à força empregada para a realização das atividades.

Sendo assim, observa-se que ao longo do processo de evolução da humanidade ocorreram alterações com relação aos fatores que levaram o homem a exercer algum tipo de trabalho. Porém, é possível averiguar que, quando se inseria a exploração do trabalho alheio, o sentido do trabalho começa a se contrapor, uma vez que os detentores dos meios de produção utilizam o trabalho alheio para aumentar seu patrimônio, enquanto que os trabalhadores buscam um emprego para garantir sua sobrevivência.

## 1.2 – A MULHER E O TRABALHO

Ao examinar a trajetória da mulher como trabalhadora, observa-se que esta já foi intensamente discriminada: com agressões morais no ambiente de trabalho, extensas jornadas de trabalho e diferença salarial com relação aos salários do homem trabalhador.

Sobre este mote, Leal (2013, p. 03) destaca que “desde a criação do homem, a mulher tem sido contemplada com a ideia de uma suposta inferioridade natural”. É com base nesta suposta inferioridade feminina que as mulheres sofrem com uma série de preconceitos que permeiam a sociedade.

Mesmo frente a uma sociedade preconceituosa, a mulher nunca se afastou do trabalho, pelo contrário, essa submissão da mulher em relação ao homem foi aproveitada como um pretexto para utilizar o trabalho feminino com maior intensidade em determinadas atividades. Nesse sentido, Nogueira (2010, p. 200) aponta que “desde os primórdios da divisão social do trabalho, tanto a mulher livre quanto a mulher escrava tinha o seu espaço de trabalho pertencente à esfera doméstica”, já atrelada às divisões de tarefas, entre homens e mulheres, considerando que em muitas sociedades cabiam às mulheres os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos e o plantio das lavouras.

Coaduna-se com essas reflexões o autor Macedo (1999, p. 34 - 35) cuja premissa afirma que “o excedente feminino era, na aristocracia, relegado aos conventos, e entre o povo,

ao mundo do trabalho. Quando solteira, a moça ajudava os pais, casada, ajudava o marido, viúva, trabalhava sozinha para sobreviver”. De tal modo, percebe-se que existia uma distinção entre as tarefas que eram realizadas pelas mulheres da aristocracia e pelas mulheres pobres, isto porque as mulheres de classe mais abastadas se dedicavam a realizar seus estudos em conventos, enquanto as mulheres pobres não possuíam acesso as escolas e necessitavam se dedicar à realização de várias atividades sob a vigilância dos homens.

Sobre a atuação da mulher no mercado de trabalho nos sistemas econômicos que antecederam ao capitalismo, pode-se afirmar que a mulher de classe baixa sempre esteve envolvida com o trabalho, conforme observado nas palavras de Saffioti (2013, p. 61 – 62).

Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas; nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental.

A partir desta reflexão, pode-se dizer que principalmente o trabalho das mulheres pobres sempre foi fundamental para garantir sua sobrevivência e de sua família. Cabe ainda ressaltar que o trabalho realizado pela mulher, na maioria dos casos, era supervisionado pelos homens, o que demonstra ainda mais a submissão da mulher em relação ao homem.

A submissão do trabalho feminino em relação ao masculino é algo que ultrapassou os sistemas econômicos pré-capitalistas, visto que atualmente, em várias empresas, ainda é possível averiguar que os cargos de chefia, e com salários mais elevados, são ocupados por homens.

Fato este que pode ser encontrado nos frigoríficos da Microrregião de Toledo, sendo que, conforme Zilda, atualmente trabalhadora do frigorífico da BRF Sadia e que já trabalhou no frigorífico da C.vale, “a maioria das mulheres empregadas ocupam o cargo de auxiliar de produção e são chefiadas por homens”<sup>3</sup>. Diante disto, percebe-se que, mesmo lutando muito por igualdade de oportunidades frente ao mercado de trabalho, a mulher ainda continua sendo discriminada e desvalorizada para ocupar os postos de trabalho de chefia, com salários mais elevados.

Ainda sobre a relação da mulher com o trabalho na Idade Média, Forge e Davis (1994 apud NOGUEIRA, 2004, p. 07) apontaram que:

---

<sup>3</sup> Zilda. Entrevista em 21 de novembro de 2013. Trabalhadora de Vila Nova. Informação verbal cedida quando perguntado por que o frigorífico emprega mais mulheres do que homens, conforme questionário no apêndice I.

Nesse período que antecede a Revolução Industrial, vivenciou-se um momento muito turbulento, de grandes mudanças políticas, econômicas religiosas e culturais, modificando profundamente as relações entre o homem e a mulher e também acentuando as profundas desigualdades entre as classes.

A partir destas reflexões, pode-se dizer que ocorreram, no período que antecede a I Revolução Industrial, uma série de alterações que interferiram diretamente sobre o modo de pensar e agir das mulheres, principalmente nas classes mais baixas, nas quais se torna evidente a necessidade de sobrevivência, fator que contribui diretamente para inserção da mulher no mercado de trabalho.

Saffioti (2013, p. 66) vai ao encontro dessas reflexões quando ressalta que “na passagem do modelo feudal de produção para o modelo capitalista, este ônus social pesará sobre os estamentos inferiores da antiga ordem, que, progressivamente, se vão constituindo como classes sociais subprivilegiadas”.

Assim sendo, salienta-se que a passagem do modelo feudal de produção para o modelo capitalista é marcada pela dominação de classes e gênero, a qual, a partir da utilização das máquinas, obrigou muitos camponeses a migrarem para as cidades e, as mulheres, a se sujeitarem ao trabalho industrial.

Sobre a intensificação dos processos migratórios e a utilização do trabalho feminino nas fábricas, Nogueira (2004, p. 07-08) assegura que:

Em relação ao trabalho da mulher na Idade Moderna, deparamo-nos com a migração campo-cidade, processo que se acentua a partir da consolidação da burguesia e do início da Revolução Industrial, o que vem ressaltar no surgimento do proletariado feminino. No entanto algumas mulheres, nas suas tentativas de ingressarem nas fábricas, ainda têm sua força de trabalho recusada pelos homens em virtude do preconceito, fazendo com que elas se voltassem para o espaço do trabalho doméstico, especialmente trabalhando nas casas de outras mulheres pertencentes à burguesia.

Para tanto, a relação da mulher com o trabalho remunerado passa a ser mais corriqueira a partir da I Revolução Industrial, sendo que as mulheres, ao migrarem para as cidades, depararam-se com a necessidade de serem assalariadas para garantirem a sua sobrevivência diante do mundo capitalista.

Assim, na interpretação de Nogueira (2004), percebe-se que a mulher, ao tentar se inserir no mundo capitalista por meio do trabalho, sofria com uma série de preconceitos que limitava a presença feminina neste meio.

Esse preconceito era evidenciado, principalmente, pelos donos dos meios de produção, os quais não aceitavam a ideia de que as mulheres poderiam realizar atividades que, até o momento, eram típicas do trabalho masculino. Dessa maneira, verifica-se que o processo de inserção da mulher no trabalho fabril foi excludente e desigual em relação à inserção masculina na mesma atividade.

Além da questão do êxodo rural, o qual impulsionou vários fluxos migratórios para as cidades, a I Revolução Industrial é marcada pelo surgimento da máquina a vapor, fato que proporcionou inúmeras alterações quanto à organização do trabalho no espaço da fábrica e fora deste, com a preferência pelo trabalho das mulheres e das crianças. Sobre esta questão, recorreremos às palavras de Marx:

Tornando-se supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças. Assim de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família do trabalhador, sem distinção de idade ou sexo, sob o domínio direto do capital. (MARX, 1971, apud NOGUEIRA, 2010, p. 200-201).

A partir da concentração do trabalho nas fábricas e a utilização da maquinaria, verifica-se que o trabalho das mulheres e das crianças passou a ser importante para o processo de acumulação capitalista, visto que este, ao se inserir no mercado de trabalho, passa a ser facilmente dominado pelo processo de acumulação de capital. Desse modo, verifica-se que o trabalho feminino nas fábricas, a partir do advento do capitalismo, passa a ser utilizado como uma mão de obra facilmente explorável e com maior rentabilidade do que a masculina, levando em consideração as habilidades femininas para o desempenho de determinadas funções e o pagamento diferenciado de salários.

A partir destas reflexões, pode-se afirmar que, a partir da I Revolução Industrial, o trabalho feminino se torna uma importante estratégia para a acumulação de capital, visto que se encontra atrelado à exploração dessa mão de obra em relação à masculina.

Sobre esta temática, pode-se utilizar o conceito de Nogueira (2006 fala a página porque você fez uma citação direta) no qual a autora aponta que, a partir do advento do capitalismo, ocorre uma “divisão sexual desigual do trabalho”, isto porque as mulheres, em muitos casos, lidam com a questão da diferença salarial e, muitas vezes, não ocupam os cargos de chefia e acabam acumulando a realização das atividades domésticas. Em função

disso, verifica-se que, a partir das sociedades pré-capitalistas, para a sociedade capitalista, ocorreu uma série de alterações na relação da mulher com o trabalho, as quais implicam em transformações, econômicas, políticas e culturais que se desenrolaram ao longo dos séculos XX e XXI continuam até os dias atuais.

### 1.3 – O TRABALHO FEMININO COMO ESTRATÉGIA DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL

Foi a partir dos avanços tecnológicos, os quais foram evidenciados a partir da 1ª Revolução Industrial, verifica-se que o trabalho feminino passou a ser utilizado de maneira intensa pelo processo de acumulação capitalista.

Ao longo do processo de transformação tecnológica, que vêm sendo posta em evidência, desde a 1ª Revolução Industrial, o trabalho feminino, principalmente das mulheres de classe baixa, é utilizado nos mais variados setores da economia, fato este que se relaciona com as mudanças culturais, sociais e econômicas que ocorreram juntamente com o processo de revolução industrial. Nesse sentido, Probst (2003 apud D' Alonso, 2008, p.04) destaca que “com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com o desenvolvimento tecnológico, boa parte da mão de obra feminina foi transferida para as fábricas”.

A utilização da tecnologia frente ao processo de industrialização proporcionou uma série de alterações que foram diretamente refletidas na organização do trabalho no espaço fabril e nas relações familiares e sociais que ocorreram de maneira simultânea com relação aos avanços tecnológicos. As principais alterações que podem ser vistas, no que toca os avanços tecnológicos e a utilização do trabalho feminino, ocorreram na maneira como o trabalho é realizado, isto porque o trabalho deixou de ser artesanal e passou a ser realizado em larga escala no espaço da fábrica.

Nesse sentido, ao analisar o ingresso da mulher no espaço fabril, D' Alonso (2008, p. 04) destaca em seu artigo que o trabalho fabril realizado por mulheres no início do século XX possuía “jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns”. Em função das várias horas dedicadas ao trabalho fabril, pode-se concluir que as mulheres passaram a ter pouco tempo para se dedicar aos afazeres domésticos, os quais, historicamente, já eram considerados como deveres do sexo feminino.

Frente a este processo de ingresso das mulheres no mercado de trabalho, Amaral (2012, p. 07) destaca que “o incremento da participação feminina no mercado de trabalho

trouxe para o mundo produtivo um número significativo de mulheres maduras, casadas e com filhos, o que gerou outro grande desafio em relação ao trabalho feminino: a reformulação da organização familiar”.

Para tanto, com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, o tempo dedicado aos filhos e a casa passou a ser reduzido, fato que também proporcionou alterações sociais quanto à divisão das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Mas mesmo com a necessidade de se repensar e dividir os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, em inúmeros casos, estas atividades ainda recaem sobre as mulheres. Com relação ao ingresso da mulher no mercado de trabalho e a divisão dos afazeres domésticos cabe ressaltar que historicamente o trabalho doméstico era destinado para as mulheres.

O ingresso da mulher no mercado de trabalho acaba proporcionado, para as mulheres, o acúmulo de uma dupla jornada de trabalho, as quais, muitas vezes, não queriam abrir mão dessa dupla jornada de trabalho, pois queriam mostrar, ou provar de alguma forma que conseguiriam conciliar todas as atividades e, também, devido ao machismo enraizado na sociedade o qual não aceitava que os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos fossem divididos entre os membros da família.

Nesse contexto, observa-se que o ingresso da mulher no mercado de trabalho, no final do século XIX e início do século XX, encontrava-se limitado por uma questão de moralidade social. Nesta perspectiva, frente à importância da moralidade social e a relação com o trabalho feminino, Rago (2000, p. 585) assinala que a sociedade acreditava que:

O trabalho da mulher fora de casa destruía a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e a educação infantil seria prejudicada, já que as crianças cresceriam sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar, assim como poderiam deixar de se interessar pelo casamento e pela maternidade.

Assim, entende-se que a sociedade no início do século XX possuía uma série de preconceitos com relação ao trabalho feminino no espaço fabril, sendo que considerava o ingresso da mulher no mercado de trabalho um fator condicionante para a desestruturação familiar. A justificativa para tal pensamento era a de que a mulher não teria mais o mesmo tempo para se dedicar ao cuidado com os filhos e os afazeres domésticos, as quais, historicamente, são tarefas consideradas exclusivas do sexo feminino.

Em função do preconceito para com o trabalho feminino, que era explícito no ambiente familiar e no espaço fabril no início do século XX, Rago (2000, p. 585) afirma que

“pelo pensamento médico vitoriano e por concepções religiosas, as elites intelectuais e políticas do começo do século XX procuraram redefinir o lugar das mulheres na sociedade”.

Nas interpretações de Rago (2000), observa-se que para o ingresso da mulher no mercado de trabalho seria necessário algumas alterações para redefinir o papel da mulher na sociedade. Dessa forma, também se tornou necessário a redefinição do papel da mulher no ambiente doméstico, o que foi se tornando concreto com uma série de alterações que interferiram direta ou indiretamente no modo de pensar e agir da população. Assim, observa-se que mesmo com alterações econômicas, sociais e culturais - as quais contribuíram para o ingresso da mulher no mercado de trabalho - é possível averiguar que a maioria das trabalhadoras continua exercendo uma dupla jornada de trabalho, intercalando o trabalho fabril com o doméstico.

Sobre este acúmulo de atividades, cabe destacar que foi possível observar, a partir dos questionários aplicados para as trabalhadoras dos frigoríficos da microrregião de Toledo, que: das 90 mulheres que responderam as questões apenas 27 apontaram possuírem ajuda dos esposos, ou filhos, para a realização das atividades domésticas. Desse modo, verifica-se que atualmente as mulheres, principalmente as que recebem um salário baixo, ainda possuem uma dupla jornada de trabalho, o que torna jornada de trabalho dessas trabalhadoras muito mais exaustivas, comparada à jornada de trabalho masculina.

Além do acúmulo de uma dupla jornada de trabalho, cabe ressaltar que com o ingresso da mulher no trabalho fabril e os avanços de métodos contraceptivos, as mulheres passaram a ter menos filhos, o que contribuiu para reorganizar as relações familiares, pois que o número de membros das famílias se tornou reduzido.

Nesta perspectiva, Fleck e Wagner (2003) ressaltam que o modelo de família que considerava uma divisão de papéis, no qual o homem era responsável pelo trabalho remunerado e a mulher pelos afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, deixa de ser tão evidente na realidade do século XX, devido às transformações econômicas, sociais e culturais que vêm afetando a população.

Sobre estas transformações, Hoffmann e Leone (2004, p. 36) abalizam que “a partir da década de 1970, intensificou-se a participação das mulheres na atividade econômica em um contexto de expansão da economia com acelerado processo de industrialização e urbanização”. De tal modo, pode-se dizer que as alterações que ocorreram com o ingresso da mulher no mercado de trabalho são resultantes dos avanços tecnológicos que contribuíram para com a modernização agrícola, a qual proporcionou a migração para os centros urbanos, o que gerou uma série de transformações no ambiente familiar, visto que, para conseguir

garantir as necessidades básicas da família, a maioria dos membros desta ingressou no mercado de trabalho.

Para tanto, as transformações econômicas e tecnológicas que passaram a ser evidentes a partir da década de 1970 foram fundamentais para a inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como para a intensificação de postos de trabalho destinados as trabalhadoras do sexo feminino. Nas palavras do estudioso Kartchevsky:

A integração permanente das mulheres enquanto assalariadas nas sociedades capitalistas vai certamente em direção a uma transformação da relação salarial, já em marcha a partir do final da 1ª Guerra Mundial, haja vista as diversas reestruturações por que passou o sistema capitalista. Tal inserção, certamente, não é de pouca importância para o desenvolvimento do aparelho produtivo, principalmente a partir dos anos 70, com a fixação das mulheres na atividade econômica. (KARTCHEVSKY, 1986, p. 20)

A partir das afirmações supracitadas, entende-se que o ingresso da mulher no mercado de trabalho sempre esteve atrelado à questão da diferença salarial, fato que foi de suma importância para o desempenho do capitalismo e, o que a partir da década de 1970 os capitalistas utilizaram como uma estratégia para a ampliação das vagas de trabalho destinadas ao trabalho feminino.

Em função do aumento de vagas de trabalho destinadas às mulheres, Neves (2000, p.174) atribui ênfase na “concentração feminina em determinados guetos ocupacionais e, além disso, a concentração de mulheres em postos de trabalho mais instáveis e de pior remuneração”.

O ingresso da mulher no mercado de trabalho, principalmente atrelado ao aumento de postos de trabalho na década de 1970, proporcionou uma série de vantagens para o processo de acumulação capitalista. Tais vantagens, para o processo de acumulação capitalista que se sobrepõem ao trabalho feminino, ocorrem, principalmente, porque são destinados para esta mão de obra os setores industriais com maior precarização, ou seja, com extensas jornadas de trabalho, com diferença salarial considerando a questão de gênero, com cumprimento de regras estabelecidas pelos patrões).

Ao encontro destas afirmações, verifica-se que com a reestruturação produtiva houve a intensificação da produção, o aumento dos lucros e a aproximação de diferentes localidades por meio dos avanços tecnológicos e da globalização. Contudo, para o trabalhador só alterou os mecanismos de exploração do seu trabalho, visto que continua sendo explorado com grande intensidade.

A utilização do trabalho feminino foi uma estratégia que apresentou considerável expressividade para a acumulação de capital, pois se encontra atrelada à precarização e desvalorização do trabalho.

Com relação à precarização do trabalho feminino, Lima (2004) afirma que as estratégias de crescimento econômico utilizavam, e ainda utilizam, a força de trabalho feminino para a realização de atividades mal remuneradas e em condições precárias, nos quais as mulheres geralmente trabalham mais de 50 horas semanais. *Diante* disto, é possível constatar que, a partir do processo de reestruturação produtiva, o capitalismo passou a utilizar novas estratégias para a exploração do trabalho, com o intuito de aumentar seus ganhos.

Neste sentido, Hirata e Kergoat (2003, p.115) destacam em seu trabalho que o “aumento da flexibilidade da mão de obra, desemprego em massa, globalização do trabalho, trabalho imaterial, informatização e automação dos processos de trabalho [...] conduziram a rever o conceito de trabalho”. Os fatores que colaboraram para que tal conceito *fosse* revisto estava diretamente relacionado à crise de acumulação do capital que proporcionou uma realocação das empresas e dos empregos, agregados à expansão da robótica e da informática a nível global.

Associado as transformações tecnológicas que vinham ocorrendo a nível mundial, foi necessária uma reorganização da divisão sexual do trabalho, a qual contribuiu para a ocorrência de uma série de modificações no mundo do trabalho. A reorganização da divisão sexual do trabalho possibilitou uma maior flexibilidade com relação à utilização do trabalho feminino, sendo que este, em muitos casos, passou a atender as necessidades impostas pelo mercado de trabalho, principalmente frente à linha de produção.

Tendo em vista que os objetivos capitalistas sobre o trabalho feminino estavam articulados a exploração desta mão de obra, Hélèn Le Doaré (1986) aponta em seus estudos que a divisão internacional do trabalho juntamente com a divisão sexual, baseada na desvalorização do trabalho das mulheres, uniram-se para explorar a força de trabalho das mulheres dos países em desenvolvimento.

Para tanto, verifica-se que a desvalorização do trabalho feminino, que se encontra atrelada às diferenças salariais entre homens e mulheres, as quais ocorrem, supostamente, pela fragilidade feminina na realização de algumas atividades. Assim, o trabalho feminino também se torna desvalorizado porque, geralmente, associa-se tanto à realização de extensas jornadas de trabalho quanto à questão do preconceito no ambiente do trabalho. Fatores estes que a partir da década de 1970 foram fundamentais para ampliar a exploração do trabalho feminino no ambiente fabril.

Além da intensificação do trabalho feminino no espaço fabril, atrelada à utilização dessa mão de obra para ampliar o processo de acumulação capitalista, cabe relatar que, a partir da década de 1970, surgiram vários movimentos feministas os quais impulsionaram a inserção da mulher no mercado de trabalho, considerando que as mulheres passaram a lutar por seus direitos.

Tais afirmações vêm ao encontro do que foi afirmado por Liberato, Queiroz e Wajnman (1998, p. 2430 - 2431) sobre as transformações na vida das mulheres por meio da ação dos movimentos feministas, quando os autores marcam o fato de que “os movimentos feministas dos anos setenta, levaram às alterações na formação da identidade feminina, resultando em uma redefinição dos papéis da mulher de todas as classes sociais”.

Concordam ainda com estas afirmações Em função disso, Bruschini e Lombardi (2003, p. 331) destacam que o aumento de vagas de trabalho para mulheres também “é fruto de um intenso processo de modernização e de mudança cultural observada no Brasil a partir dos anos 1970, do qual faz parte a expansão da escolaridade, à qual as mulheres tem cada vez mais acesso”.

Frente ao processo de modernização tecnológica e cultural, que pode ser evidenciado a partir da década de 1970, pode-se averiguar que as mulheres passam a ampliar sua participação no mercado de trabalho, o que está diretamente ligada ao fato que elas tiveram mais acesso a educação.

Assim torna-se perceptível que o capitalismo se utilizou de diferentes estratégias para a acumulação de capital sobre o trabalho feminino, entre as quais, pode-se destacar a precarização do trabalho feminino, a divisão sexual do trabalho e os movimentos feministas que contribuíram para inserção da mulher no mercado de trabalho.

#### 1.4 – O PROCESSO DE EXPANSÃO CAPITALISTA NO BRASIL E A DIVISÃO SEXUAL E TERRITORIAL DO TRABALHO

No que toca o processo de expansão capitalista em termos de Brasil, verifica-se que, desde o início do século XX, o capitalismo vem tentando se expandir nos mais variados lugares. Com relação aos fatores que contribuíram para a expansão capitalista, Oliveira (1989, p. 20 - 21) ressalta que:

A implantação da infraestrutura de transportes significou, sem dúvida, um aumento na produtividade do trabalho do setor agroexportador, e a velocidade de sua implantação nos últimos decênios do século XIX e primeiros do século XX responde também pelo aprofundamento da vocação agrícola do País. Dificilmente, tanto a importância que o café chegou a ter na economia brasileira, quanto o próprio papel da economia brasileira na divisão internacional do trabalho do capitalismo, típica dos fins do século XIX e que se prolonga virtualmente até a Segunda Guerra Mundial.

A partir disso, entende-se que o processo de expansão capitalista passou a ser intensificado por meio das melhorias que ocorreram quanto à infraestrutura de transporte, as quais proporcionaram avanços em relação à escoação da produção, bem como, foi observado o incremento de técnicas que contribuíram para o aumento da produtividade agrícola.

Além das melhorias quanto à infraestrutura de transporte e os avanços tecnológicos, foram evidenciadas transformações quanto ao surgimento de novas relações de produção entre o meio rural e urbano e alterações quanto à exploração da força de trabalho empregada nos meios de produção.

Marini (2000, p. 126) se coaduna com estas informações ao ressaltar que “a produção capitalista supõe a apropriação direta da força de trabalho e não apenas dos produtos do trabalho”. Isso principalmente porque a lógica capitalista visa o lucro sobre a exploração do trabalho alheio.

Sobre o desenvolvimento e expansão do sistema capitalista, Oliveira (1989, p. 11) ainda ressalta que “o desenvolvimento, no sentido de expansão da economia brasileira consistirá na reafirmação ou na negação da forma de produção do valor específico do capitalismo, as diversas situações são, pois, expressões da dialética dessa forma de valor”.

Ao analisar o processo de expansão capitalista ao longo do século XX no Brasil, é possível averiguar que ocorrem momentos em que o crescimento econômico estava direcionado para o desenvolvimento da agricultura agroexportadora. Em outros momentos, o enfoque capitalista se voltava para o desempenho industrial, ou para o crescimento das agroindústrias, entre outros setores que foram essenciais para a acumulação capitalista.

Levando em consideração que o enfoque da expansão capitalista se altera de tempos em tempos, surgem alguns questionamentos sobre os métodos adotados para a acumulação de capital, pois essa expansão atinge, de maneira desigual, o território.

Nesse sentido, Silva (2011, p.17) destaca que:

No conjunto do crescimento econômico, a expansão e deslocamento do capital representaram que determinados espaços provêm condições mais propícias para exploração e, conseqüentemente, melhores níveis de lucros e

acumulação para o sistema capitalista, assim como outros espaços não apresentam tais características. Portanto, o desenvolvimento do capital não ocorre uniformemente no espaço. Sendo determinantes tais aspectos em áreas diversas, os efeitos do crescimento e expansão do capital irão refletir nas características do espaço onde houve tal expansão, bem como em regiões que não apresentarem tais níveis de crescimento capitalista.

Em função disso, é possível averiguar que o processo de expansão capitalista ocorre de maneira desigual sobre o território, principalmente porque, para esse processo, são consideradas as potencialidades de cada lugar. Assim, percebe-se que algumas regiões apresentam grande potencial para o desempenho industrial, por exemplo. Já outras regiões mostram potencialidade para o desempenho agrícola, o que, para o crescimento do sistema capitalista se torna essencial, visto que em determinados períodos são explorados os recursos de uma região e posteriormente de outra.

Cabe ainda ressaltar que esse processo de expansão capitalista proporciona uma série de alterações para as regiões em que o processo está se intensificando, principalmente com relação à questão da infraestrutura e das relações de trabalho entre patrão e empregado. Enquanto que nas regiões em que o processo de expansão capitalista é mais lento, verifica-se que estas regiões possuem poucos incentivos para melhoria no que se refere à infraestrutura. Cita-se Mezários:

O sistema do capital se articula em uma rede de contradições que só se consegue administrar medianamente, ainda assim durante curto intervalo, mas que não se consegue superar definitivamente. Na raiz de todas elas encontramos o antagonismo inconciliável entre capital e trabalho, assumindo sempre e necessariamente a forma de subordinação estrutural e hierárquica do trabalho ao capital, não importando o grau de elaboração e mistificação das tentativas de camuflá-la. (Mészáros, 2003, p.19)

Sobre as distintas formas de acumulação encontradas pelo sistema capitalista, ressalta-se que ao longo do século XX ocorreram alguns processos de reestruturação no sistema capitalista os quais também se articularam com o processo de divisão social do trabalho, questões que podemos perceber nas palavras de Oliveira:

a expansão da economia brasileira traz, em seu bojo, mudanças na divisão do trabalho entre as diversas regiões que compõem o País, além do que esse processo global envolve, ao nível de cada região, uma outra diferenciação social do trabalho (crescimento de atividades secundárias e terciárias em relação às primárias, substituição de atividades artesanais por fabris, criação de novos tipos de serviços). (OLIVEIRA, 1989, P. 40)

Diante do processo de expansão e acumulação capitalista no Brasil, verifica-se que o capital tem proporcionado uma série de alterações quanto à divisão do trabalho e o surgimento de novos postos de trabalho, principalmente em alguns setores da economia, que até meados do século XX eram pouco representativos. No entanto, para compreender quais foram os processos de reestruturação que marcaram a expansão capitalista sobre o território brasileiro a partir do século XX é interessante que se aponte alguns fatos históricos que culminaram nas transformações econômicas que ainda vêm ocorrendo no Brasil.

Cabe ressaltar que este período também é marcado pelo ingresso e a utilização do trabalho feminino no espaço industrial, as quais marcaram também mudanças na divisão social e sexual do trabalho e na relação campo-cidade.

Na interpretação de Marini (2000) sobre as transformações econômicas que ocorreram ao longo do século XX, o autor ressalta que as primeiras transformações ocorreram juntamente com o processo de industrialização evidenciado a partir de 1910, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914 e a crise mundial de 1929. Isto ocorreu principalmente porque estes fatores históricos marcaram a diminuição das importações e a valorização pela produção nacional, as quais resultaram na aceleração da industrialização.

Em relação ao processo de expansão industrial e de divisão nacional do trabalho, Oliveira (1989, p. 51) ressalta que existiam algumas hipóteses para o crescimento econômico a partir do final da década de 1940 entre os quais o autor assinala que:

A primeira hipótese consistiria em afirmar que houve uma redivisão do trabalho a partir do surto industrial no Sudeste e que afetou as regiões Nordeste e Sul. Como segunda hipótese, decorrente dessa primeira, podemos dizer que esta divisão tornou o Sudeste e o Sul mais exportadores regionais de produtos agrícolas e mais importadores de produtos industrializados do Sudeste. Do ponto de vista da exportação regional, tanto pode ter havido incremento das exportações para fora do País como incremento das exportações para outras regiões do país. (OLIVEIRA, 1989, p. 51)

Nesse sentido, é possível averiguar que o processo de industrialização, que começou a ser intensificado na década de 1940, foi fundamental para o crescimento econômico da região Sudeste e Sul, fato que se relaciona com o desempenho de cada região. Visto que a região Sudeste, a partir do processo de industrialização iniciado em São Paulo, tornou-se uma grande exportadora de produtos industriais, enquanto que a região Sul importava estes produtos e exportava produtos agrícolas.

Desta forma, verifica-se que o processo de expansão capitalista ocorreu por meio de uma interdependência entre as diferentes regiões, sendo que algumas apresentavam potencial voltado para o desempenho industrial e outras para o desenvolvimento da agricultura.

O processo de expansão capitalista a partir do final da década de 1940 e início da década de 1950 foi bastante expressivo para o crescimento econômico do país principalmente porque ocorreram transformações regionais quanto ao modo de produção e a organização do trabalho. Nesse sentido, Moreira (2011, p. 122) ressalta que “uma primeira reorientação se dá no campo das relações regionais, de modo a torná-lo coincidente com a nova divisão territorial de trabalho e de trocas”.

Em função das reorganizações que ocorrem quanto ao meio de produção e no trabalho é possível averiguar que as transformações, as quais começaram a ocorrer a partir da década de 1950, são as que proporcionaram maiores transformações para o mundo do trabalho, as quais afetaram diretamente os trabalhadores, principalmente quanto à organização dos trabalhadores no espaço fabril e a sua relação com os avanços tecnológicos, principalmente pelo fato de que o trabalho humano vinha sendo substituído por máquinas.

Sobre o governo de Juscelino Kubitschek e o processo de expansão capitalista, Marini (2000, p. 20) salienta que “a expansão econômica que se conseguiu foi apreciável; porém é preciso examinar as condições em que se produziu, para que se compreenda como evoluíram as relações de classe. Um primeiro ponto que deve ser destacado é a participação do capital estrangeiro”.

Permite-se ressaltar que o Brasil, a partir da década de 1960, obteve um expressivo crescimento econômico, principalmente atrelado à participação de capital estrangeiro, o que proporcionou significativas alterações no setor industrial, visto que por meio da utilização da tecnologia, a máquina passou a ocupar o lugar do homem. Em decorrência deste fato, também ocorreram transformações nas relações de trabalho, uma vez que os trabalhadores necessitavam-se qualificar para continuar no mercado de trabalho. Em decorrência disso, também podem ser observadas modificações quanto à relação entre as classes sociais.

A expansão do capital estrangeiro sobre o território brasileiro proporcionou uma série de melhorias com relação à questão econômica para os donos desses meios de produção, enquanto os trabalhadores não conseguiam ter acesso com relação às melhorias nas suas condições de trabalho e salários.

Nessa perspectiva, Marini (2000, p. 21) destaca que “em virtude do crescimento da intervenção do fator externo na economia e dos laços que o mecanismo da associação

estabeleceu entre esse setor e o nacional, os grupos econômicos internacionais viram crescer sua influência na sociedade política brasileira”.

A partir do processo de expansão capitalista, o qual foi intensificado na década de 1960 por meio da participação de capital estrangeiro, verifica-se que os bons resultados dessa participação culminaram no aumento da participação de várias empresas multinacionais sobre o território brasileiro, o que também proporcionou a integração e a expansão capitalista para regiões pouco exploradas.

Diante do processo de integração regional e alterações no mundo do trabalho, cabe salientar que o final da década de 1960 e início de 1970 foram marcados por profundas transformações no mundo do trabalho, isso porque o sistema capitalista se deparava com a necessidade de reorganizar as formas utilizadas para dar sequência ao processo de expansão.

Sobre esta questão, destaca-se que são vários os elementos que proporcionaram uma nova reorganização da produção e a ocorrência de transformações nas relações de trabalho, visto que estes repercutiram pelos mais variados lugares, apresentando transformações a curto e longo prazo.

Sobre a necessidade de reorganizar o processo de expansão e acumulação de capital, Antunes (2002) ressalta que essas reorganizações buscavam manter os seus fundamentos essenciais, no qual as mudanças ocorreriam somente no padrão de acumulação e não no modo de produção.

As alterações no padrão de acumulação visam maior dinamismo quanto ao processo produtivo, com o intuito de aumentar a produtividade e continuar utilizando o trabalhador de maneira que este não perceba o quanto é explorado pelo capital. No entanto, é essencial ressaltar que esse processo de expansão e acumulação foi marcado pela mundialização do capital, o que proporcionou significativas modificações para a acumulação capitalista. Sobre tal temática, Alves destaca que:

sob o impulso da mundialização do capital, houve o desenvolvimento da acumulação flexível, um novo tipo de acumulação capitalista que se impõe, cada vez mais, às corporações transnacionais. Tal modo de acumulação decorre da necessidade de o capital reconstituir sua base de acumulação. (ALVES, 2000, p. 16)

Juntamente com as transformações políticas, sociais e ideológicas que contribuíram para a ocorrência de alterações no modo de pensar e agir da população, cabe destacar que a mundialização do capital foi essencial para a reorganização do processo de acumulação e

expansão capitalista. Ainda sobre o processo de mundialização do capital, Alves (2000, p.65) destaca que:

O complexo de reestruturação produtiva sob a mundialização do capital, cujo “momento predominante” é o toyotismo, tende a impulsionar, em sua dimensão objetiva, as metamorfoses do trabalho industrial e a fragmentação de classe (cujos principais exemplos são a proliferação da subproletarização tardia e do desemprego estrutural). Surge um novo (e precário) mundo do trabalho. São novas (e cruciais) provocações do capital para o mundo do trabalho organizado. É a partir daí que emerge uma nova crise do sindicalismo moderno, de cariz estrutural, com múltiplos desdobramentos sócio históricos. (ALVES, 2000, p.65)

A mundialização do capital facilitou a instalação de várias corporações transnacionais, principalmente em países que se encontravam em desenvolvimento, o que, para o processo de expansão capitalista, foi bastante proveitoso, principalmente devido à incorporação de tecnologia e a geração de novos postos de trabalho.

No entanto, cabe ressaltar que para o trabalhador o processo de mundialização não foi tão proveitoso, visto que surgiram novas formas de exploração do trabalho, as quais passaram a exigir maior qualificação profissional e uma reorganização quanto ao espaço de trabalho no ambiente fabril. Nessa perspectiva, Pinto (2010) destaca que, a partir da década de 1970, foi promovida a utilização de inovações tecnológicas e organizacionais as quais resultaram em novas formas de produção e de circulação de mercadorias e serviços.

As inovações tecnológicas que visavam a expansão capitalista foram inseridas nas fábricas com a implantação de equipamentos sofisticados que auxiliaram no aumento da produtividade e nos produtos destinados aos consumidores.

Frente às estratégias impostas para aumentar o acúmulo de capital, Corrêa (1997, p. 203) aponta que “as novas tecnologias informatizadas têm se mostrado eficientes frente ao contexto de mercado altamente competitivo, que vem impondo, crescentemente, capacidade adaptativa às estruturas de produção”.

A utilização de novas técnicas de acumulação, a partir da década de 1970, tem proporcionado significativas modificações quanto às formas de acumulação e a organização do trabalho que são refletidas sobre os trabalhadores.

Diante do processo de expansão capitalista, que se intensificou a partir da década de 1970, verifica-se que o trabalho tende a ser impulsionado para o trabalho industrial e a fragmentação de classes, isso devido às novas exigências impostas para os trabalhadores quanto à questão do trabalho polivalente e a substituição do homem pela máquina.

O uso de novas técnicas - como é o caso da robótica - no interior das fábricas, contribuiu para o aumento do desemprego, visto que muitos trabalhadores não possuíam a escolaridade mínima exigida para o manuseio das máquinas, ou não tinham condições financeiras para se qualificarem as exigências do mercado de trabalho.

O desemprego em massa gerado pelas novas tendências capitalistas, que começaram a ser implantadas na década de 1970, colaborou para o surgimento de postos de trabalho denominados de subempregos, os quais, na maioria dos casos, são atividades onde os trabalhadores exercem suas funções de maneira autônoma e informal. Assim, as dificuldades encontradas para se manter no mercado de trabalho são refletidas no empobrecimento de milhares de pessoas que não conseguiram voltar para o mercado formal de trabalho, devido às exigências impostas para os trabalhadores.

Sobre as transformações que afetaram diretamente o mundo do trabalho, bem como as relações sociais, políticas e ideológicas a partir da década de 1970, torna-se pertinente destacar as palavras de Antunes (2002, p. 35), no qual o autor ressalta que:

O entendimento dos elementos constitutivos essenciais dessa crise é de grande complexidade, uma vez que ocorreram mutações intensas, econômicas, sociais, políticas, ideológicas, com fortes repercussões no ideário, na subjetividade e nos valores constitutivos da classe que vive do trabalho, mutações de ordem diversas e que, no seu conjunto, tiveram forte impacto.

Em função disso, pode-se afirmar que a partir da década de 1970 são averiguadas alterações no mundo do trabalho, principalmente porque ocorreu a intensificação das lutas sociais, o desemprego estrutural, a crise do “Estado do bem estar social”, juntamente com o processo de privatização, os quais interferiram diretamente no modo de pensar e agir dos trabalhadores e na necessidade de reestruturação capitalista.

Frente às transformações econômicas, sociais, políticas, ideológicas e culturais que afetavam a população, os capitalistas se depararam com a necessidade de reorganização do processo de expansão desse sistema econômico. Neste sentido, além da utilização de novas técnicas de produção, ocorreram transformações no sistema produtivo, visto que até a década de 1970 os sistemas produtivos do taylorismo e do fordismo eram predominantes e foram substituídos em parte pelo toyotismo.

Conforme Rosso (2008, p. 63) “A superprodução, os tempos de espera, os transportes desnecessários, os processos de fabricação, os estoques não vendidos, as idas e vindas perdidas e os defeitos de produção são perdas”. São considerados fatores que contribuíram

para o declínio do sistema taylorista/fordista, visto que esses modelos não atendiam mais as necessidades dos consumidores.

Ao encontro destas reflexões, Pinto (2010, p. 45) destaca que “a produção em série e em larga escala, fundamentada em unidades produtivas altamente verticalizadas e concentradoras de grandes contingentes de trabalhadores especializados, em sua maioria semiqualeificados, tornou-se uma “camisa de força” para o crescimento”.

Diante das dificuldades quanto ao processo de expansão capitalista, que são evidenciadas no final da década de 1960 e início da década de 1970, verifica-se que a utilização do toyotismo foi fundamental para regular o processo de expansão capitalista. Desta forma, também proporcionou uma série de alterações quanto ao mercado de trabalho, por meio da demissão de vários funcionários, o que contribuiu para o ingresso da mulher no mercado de trabalho.

Em função das alterações que ocorrem tanto no âmbito econômico quanto social, a partir da década de 1970, Alves (2000, p. 31) destaca que:

[...] o toyotismo não é considerado um novo modo de regulação do capitalismo, no estilo da Escola da Regulação (tal como fizeram, por exemplo, com o conceito de fordismo); o potencial heurístico do conceito de toyotismo é limitado à compreensão do surgimento de uma nova lógica de produção de mercadorias, novos princípios de administração da produção capitalista, de gestão da força de trabalho, cujo valor universal é constituir uma nova hegemonia do capital na produção, por meio da captura da subjetividade operária pela lógica do capital.

Frente à implantação do toyotismo como modelo de regulação do capital, é possível constatar que este sistema tem como meta moldar o sujeito a favor da lógica capitalista, tanto no sentido do consumismo, como no aumento da produtividade.

Sobre as características do sistema Toyota de produção, Alves (2000, p.32) lança:

Consideramos toyotismo o que pode ser tomado como a mais radical e interessante experiência de organização social da produção de mercadorias, sob a era da mundialização do capital. Ela é adequada por um lado as necessidades da acumulação do capital na época da crise de superprodução, e, por outro, ajusta-se à nova base técnica da produção capitalista, sendo capaz de desenvolver suas plenas potencialidades de flexibilidade e de acumulação da subjetividade operária. (ALVES, 2000, p.32)

Diante da expansão capitalista, que passou a ter destaque no cenário mundial a partir da década de 1970, observa-se que a escolha do sistema Toyota de produção foi fundamental para o desempenho do referido sistema econômico. Isto porque, diferentemente do sistema

taylorista/fordista, o toyotismo proporcionou alterações nas formas de acumulação de excedente.

Rosso (2008, p. 69), ao analisar o sistema toyotista de produção, aponta que “na verdade a concepção do sistema de produção, como puxado pelas demandas do mercado, mostra como é um sistema intrinsecamente voltado para a informação e para a era da inteligência”.

Avaliando que o sistema toyotista se encontrava atrelado ao uso da informação e da inteligência, é possível averiguar que muitos trabalhadores foram demitidos na década de 1970 por não possuírem o conhecimento necessário exigido para operar as máquinas que vieram em substituição ao trabalho humano.

A utilização da tecnologia e o surgimento de novos postos de trabalho que concentravam várias funções geraram uma série de investimentos para a qualificação de trabalhadores, até porque era a única forma encontrada para continuar no mercado de trabalho.

Diante das novas exigências que foram impostas para os trabalhadores quanto à questão da qualificação profissional, verifica-se que a precarização do trabalho passa a ser mais evidente nesse período, principalmente porque as escolas ainda não tinham condições de ofertar a qualificação exigida e eram poucos os trabalhadores que tinham condição econômica de pagar por um curso profissionalizante.

Fato que contribuiu para a exclusão de milhares de trabalhadores do mercado de trabalho formal e a inserção dos mesmos na informalidade, sujeitando-se, muitas vezes, a realização de atividades de alta periculosidade e sem salários fixos.

Em função das transformações que podem ser evidentes no mundo do trabalho, Thomaz Jr (2003, p. 06) destaca que:

O capital engendrou um conjunto de modificações estruturais e que dinamizaram/ estimularam o complexo de reestruturação produtiva do capital, sendo que seus impactos nos dias de hoje atingem frontalmente o processo de trabalho e a organização do trabalho, de forma diferenciada tanto em profundidade quanto em magnitude, países, regiões, atividades econômicas, setores e empresas.

Neste mesmo viés de pensamento, Corseuil e Servo (2006, p.11)

No mundo contemporâneo, por efeito de mudanças tecnológicas e do processo de globalização, os tipos de emprego estão se alterando, não apenas

em termos de qualificação requerida e salários oferecidos, mas também em termos de setores da atividade econômica e localização geográfica.

Nesse sentido, é possível averiguar que o processo de expansão capitalista, evidenciado na década de 1970, proporcionou severas alterações no mundo do trabalho, sendo que devido aos elevados índices de qualificação exigidos e o desemprego em massa, milhares de trabalhadores viram-se obrigados a viver à margem da sociedade e com sérias dificuldades para retornar ao mercado de trabalho formal.

No entanto, cabe ressaltar que além da questão da qualificação, que para os capitalistas se tornou essencial dentro do processo de acumulação de excedentes, a busca por novos lugares, setores e atividades econômicas também são elementos fundamentais para o desempenho do processo de reestruturação capitalista.

A busca por trabalhadores polivalentes fez com que ocorressem alterações no cotidiano desses operários, uma vez que eles passaram a realizar várias funções ao mesmo tempo, o que tornava o trabalho muito mais cansativo.

De tal modo, destaca-se que o processo de reestruturação produtiva, juntamente com os avanços tecnológicos que vinham ocorrendo, contribuiu diretamente com as alterações evidenciadas na organização do trabalho. Isto, de maneira geral, também interferiu em mudanças no cotidiano dos trabalhadores e na dinâmica econômica e estrutural de várias localidades que necessitaram se adequar às novas exigências capitalistas.

Nesse sentido, Catapan (1999) aponta que o século XX é marcado pela explosão da informática e das técnicas de processamento da informação, as quais produzem uma modificação sem precedentes na imagem que o homem forma de si mesmo.

Foram tão intensas as transformações que ocorreram ao longo do contexto do século XX que o homem não consegue mais se enxergar sem essas inovações tecnológicas, como, por exemplo, a energia elétrica e o uso do celular. Também ocorreram alterações na forma como o homem se vê no trabalho, isso porque ele passou a ser moldado para atender as necessidades do capital e, muitas vezes, não consegue observar o quanto é explorado.

O processo de expansão capitalista em termos de Brasil apresentou grande destaque a partir da década de 1980, isto porque proporcionou, segundo Antunes (2010, p. 14) “mutações que vêm ocorrendo no universo do trabalho, num período marcado pela mundialização, transnacionalização e financeirização dos capitais, que certamente reconfiguram o nosso universo produtivo, industrial e de serviços”.

Sobre as transformações que ocorreram no mundo do trabalho, Alves (2000, p. 139) ressalta que “o desenvolvimento do novo complexo de reestruturação produtiva no Brasil, nos anos 80, deu impulso a uma recomposição lenta, complexa (e contraditória) do mundo do trabalho nos polos industriais mais desenvolvidos”.

A reestruturação produtiva iniciada no Brasil na década de 1980 é a mais significativa entre os surtos de reestruturação vivenciados no país, pois contribuiu para a ocorrência de transformações na organização dos operários no ambiente fabril, as quais também foram refletidas no modo de pensar e agir dos trabalhadores no seu cotidiano, sendo que as jornadas de trabalho foram intensificadas e destinadas novas funções para os empregados.

Essas transformações na organização dos trabalhadores também levaram certo tempo para atingirem grande parte do território nacional, visto que foi necessário adaptar os operários a nova dinâmica organizacional do trabalho. As alterações também contribuíram para a ocorrência de mudanças no cotidiano dos trabalhadores, sendo que com a reestruturação produtiva e a utilização da robótica, milhares de operários foram demitidos e não conseguiram mais retornar ao mercado de trabalho.

Cabe ressaltar que as mudanças econômicas mundiais também apresentaram grande influência sobre o processo de expansão capitalista no Brasil, tal fato ocorreu porque o uso de tecnologias de ponta foi incorporado ao processo de produção, o que contribuíram para a flexibilização e aumento da produção.

Outro ponto fundamental para o desempenho do processo de expansão capitalista foi a instalação de várias multinacionais no território brasileiro, visto que estas possibilitaram o surgimento de novos postos de trabalho, associado à utilização de alta tecnologia e a integração de várias localidades, sendo que por meio do processo de globalização ocorreu a aproximação dos mais variados lugares.

Para tanto, verifica-se que o processo de expansão capitalista na década de 1980 apresentou algumas dificuldades para sua implantação devido à utilização de novas tecnologias frente ao processo de produção surgem novas necessidades para o mundo do trabalho. Essas necessidades foram difíceis de serem cumpridas, pois os trabalhadores não possuíam a qualificação necessária para exercerem as novas funções criadas pelas inovações tecnológicas e pelo fato de que o país enfrentava um período de crise econômica.

É importante ressaltar a tese de Alves (2000) o qual afirma que o processo de expansão capitalista é complexo e contraditório, isso porque surgiram novos tipos de empregos, mas ao mesmo tempo, milhares de pessoas ficaram desempregadas por não possuírem as exigências mínimas para ocuparem as novas vagas de trabalho.

Diante disso, percebe-se que ocorre um processo de qualificação – desqualificação - requalificação, que tem como objetivo atender as necessidades do capitalismo, isso porque a partir da reestruturação produtiva e os avanços tecnológicos surgem a necessidade de adaptação do trabalhador.

Frente à necessidade de readaptação do trabalhador, pode-se dizer que muitos que eram qualificados para exercer funções específicas se tornaram desqualificados para atender às novas exigências capitalistas, ou se viram obrigados a se requalificar, o que propicia uma situação extremamente contraditória, considerando que o trabalhador que até meados da década de 1970 era qualificado deixa de sê-lo para o processo de acumulação.

As contradições evidentes quanto ao processo de acumulação de capital a partir da década de 1980 no Brasil também são evidentes no processo de produção, visto que o uso de tecnologias avançadas contribuiu para a flexibilização, rapidez e diversificação na produção.

As mudanças na organização do trabalho são mais perceptíveis no Brasil a partir da década de 1990, com uma série de contradições que dificultaram o desempenho do novo processo de acumulação que vinha sendo implantado no território brasileiro. Nesse sentido, cabe destacar que o seu desempenho foi evidenciando no Brasil a partir da década de 1990, com a expansão destes novos paradigmas é marcada pela crise do modelo de substituição de importações implantado pela ditadura militar.

Frente ao desenvolvimento capitalista, que passou a ter destaque na década de 1990, Antunes (2010, p. 17) destaca que “a reestruturação produtiva do capital desenvolveu-se intensamente em nosso país, através da implantação de vários receituários oriundos da acumulação flexível e do ideário japonês”.

Nesse sentido, é possível averiguar que o processo de reestruturação produtiva passou a apresentar destaque a nível nacional quando foram instaladas novas estratégias para reorganização do processo de acumulação como, por exemplo, a utilização do sistema toyotista de produção.

Os benefícios que foram possíveis por meio da utilização do sistema toyotista estavam atrelados às novas formas de organização do trabalho, que geraram alterações no cotidiano dos trabalhadores e na produção, visto que as jornadas de trabalho se tornaram mais intensas, já que ocorreu o acúmulo de funções e a produção se tornaram mais flexíveis, o que facilitava a sua diversificação.

De acordo com Antunes (2010), a partir da década de 1990 foi possível averiguar um processo de descentralização produtiva o que gerou um movimento de mudanças geográfico-espaciais que buscavam lugares que apresentassem menos gastos com a produção.

Uma das alternativas encontradas para beneficiar o andamento do capitalismo no Brasil, na década de 1990, foi a realocação das fábricas para regiões que eram pouco desenvolvidas, esta estratégia buscava aumentar a lucratividade sobre os baixos salários a serem pagos aos trabalhadores e também nos incentivos fiscais ofertados pelos governadores e prefeitos.

Esse processo de realocação das indústrias é facilmente observado no território nacional, sendo que várias empresas que estavam localizadas em grandes centros industriais estão se realocando para outras regiões que são pouco desenvolvidas e exploradas pelo capitalismo.

Assim, percebe-se que para a realocação, ou até mesmo para a instalação de uma indústria, são analisadas as potencialidades de cada região onde se identificam quais serão os benefícios para a expansão capitalista. Para a implantação das várias agroindústrias no Oeste do Paraná foi averiguado o potencial agropecuário da região e verificado quais seriam as atividades que apresentariam maior destaque econômico.

Nesse sentido, pode-se destacar que o processo de expansão capitalista contribuiu para a instalação de várias indústrias do setor de alimentos e bebidas no Oeste do Paraná, apresentando destaque para a Microrregião de Toledo, que possui em seu território a instalação do Frigorífico de aves da BRF Sadia, C-vale e Copagril.

A instalação dos abatedouros na Microrregião de Toledo contribuiu diretamente para a ocorrência de alterações no mercado de trabalho, principalmente quanto à utilização do trabalho feminino e as novas exigências para com os trabalhadores.

Tais fatores ocorreram, sobretudo, porque os trabalhadores necessitavam ser adaptados para atender às necessidades da expansão capitalista e, também, porque a mão de obra feminina é relativamente abundante, de fácil adaptação e a remuneração média das mulheres é inferior a masculina na Microrregião de Toledo.

Em função disto, verificou-se que a avicultura, juntamente com a instalação de vários abatedouros no Oeste do Paraná e em especial na Microrregião de Toledo, apresentaram rendimentos expressivos para o processo de acumulação de capital, o que proporcionou várias alterações no processo de produção e na organização do trabalho.

De tal modo, destaca-se que o processo de expansão capitalista juntamente com os avanços tecnológicos que vinham ocorrendo contribuiu diretamente com as alterações evidenciadas quanto à organização do trabalho, o que de maneira geral também interferiu em mudanças no cotidiano dos trabalhadores e na dinâmica econômica e estrutural de várias localidades que necessitaram se adequar às novas exigências capitalistas.

## 1.5 – O TRABALHO FEMININO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.

Sobre as transformações que ocorreram no mercado de trabalho e que afetaram diretamente a mão de obra feminina empregada no setor industrial, Lobo (2011, p. 27) aponta que foram evidenciadas mudanças “tanto quantitativas, quanto qualitativas, que se traduziram no aumento global da porcentagem de operárias e na modificação de sua distribuição entre os diferentes ramos industriais”.

De tal modo, pode-se dizer que as transformações que vêm sendo evidenciadas no setor fabril quanto ao uso de técnicas sofisticadas para aumentar a produtividade e a aceleração do processo industrial a partir da década de 1970, têm proporcionado o ingresso da mulher no mercado de trabalho, em setores diferenciados do que os setores nos quais a presença das mulheres era corriqueira.

Com relação às alterações quantitativas e qualitativas que ocorreram no mercado de trabalho a partir da década de 1970, Lobo (2011) conclui que o trabalho feminino até a década de 1970 era empregado nas indústrias têxteis e de calçados para participarem de outros setores industriais, como o das indústrias metalúrgicas.

Ao averiguar que o trabalho feminino passou a ser utilizado por diferentes ramos industriais na década de 1970, pode-se destacar que surgiram novas formas de exploração do trabalho feminino, sendo que foram determinados novos postos de trabalho para as mulheres.

Na interpretação de Bruschini e Lombardi (2003), é possível verificar que até meados da década de 1960 a estrutura ocupacional feminina estava caracterizada por dois segmentos distintos em termos de qualificação, prestígio e menor remuneração, no qual se destacava o trabalho feminino nas indústrias têxteis ou no setor de serviços.

A partir da década de 1970, o trabalho feminino passa a ser utilizado em diversos setores da economia, pois tal aspecto se encontrava atrelado aos avanços tecnológicos e a utilização de mão de obra barata.

Neves destaca que (2000, p. 173) “a expansão da industrialização, a entrada acelerada de indústrias multinacionais na época do chamado “milagre brasileiro” e o próprio crescimento do parque industrial demandando mão de obra feminina em vários setores”, como por exemplo, nas indústrias metalúrgicas, do ramo de alimentação, no setor público e de serviços, etc.

Diante disso, verifica-se que os avanços tecnológicos contribuíram para o surgimento de um novo modelo de acumulação, que estava atrelado a utilização de elevados padrões tecnológicos, que necessitavam de pessoas qualificadas para atender os anseios dos

capitalistas. Sobre as transformações que ocorreram no mercado de trabalho, Besse (1999, p.162-163) aponta que:

As mudanças mais significativas no padrão de emprego feminino ocorreram no setor de serviços. O desenvolvimento de novas tecnologias e a expansão de órgãos do governo, empresas comerciais, serviços financeiros e comunicações proporcionou um número crescente de cargos de escritório de bom nível para mulheres com instrução da classe média e da classe baixa ascendente.

Considerando o contexto de reorganização capitalista evidenciado a partir da década de 1970 e os avanços tecnológicos, verifica-se que as mulheres atendiam às necessidades impostas pelo capital, principalmente com relação à questão da qualificação profissional, isso porque a maioria das mulheres possuía mais anos de estudo que os homens, fato que contribuiu para que as mulheres passassem a ocupar cargos que eram exclusivamente ocupados por homens.

Sobre o ingresso da mulher no mercado de trabalho com o intuito de manter a condição econômica de suas famílias, Besse (1999) destaca que até os menores salários pagos para as filhas solteiras e das viúvas eram importantes para fazer a diferença entre a sobrevivência precária e o mínimo de conforto.

No entanto, percebe-se que as transformações no mundo do trabalho, a partir do uso de técnicas avançadas, contribuíram para a ocorrência de alteração no padrão das famílias principalmente quanto à organização do lar e dos afazeres domésticos. Isso porque, em grande parte das famílias, os afazeres domésticos se tornavam responsabilidades das mulheres e, com o ingresso das mesmas no mercado de trabalho, foi necessária uma divisão das tarefas domésticas entre os casais/as famílias.

Cabe relatar que, além da necessidade de uma reorganização para definir os responsáveis pelos afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, foram demonstradas uma série de alterações comportamentais, principalmente porque os avanços tecnológicos, atrelados aos avanços da globalização, proporcionaram a integração de povos com culturas distintas, o que acarretou em alterações no modo de pensar e agir das pessoas. Desse modo, pode-se destacar que a inserção da mulher no mercado de trabalho é uma destas modificações que afetou a organização familiar, principalmente porque as mulheres se deparam com a necessidade de ingressar no mercado de trabalho.

Os avanços tecnológicos proporcionaram uma série de alterações para o mercado de trabalho, especialmente quanto à organização do espaço fabril com a utilização de máquinas sofisticadas que necessitavam de maior qualificação profissional para serem manuseadas.

Assim também ocorreram alterações na organização familiar dos trabalhadores, sendo que, a partir da década de 1970, a mulher passou a ingressar no mercado de trabalho brasileiro com grande intensidade, o que proporcionou algumas alterações principalmente porque a maioria das mulheres passou a acumular uma dupla jornada de trabalho.

Quanto às modificações observadas no cotidiano das mulheres no mercado de trabalho, cabe ressaltar que, ao buscar um emprego, as mulheres precisaram se adaptar aos horários e às atividades designadas ao trabalho designado a elas. Neste sentido, vale ressaltar as palavras de Lucivânia, 43 anos, trabalhadora do frigorífico da C.vale, “no começo era difícil, até se acostumar, porque levantava muito cedo, tinha dificuldades em aprender o trabalho, chegava tarde e fazia o serviço de casa, agora já estou acostumada e minha filha me ajuda em casa”<sup>4</sup>.

Assim, percebe-se que as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres ocorrem com relação à adaptação destas no espaço da fábrica e, em razão da dupla jornada de trabalho, que a maioria delas tende a acumular. Na fala de Lucivânia também é possível identificar certo conformismo com relação ao trabalho, sendo que esta aponta que já se acostumou a se levantar muito cedo e a realizar uma jornada de trabalho dupla.

Mesmo atrelado à precarização do trabalho, a realização de uma dupla jornada, Hirata e Kergoat (2003, p. 113) apontam que “são cada vez mais numerosas na nossa sociedade salarial as mulheres a quererem entrar e se manter no mercado de trabalho”. Fato este que ocorre porque as mulheres, ao ingressarem no mercado de trabalho, passaram a lutar por melhores salários e boas condições nos ambientes de trabalho, o que passou a chamar a atenção das mulheres que não se encontravam inseridas no mercado de trabalho, visto que estas também almejam melhores condições sociais.

Esse dinamismo quanto aos postos de trabalho ocupados por mulheres está relacionado também com as mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais que ocorrem e são refletidas no modo de pensar e agir dos trabalhadores. Isso porque, devido às próprias

---

<sup>4</sup>Lucivânia. Entrevista em 12 de janeiro de 2014. Trabalhadora de Maripá. Informação verbal cedida quando perguntado o que mudou na sua vida quando começou a trabalhar no frigorífico, conforme questionário no apêndice I.

mudanças que ocorrem na dinâmica do sistema capitalista, é possível averiguar novas funções destinadas ao trabalho feminino.

No caso do mercado de trabalho brasileiro, além da reestruturação produtiva, da divisão internacional e sexual do trabalho, do excedente de mão de obra feminina e das transformações culturais que contribuíram para a inserção da mulher no mercado de trabalho, merece destaque o fato de que a década de 1970 foi marcada pela modernização da agricultura, que contribuiu para aumentar o êxodo rural.

A modernização da agricultura no Brasil contribuiu para a inserção da máquina no campo, o que coincidiu com a expulsão do trabalhador do campo, uma vez que a máquina passou a realizar as tarefas dos trabalhadores. Considerando que não havia mais trabalho para o homem no meio rural, estes se viram obrigados a migrarem para os grandes centros urbanos.

Diante dos fatores limitantes da modernização da agricultura e a ocorrência do êxodo rural, Silva (1999, p. 138) destaca que “o fator limitante da modernização no setor camponês parece residir, fundamentalmente, na incompatibilidade entre escala mínima de produção requerida pelo novo padrão tecnológico e a insuficiência dos recursos produtivos e financeiros por parte daquele setor”.

A migração do campo para a cidade proporcionou uma série de alterações sobre o trabalho das mulheres no ambiente familiar, visto que elas se deparam com a necessidade de possuir um emprego formal para auxiliar na renda familiar.

As transformações ocorridas em meados da década de 1970 e que estavam diretamente atreladas aos avanços do capitalismo, contribuíram para a inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como, para a exploração dessa mão de obra.

O crescimento da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro foi uma das mais marcantes transformações sociais ocorridas no país desde os anos 70. Fartamente documentada pelos estudos sobre o tema e apoiada em dados, a presença das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, sobretudo o urbano, vem sendo cada vez mais intensa e diversificada e não mostra nenhuma tendência a retroceder, apesar das sucessivas crises econômicas que tem assolado o país a partir dos anos 80. (BRUSCHINI, 1994, p. 179)

Em função disso, verifica-se que a expansão do trabalho feminino no Brasil passa a apresentar maior destaque na década de 1970, com os avanços tecnológicos e o período de reestruturação produtiva.

A década de 1980 foi marcada por sucessivas crises econômicas que levaram a certa estagnação do processo produtivo, conforme Bruschini (1994, p.180) “a recessão provoca

alterações na distribuição da população economicamente ativa, que se desloca dos setores primário e secundário da economia para o terciário, que terá em toda essa década papel fundamental, evitando o desemprego”.

Dessa maneira, percebe-se que a década de 1980 foi marcada pelo declínio do setor primário e secundário, principalmente devido às crises econômicas que o país enfrentava. Mesmo em períodos de crise cabe salientar que o setor terciário continuou sua expansão, a qual foi fundamental para a presença da mulher no mercado de trabalho, sendo que muitos empregos desse setor continuaram ocupados por mulheres.

No Brasil, o surto de reestruturação produtiva que apresentou maior destaque para o desenvolvimento econômico do país ocorreu na década de 1990, associado ao modelo econômico neoliberal que foi implantado no território brasileiro.

Nesse sentido, é possível averiguar que existem inúmeras diferenças quanto ao crescimento econômico do país na década de 1980 que foi marcada por um período de estagnação econômica e produtiva e para a década de 1990 com o uso de tecnologias avançadas. Na interpretação de Hoffmann e Leone (2004, p. 49) “a década de 1990 iniciou-se com um acelerado processo de abertura econômica e com a implantação de mais um plano de combate à inflação”.

Em função disso, percebe-se que devido à estagnação econômica da década de 1980 foi necessário rever o modelo econômico implantado no Brasil e buscar novos caminhos para melhorar o desempenho econômico do país. Dentre eles, se destaca a abertura econômica para a instalação de empresas multinacionais, a privatização das empresas estatais e a utilização de técnicas avançadas para o sistema de produção.

As alterações evidenciadas no sistema produtivo e no modelo econômico da década de 1990 da mesma forma como os demais surtos de reestruturação produtiva contribuíram para a ocorrência de transformações no mundo do trabalho.

Nos anos 1990 houve a perda de postos de trabalho no setor industrial, na construção civil e em atividades predominantemente masculinas onde parte expressiva dos postos ocupados por homens foram eliminados. Isso restringiu também a inserção dos jovens, pois os postos que estes ocupavam também tendiam a desaparecer em face de incorporação de novas tecnologias de base informática. (MONTAGNER, 2004, p. 75)

Devido ao processo de reestruturação econômica e tecnológica que ocorreu no Brasil na década de 1990 é perceptível que muitos trabalhadores perderam seus empregos porque não possuíam as exigências mínimas para se manterem no mercado de trabalho.

Desta forma, a década de 1990 é marcada pelo desemprego em massa, principalmente entre homens e jovens, visto que muitos postos de trabalho foram substituídos por máquinas que apresentavam maior agilidade no processo industrial.

Diante do fato de que muitos homens e jovens se encontravam desempregados, as mulheres começaram a perceber a necessidade de contribuir para a renda familiar, em função disto, Montagner (2004) aponta o crescimento do setor de serviços, principalmente na área da saúde e educação, como contribuidores para a inserção da mulher no mercado de trabalho.

No entanto, constata-se que frente a utilização do trabalho feminino no sistema capitalista, percebe-se que os postos de trabalho destinados para mulheres continuaram crescendo, mas permaneceram ligados à precarização do trabalho, haja vista que as mulheres continuam recebendo salários inferiores aos masculinos, ocupando os postos de trabalho mais precários e ligados à informalidade.

Ainda é possível averiguar que mesmo com toda luta para a inserção da mulher no mercado de trabalho e a busca pela igualdade de direitos, o trabalho feminino continua sendo desvalorizado e atrelado às práticas que contribuem para aumentar o preconceito contra as mulheres.

[...] as profundas alterações provocadas pelas políticas neoliberais, a globalização da economia e o comércio mais livre têm agravado as já existentes desigualdades de gênero. Essa discriminação se constitui como um elemento dramático neste processo, gerando diferentes impactos para as mulheres, mesmo considerando-se que neste período houve um crescimento importante da mão de obra feminina no mercado de trabalho. (LIMA, 2004, p. 56)

Os diferentes impactos que ocorrem sobre a vida das mulheres trabalhadoras quando estas se inserem no mercado de trabalho, acontecem porque, mesmo possuindo uma escolaridade muitas vezes maior do que a masculina, as mulheres continuam recebendo salários inferiores. Além da questão salarial pode-se destacar que, mesmo apresentando as qualificações necessárias para o desempenho de algumas funções, muitas vezes elas não são selecionadas porque são mulheres.

Outra alteração muito evidente na vida das trabalhadoras sucede porque muitas mulheres, ao ingressarem no mercado de trabalho já são casadas e com filhos, acumulando uma dupla jornada de trabalho.

Assim, pode-se salientar que várias trabalhadoras necessitam conciliar o horário de trabalho com o horário que os filhos estudam porque são elas que cuidam dos filhos nos outros períodos. Fatores que podem ser evidenciados com grande destaque nos últimos anos, na Microrregião de Toledo - Estado do Paraná - tendo em vista que o mercado de trabalho a cada dia vem absorvendo mais a mão de obra feminina presente na região.

**CAPÍTULO 2 – A  
EXPANSÃO CAPITALISTA  
NO OESTE DO PARANÁ E  
AS NOVAS FORMAS DE  
ORGANIZAÇÃO DO  
TRABALHO**

## **CAPÍTULO 2 – A EXPANSÃO CAPITALISTA NO OESTE DO PARANÁ E AS NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**

O processo de expansão capitalista que ocorreu a partir do século XX é marcado por uma série de alterações econômicas e sociais que ocorreram ao longo deste século, as quais foram fundamentais para o processo de expansão e acumulação do capital.

Por meio das alterações que marcaram o processo de expansão capitalista ao longo do século XX, ocorreu uma série de alterações que foram refletidas na organização do trabalho no espaço fabril, as quais também atingiram a organização econômica e social dos trabalhadores.

Nesse sentido, o primeiro item do respectivo capítulo tem como objetivo analisar de que maneira o processo de expansão capitalista vem utilizando o trabalho feminino para a acumulação de capital, bem como investigar - a nível estadual e regional - quais são as reconfigurações que estão sendo intensificadas no mundo do trabalho a partir da utilização do trabalho feminino em larga escala principalmente nas indústrias alimentícias que vêm se expandindo no Oeste do Paraná.

O segundo item deste capítulo visa demonstrar como o processo de expansão capitalista, que vem se alastrando sobre o estado do Paraná, encontra-se atrelado ao desempenho das indústrias de alimento e bebidas. Também se busca identificar quais regiões apresentam maior destaque quanto à instalação e o desempenho econômico dessas indústrias.

O terceiro e último item do referente capítulo objetiva destacar como a expansão capitalista vem evoluindo nos últimos anos sobre a Mesorregião Oeste do Paraná e, também, identificar os fatores naturais e econômicos que beneficiaram a expansão da atividade avícola sobre a região.

### **2.1– O TRABALHO FEMININO E SUAS RECONFIGURAÇÕES A PARTIR DA EXPANSÃO DO CAPITAL NO CONTEXTO ESTADUAL E REGIONAL**

Ao longo do processo de expansão e acumulação capitalista, observa-se que a utilização do trabalho feminino vem sendo considerada uma importante estratégia de acumulação, visto que o uso desta mão de obra se encontra atrelado à realização de atividades destinadas, especificamente, para mulheres, o que implica, em muitos casos, uma

discriminação salarial e profissional. Fato este que ratifica o conceito de Nogueira (2006) sobre a divisão sexual desigual do trabalho, visto que, a maioria das mulheres que trabalham, acumulam os afazeres domésticos e ocupam menos cargos de destaque, comparado aos cargos ocupados por homens.

Essa distinção pode ser observada nos frigoríficos de aves da Microrregião de Toledo, uma vez que, das noventa mulheres que responderam os questionários, apenas oito não trabalhavam como auxiliares de linha de produção, das quais: três exercem o cargo de supervisoras, e as outras cinco trabalham na lavanderia.

Diante das distinções que ocorrem entre o trabalho feminino e masculino, Hirata e Kergoat (2003) salientam que, na sociedade patriarcal cabe ao homem o trabalho produtivo e a dispensa dos afazeres domésticos, enquanto que para a mulher esta destinado o trabalho doméstico.

A partir desse modelo de sociedade patriarcal, percebe-se como as mulheres eram submissas ao poder masculino, sendo que estas deveriam acatar as ideias impostas por seus pais e esposos. Frente a este modelo de sociedade, entende-se que existe uma divisão de funções, na qual o trabalho remunerado, na maioria dos casos, é destinado aos homens e o trabalho não remunerado, às mulheres. Isto, de certa maneira, contribui para limitar a presença da mulher no mercado de trabalho.

Sobre esta submissão da mulher, com relação à obediência às normas masculinas para a realização do trabalho, Roy (1999, p. 06) destaca que:

As transformações no mundo do trabalho atingem de forma diferenciada as mulheres e os homens, considerando a raça, a idade e a classe, e se recolocam em novos patamares a divisão sexual do trabalho. As linguagens neutras das discussões sobre o trabalho demonstram que os conceitos são fundados em normas masculinas.

A partir dessas reflexões, pode-se dizer que as transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho atingem de maneira diferenciadas os homens e as mulheres. Fato que ocorre principalmente porque a divisão sexual do trabalho se divide por meio de regras que atingem homens e mulheres de maneira desigual, atingindo, principalmente, o proletariado feminino, com a utilização de algumas práticas discriminatórias, entre as quais se destacam: a diferença salarial, a realização das atividades doméstica - sendo destinada exclusivamente ao trabalho feminino - e poucos cargos de chefia ocupados por mulheres.

Diante das distinções feitas ao se empregar homens e mulheres no mercado de trabalho, vale ressaltar que o preconceito contra a mulher é algo antigo e se encontra

associado ao fato de que durante muito tempo os critérios utilizados para a contratação de funcionários consideravam apenas os aspectos físicos e não a capacidade de desenvolvimento intelectual dos trabalhadores.

Em função disso, é possível averiguar que a mulher ao tentar se inserir no mercado de trabalho, deparou-se, e ainda se depara, com uma série de empecilhos vinculados ao preconceito quanto à utilização do trabalho feminino, principalmente porque os critérios para a contratação dos trabalhadores na maioria dos casos se encontram ligados às normas masculinas.

De tal modo, entende-se que devido às normas vigentes no mercado de trabalho as mulheres geralmente são responsáveis por ocupar cargos secundários, nos quais os salários são baixos, assim também se deparam com uma série de limitações para ocuparem os cargos de chefia.

Com relação à divisão sexual de tarefas que se apresentam em vários setores do mercado de trabalho, Leite (1982, p. 57) ressalta que:

Define-se para o homem a atividade produtiva direta e para a mulher a tarefa de reproduzir e recompor a força de trabalho. Essa divisão está institucionalizada na sociedade como um todo e se reproduz na organização do trabalho dentro das fábricas, através da divisão sexual das tarefas entre homens e mulheres.

A partir disto, a autora aponta que a divisão de tarefas está presente no cotidiano de homens e mulheres, mas, ao observar o mercado de trabalho, verifica-se que esta divisão sexual de funções pode ser encontrada com maior intensidade, provocando várias alterações quanto à organização do trabalho.

Sobre este processo de dominação de gênero com relação às atividades desempenhadas frente ao mercado de trabalho, Carvalhal (2004, p. 46) destaca que:

A dominação de classe pressupõe a dominação do gênero, este segue sendo estigmatizado ao longo do tempo e tanto homens como mulheres são explorados. Porém no caso da mulher, há uma diferencialidade, pois além da especialidade de prover a sociedade de força-de-trabalho, existe a divisão sexual do trabalho, que impõe a ela somente, a administração da casa. Há também a perpetuação na sociedade, de que ela é o sexo frágil, por isso não possui capacidade de exercer funções até então exclusivas aos homens, como as de chefe e os cargos políticos.

Ao tentar se inserir no mercado de trabalho, a mulher se depara com uma série de dificuldades, isso porque a dominação do gênero ainda é muito presente no mercado de

trabalho, pois, conforme Carvalho (2004, p. 48) isto “impõem à mulher a realização de tarefas minuciosas, que exigem muita atenção e destreza, porém muitas vezes tarefas que a isolam do convívio com outros trabalhadores”. No entanto, permite-se dizer que o trabalho feminino é utilizado em determinadas funções devido às características femininas que possam contribuir para o aumento da produtividade.

Assim ao analisar os frigoríficos de aves da microrregião de Toledo, foi possível observar, por meio das entrevistas realizadas com as trabalhadoras, que oitenta e duas, das noventa entrevistadas, trabalham como auxiliares de linha de produção no corte de aves, atividade que exige do trabalhador agilidade e destreza.

Sobre a atividade realizada pelas mulheres nos frigoríficos da microrregião de Toledo, cabe salientar a fala de Gerusa, trabalhadora do frigorífico da C.vale: “é bem cansativa porque você precisa cortar a asa bem rápido, senão vai acumular para a pessoa que está no final da linha, que é o lugar que mais cansa, porque precisa cortar a mesma quantidade, e se ficou sobrando alguma asa fica para essa pessoa cortar”<sup>5</sup>.

Nesse sentido, ressalta-se que a função de auxiliar de linha de produção no abate de frango exige certas habilidades e destrezas com os cortes e o processo de desossa dos frangos. Pamela, trabalhadora da BRF Sadia de Vera Cruz do Oeste, relatou que “a mulher é mais dedicada, os homens não aguentam o serviço repetitivo e ganham mais em outro serviço”<sup>6</sup>.

Assim observa-se que existe certa preferência pelo trabalho feminino no setor de corte dos frigoríficos de aves, principalmente se considerado a questão da agilidade e destreza para a realização de atividades que exigem concentração e rapidez.

Coaduna-se com essa reflexão Antunes (1999, p. 106) , quando ressalta que “as atividades dotadas de menor qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas em trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras (e, muito frequente também aos trabalhadores/ imigrantes e negros/as)”.

Diante dessa perspectiva, observa-se que o trabalho que exige menos qualificação e maior destreza é destinado para as mulheres ou para os trabalhadores migrantes, ou seja, o trabalho com menor valorização e que paga os salários mais precários é realizado, geralmente, por mulheres ou por pessoas que migraram em busca de melhores condições para garantir sua sobrevivência. Fato este que pode ser observado nos frigoríficos de aves da Microrregião de

---

<sup>5</sup> Gerusa. Entrevista em 20 de agosto de 2013. Trabalhadora de Terra Roxa. Informação verbal cedida quando perguntado qual a função que exerce no frigorífico, conforme questionário no apêndice I.

<sup>6</sup> Pamela. Entrevista em 10 de Julho de 2013. Trabalhadora de Vera Cruz do Oeste. Informação verbal cedida quando perguntado por que o frigorífico contrata mais mulheres do que homens, conforme questionário no apêndice I.

Toledo, pois grande parte dos trabalhadores é do sexo feminino e, nos últimos anos, é visível o aumento de imigrantes vindos do Haiti e de Bangladesh<sup>7</sup>.

Observa-se também que a contratação de mulheres e imigrantes se encontra associada ao pagamento de salários mais baixos e com uma carga horária muito exaustiva. Fato este que nos permite dizer que o trabalho realizado geralmente por mulheres e imigrantes frente à linha de produção de uma fábrica se relaciona diretamente com a divisão sexual de funções, que está colocada sobre o mercado de trabalho, conforme pode ser averiguado no trabalho realizado nos frigoríficos.

Assim, entende-se que o mercado de trabalho ainda impõem várias barreiras para a inserção da mulher, do imigrante e do negro no mundo do trabalho, porque, ao analisar o mercado de trabalho, é perceptível que em muitos casos é imposto um perfil de profissional, no qual geralmente a mulher, o imigrante e o negro são excluídos, o que contribui para limitar a entrada desses trabalhadores no mercado de trabalho.

Diante disso, há ainda que se destacar a existência de uma grande disparidade quanto à qualidade do emprego que é ofertado, visto que, para os homens geralmente são destinados postos de trabalho que exigem menos destreza, com salários mais elevado e jornadas de trabalho menos exaustivas. Já às mulheres, são destinados os empregos com a jornada de trabalho intensa, salários mais baixos e que exigem maior desenvoltura.

Sobre as distinções feitas quanto aos postos de trabalho designados para homens e para mulheres, é possível averiguar que as mulheres, ao ingressarem no mercado de trabalho, enfrentam maiores dificuldades para alcançar os postos de chefia e uma ascensão econômica, pois a maioria das trabalhadoras ocupam vagas que pouco proporcionam avanços profissionais. Considerando que são destinados às mulheres, os empregos com remuneração inferior e que são estes postos de trabalho que possuem jornadas mais extensas, pode-se ponderar que a utilização do trabalho feminino está atrelada à precarização do trabalho.

Em função disso, verifica-se que os postos de trabalho destinados para mulheres frente ao mercado de trabalho se articulam com o trabalho precário e pouco valorizado, pois é

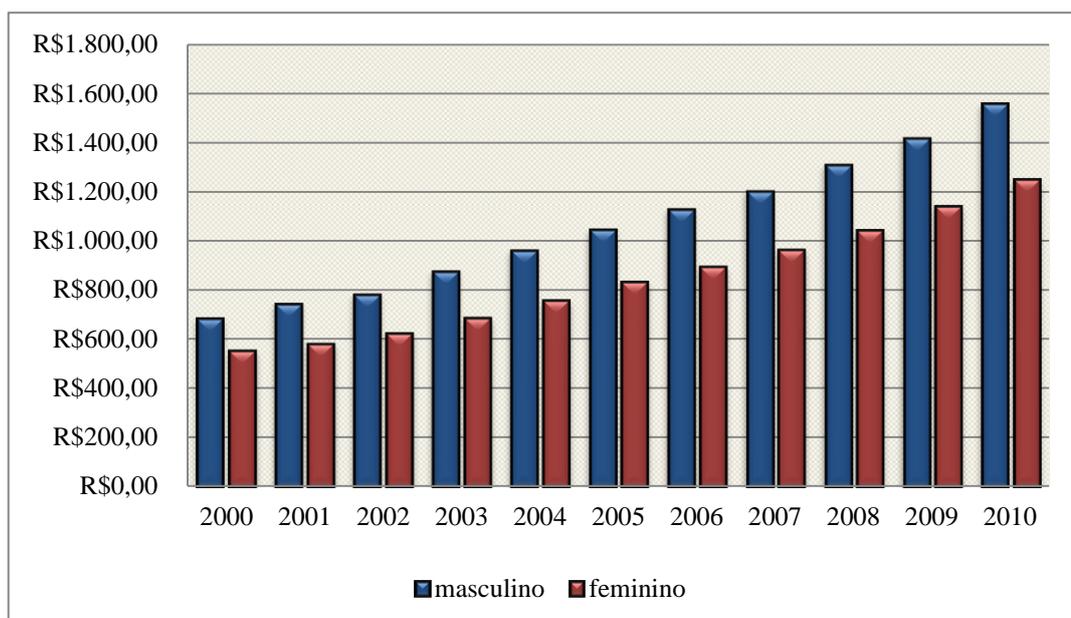
---

<sup>7</sup> Reportagem no site O Presente 01/10/13. **Rondon já tem quase 100 naturais de Bangladesh.** A reportagem aborda as dificuldades que a população encontra em Bangladesh devido aos confrontos políticos e a oportunidade de emprego ofertada pela Copagril, principalmente na Unidade Industrial de Aves, conforme reportagem em anexo. A vida de imigrantes, principalmente do Haiti, República Dominicana e Bangladesh está se tornando, a cada dia, uma prática mais constante na região Oeste do Paraná, principalmente para trabalharem na grandes agroindústrias, e no setor de construção civil.

visível a diferença salarial entre o trabalho feminino e masculino, bem como o preconceito para com a mulher trabalhadora.

Com base nos dados abaixo apresentados pode-se observar qual a diferença salarial média entre homens e mulheres.

**Gráfico 1** – Rendimento médio por sexo no Estado do Paraná.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Com base nos dados fornecidos por meio do gráfico 1, verifica-se que, de maneira geral, as mulheres no Estado do Paraná possuem um rendimento médio inferior ao masculino. Assim, vale ressaltar que estes dados são construídos a partir do rendimento médio, o qual não considera as distintas profissões exercidas por homens e mulheres e o tempo que exerce a profissão, o que poderia revelar uma disparidade maior ou menor entre o rendimento médio masculino e feminino.

O gráfico nos permite observar também, que a diferença em relação ao rendimento médio masculino e feminino vem aumentando nos últimos anos, visto que, em nível de estado do Paraná, em 2000, as mulheres recebiam cerca de 24% a menos que os homens, e no ano de 2010 constatou-se que esta diferença continuava sendo de 24%, mesmo que ocorreu um aumento significativo dos salários pagos para homens e mulheres.

No entanto, é questionável saber em quais setores estão estas vagas, sendo que os postos de trabalho para mulheres vêm crescendo principalmente frente à linha de produção,

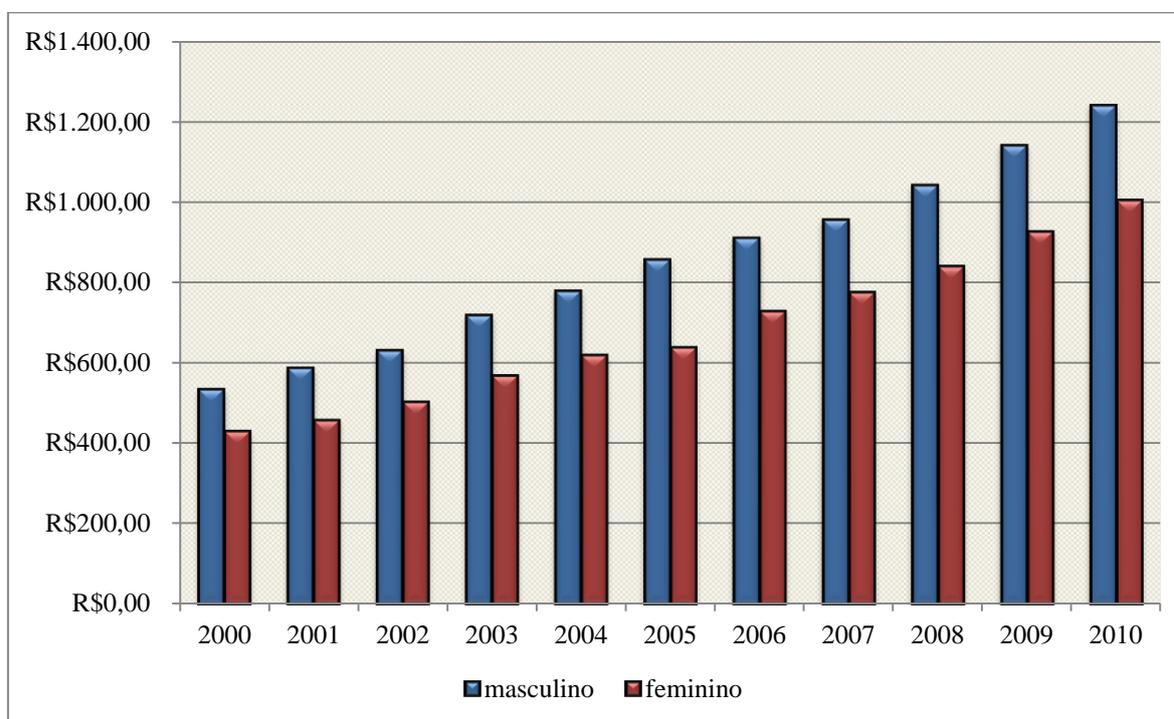
ou seja, os setores que pagam os salários mais baixos e que possuem jornadas de trabalho exaustivas, como é o caso do trabalho ofertado nos frigoríficos da Microrregião de Toledo.

Conforme o representante do SINE (Sistema Nacional de Empregos), da Agência do Trabalhador de Toledo “são encaminhados todo mês cerca de 800 a 1000 candidatos para o frigorífico de Toledo, dos quais cerca de 80% são do sexo feminino”<sup>8</sup>.

Assim, ao observar a Mesorregião Oeste do Paraná, torna-se perceptível que nos últimos anos as vagas de trabalho ocupadas por mulheres vêm aumentando, principalmente porque estas se sujeitam a realização de atividades que exigem agilidade e destreza e que se encontram ligadas ao pagamento de salários baixos, como é o caso do trabalho realizado nos frigoríficos da Microrregião de Toledo.

Nesse sentido, também se torna perceptível a diferença no rendimento médio por sexo como a observada na Mesorregião Oeste do Paraná, (gráfico 2), fato que ocorre principalmente devido aos diferentes postos de trabalho que são ocupados por homens e mulheres.

**Gráfico 2** – Rendimento médio por sexo na Mesorregião Oeste do Paraná.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

<sup>8</sup> Entrevista realizada com o representante da Agência do trabalhador no dia 10 de junho de 2013 em Toledo.

Em relação à diferença entre o rendimento médio entre homens e mulheres, verifica-se que este fato também vem ocorrendo na Mesorregião Oeste do Paraná, visto que, em 2000, em média, as mulheres recebiam cerca de 23% a menos que os homens, já no ano de 2010, esta diferença continuava em 23%.

Assim, verifica-se que o trabalho feminino se torna uma importante estratégia para a acumulação de capital. Fato este que ocorre principalmente porque, em alguns setores, o trabalho feminino se torna mais rentável que o masculino. Sobre esta questão, Hirata (2003) enfatiza que o mercado de trabalho está cada vez mais feminino, mas esta “feminização” continua sendo incompleta e inacabada, porque está associada à desigualdade e à precariedade em relação ao trabalho masculino.

Essas disparidades entre o trabalho feminino e o masculino ainda se relacionam com a questão do preconceito que, mesmo após várias reivindicações, continua sendo evidenciado no mercado de trabalho, o qual influencia diretamente sobre os postos de trabalho que são ocupados por homens e mulheres.

A discriminação relacionada ao trabalho feminino, contribui para que esta mão de obra, na maioria dos casos, não seja valorizada como a masculina, visto que, esse preconceito também se atrela ao pagamento de baixos salários e ao fato de que, muitas vezes, as mulheres ocupam os postos de trabalho que exigem maior agilidade e destreza.

Diante da expansão capitalista, pode-se dizer que uma das estratégias utilizadas para a acumulação de capital é a utilização da mão de obra feminina pois, devido à desvalorização do trabalho feminino, este passou a gerar acumulação de capital para os donos dos meios de produção.

No entanto, observa-se que em muitos casos o salário pago para as mulheres são inferiores aos salários masculinos, o que, de certa forma, limita a participação da mulher sobre a renda familiar. Fato este que pode ser averiguado na resposta de Cleidinara, trabalhadora do frigorífico da BRF Sadia, em Toledo, a qual descreve que “o meu marido ganha um salário bom, mas a gente pretende dar uma vida melhor para o filho e ter uma casa própria”<sup>9</sup>.

Relacionando o comentário da trabalhadora com as estratégias utilizadas para a expansão capitalista é possível verificar que os salários recebidos, principalmente pelas mulheres casadas que trabalham nos frigoríficos, são destinados para complementar a renda familiar, e em geral, para atender as necessidades de todos os membros da família.

---

<sup>9</sup>Cleidinara. Entrevista em 20 de junho de 2013. Trabalhadora de São Pedro do Iguçu. Informação verbal cedida quando perguntada sobre o que mudou em relação à condição econômica familiar quando ela se inseriu no mercado de trabalho, conforme questionário do apêndice I.

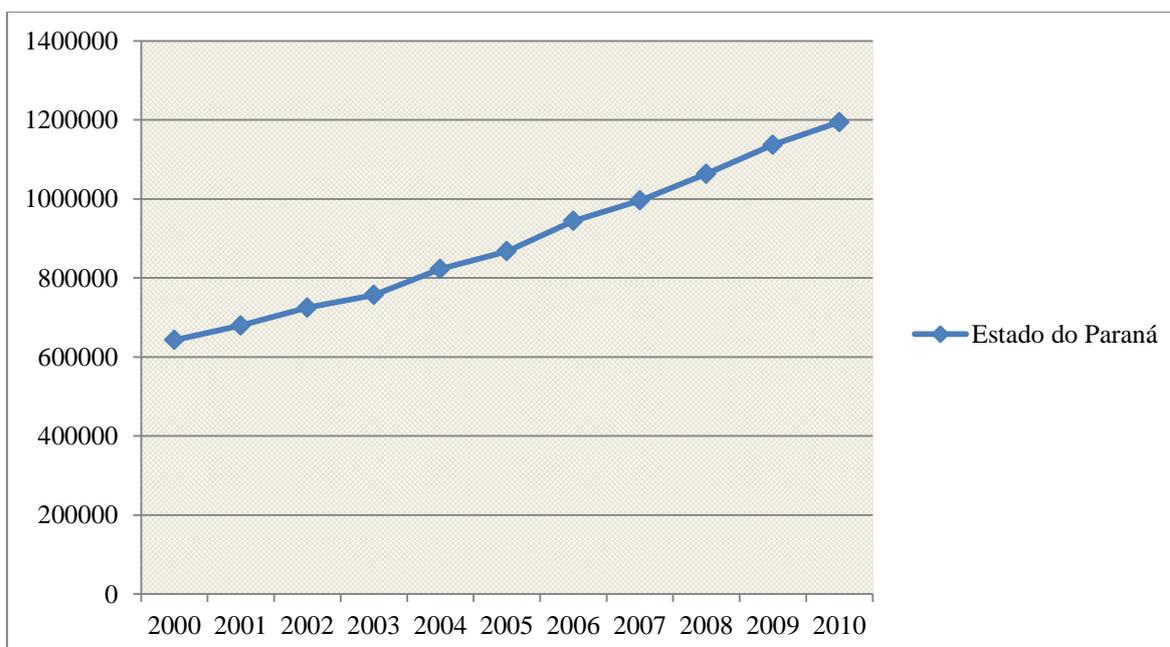
Nesse sentido, observa-se que, com o advento do capitalismo e as estratégias de acumulação de capital, o trabalho feminino passa a ser utilizado com grande intensidade, mas continua vinculado com a discriminação à mulher, por meio da oferta de empregos que exigem intensas jornadas de trabalho, bem como pela agilidade e destreza que possam ser rentáveis para o capital, porém com remuneração menor, quando comparada à situação dos homens.

Considerando que o aumento dos postos de trabalho para mulheres pode ser observado como uma estratégia para a acumulação de capital, cabe ressaltar as palavras de Antunes (2002, p. 105): “vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados e tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part time*, precarizado e desregulamentado”.

Em função disto, observa-se que o mercado de trabalho vem ofertando mais vagas para mulheres, em vários setores, fato que configura um contingente maior de trabalhadoras no mercado de trabalho.

Ao analisar a quantidade de postos de trabalho para homens e mulheres no Estado do Paraná observa-se que nos últimos anos vem ocorrendo um aumento no número de postos de trabalho destinados para o sexo feminino, conforme pode ser verificado no gráfico a baixo:

**Gráfico 3**– Empregos formais para mulheres, entre 2000 a 2010 no estado do Paraná.



Organização: BECKER, J. R. 2013

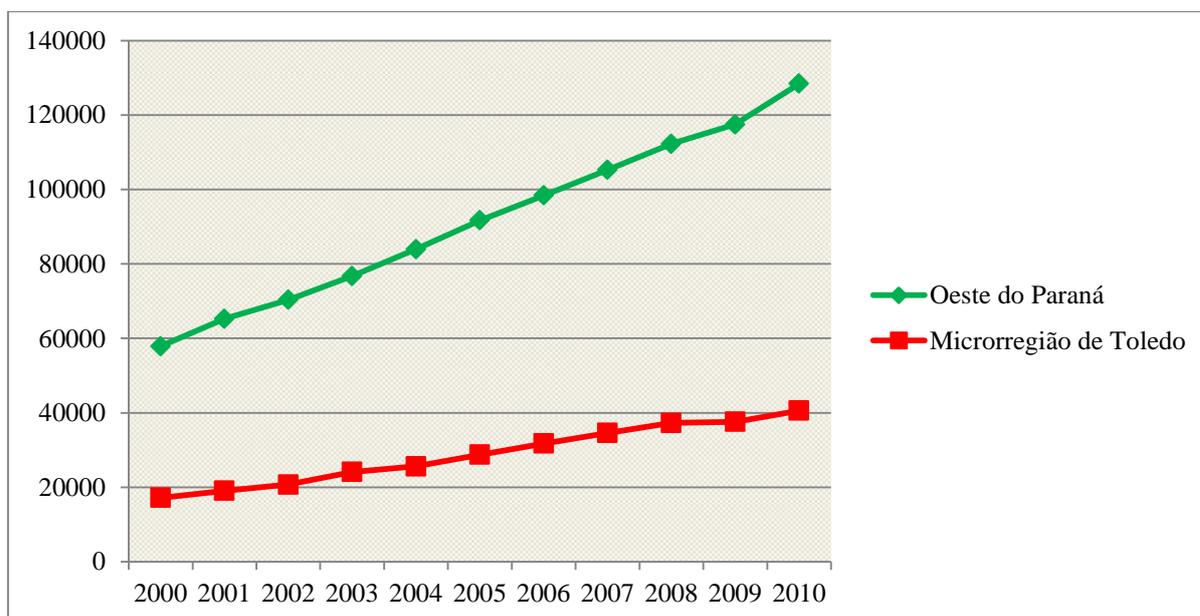
Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Em relação à quantidade de empregos designados ao trabalho feminino, verifica-se que os postos de trabalho formais para mulheres praticamente dobraram em dez anos no estado do Paraná, visto que em 2000 existiam 642.935 empregos e, em 2010, há um aumento para 1.194.155 de empregos ocupados por mulheres.

Diante do aumento dos postos de trabalho para mulheres nos últimos anos, cabe ressaltar que os dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) só consideram o aumento dos empregos formais, ou seja, dos empregos que oferecem registro em carteira de trabalho. Os informais não são computados.

Nesse sentido, vale salientar que na Mesorregião Oeste do Paraná e na Microrregião de Toledo também é possível averiguar que nos últimos anos, o mercado formal de trabalho vem ofertando mais vagas para mulheres em diferentes setores, o que pode ser observado no gráfico 4, que demonstra o crescimento dos empregos formais para mulheres.

**Gráfico 4**– Empregos formais para mulheres, entre 2000 a 2010 no Oeste do Paraná e na Microrregião de Toledo.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Este aumento na quantidade de empregos formais para o trabalho feminino também é averiguado na Mesorregião Oeste do Paraná, pois, em 2000, existiam 57.852 empregos ocupados por mulheres e, em 2010, esse número passou para 128.408.

Na Microrregião de Toledo, o aumento é também significativo, uma vez que no ano 2000 eram ofertadas 17.183 vagas de emprego formais destinadas ao trabalho feminino,

enquanto que no ano de 2010 eram designadas 40.583 vagas de trabalho para mulheres. Cabe ressaltar que os dados expostos se remetem aos empregos formais, pois os informais não são computáveis. Assim, pode-se concluir que o aumento no número de postos de trabalho ocupados por mulheres pode ser ainda mais expressivo.

Em função disso, é perceptível que o capital vem empregando o trabalho feminino no estado do Paraná, bem como na Mesorregião Oeste, sendo que a utilização da mão de obra feminina está associada ao pagamento de baixos salários, em lugares que apresentam condições insalubres e com extensas jornadas de trabalho, o que, para o capital é interessante, pois sua lucratividade é maior, fato que pode ser observado no trabalho ofertado para mulheres nos frigoríficos da Microrregião de Toledo.

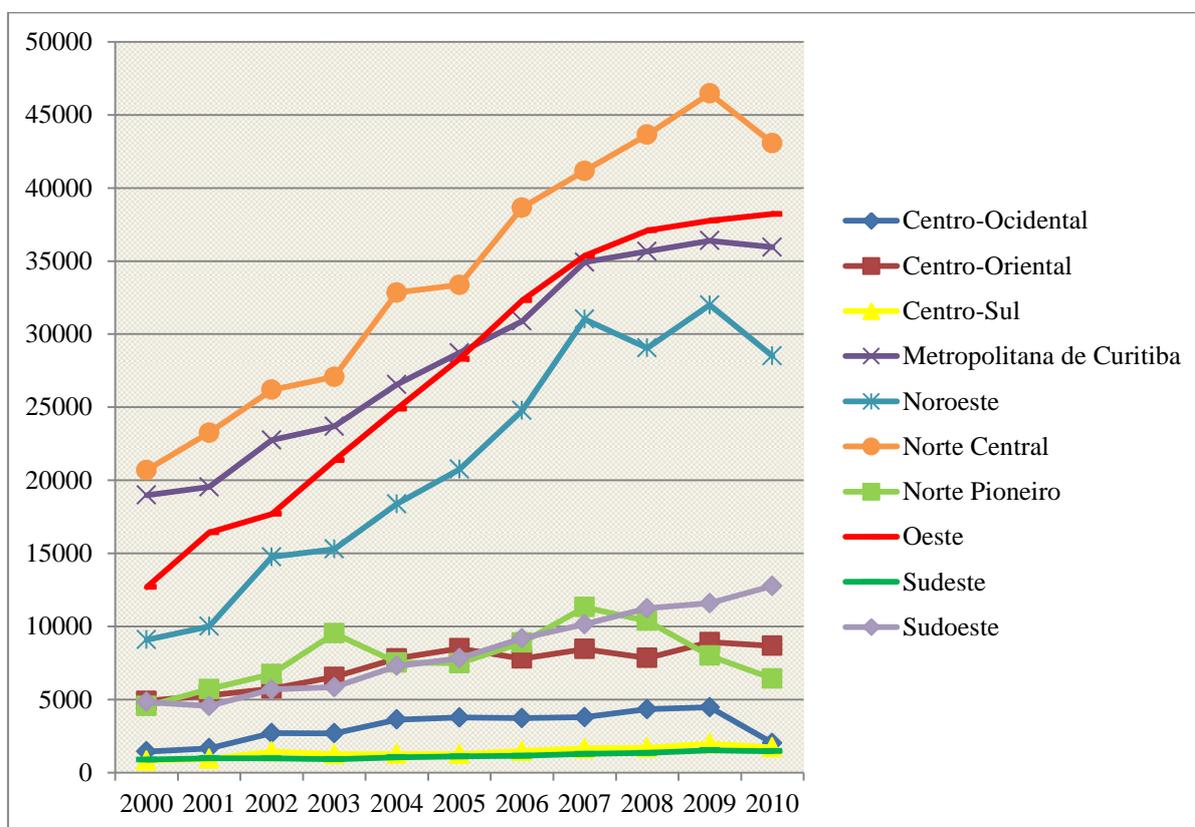
## 2.2 – A EXPANSÃO DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS E BEBIDAS NAS MESSORREGIÕES DO ESTADO DO PARANÁ.

A partir do processo de expansão capitalista presente no Brasil desde a década de 1970, foi possível averiguar a ocorrência de várias transformações quanto ao modo de produção no meio urbano, bem como também no meio rural. Desse modo, além das transformações que ocorreram com o processo de industrialização, os avanços tecnológicos também começaram a ser utilizados em larga escala no meio rural, principalmente, a partir do processo de mecanização agrícola.

Essas transformações são refletidas de diferentes maneiras sobre o território, em determinados lugares elas foram refletidas com maior intensidade, na expansão industrial e, em outros, na modernização agrícola. Nesse sentido, é importante destacar que a produção de grande parte dessas indústrias se encontra atrelada à matéria-prima que vem da produção do campo, como por exemplo, a suinocultura, a avicultura e o cultivo de cana de açúcar.

Cabe apresentar quais são as Mesorregiões do estado do Paraná que apresentaram um crescimento mais expressivo na quantidade de empregos ofertados para a população, nas indústrias de alimentos, bebidas e álcool.

**Gráfico 5 - Empregos nas indústrias de alimentos, bebidas e álcool por Mesorregião Geográfica do Estado do Paraná.**



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Ao analisar o gráfico acima, permite-se dizer que a quantidade de empregos apresentados neste setor da economia condiz com as potencialidades apresentadas por cada Mesorregião. Sendo assim, verifica-se que as Mesorregiões Norte Central, Oeste, Metropolitana de Curitiba e Noroeste são as que apresentam maior quantidade de empregos destinados para as indústrias de alimento e bebidas.

O Norte Central do estado do Paraná é uma região que apresentou expressivo destaque econômico desde o início da colonização deste estado, isso porque, além da concentração populacional, esta Mesorregião apresentava destaque para o desenvolvimento da agricultura e alguns setores industriais.

No entanto, hoje é perceptível que a Mesorregião Norte Central não apresenta mais a maior concentração populacional, mas ainda continua apresentando grande destaque econômico comparada às demais Mesorregiões, conforme IPARDES (2004, p. 16-17)

A mesorregião apresenta o segundo maior parque industrial do Paraná, que se particulariza pela diversificação, com importante participação dos gêneros alimentação, têxtil, mobiliário, açúcar e álcool, além dos novos segmentos, especialmente os de agroquímicos e embalagens plásticas e equipamentos para instalações industriais e comerciais.

O bom desempenho econômico dos setores ligados às indústrias de alimentos e bebidas contribuiu para que esta mesorregião passasse a apresentar um excelente destaque econômico no estado do Paraná.

Por meio da análise do gráfico 5, permite-se dizer que a Mesorregião Oeste do Paraná vem apresentando um expressivo crescimento nos últimos dez anos, principalmente devido aos incentivos financeiros que contribuíram para a diversificação do setor industrial dessa mesorregião. Nesse sentido IPARDES (2004, p.23) destaca que:

[...] as condições edafo-climáticas excepcionais e os efeitos indiretos proporcionados por uma moderna base produtiva agropecuária, que tem sido capaz de compatibilizar uma agricultura pautada em mão-de-obra familiar a um alto desempenho produtivo. Comandada pelo desenvolvimento sobretudo do agronegócio cooperativado, a região vem sustentando ganhos crescentes frente à economia estadual em atividades do setor primário.

As potencialidades naturais do Oeste do Paraná estão sendo evidenciadas com o intuito de beneficiar o desempenho econômico da região atrelado a participação de várias cooperativas que estão instaladas na região.

Com relação à mesorregião Metropolitana de Curitiba, IPARDES (2004, p. 89) enfatiza que “a proximidade a Curitiba é o principal condicionante de uma dinâmica própria ao processo produtivo da agropecuária na Mesorregião, uma vez que o abastecimento desse centro incentiva a produção de alimentos”.

Ao pensar sob esta perspectiva, verifica-se que a Mesorregião Metropolitana de Curitiba se tornou um importante celeiro para o abastecimento da cidade de Curitiba e seus arredores, devido ao desenvolvimento da agricultura na região, a qual, na sua maioria, é realizada de maneira bastante rudimentar, visto que as características do relevo não permitem o desempenho da agricultura mecanizada.

No caso da Mesorregião Noroeste, vale destacar que, devido as suas condições naturais, ela possui um potencial elevado para o cultivo da cana e da mandioca. Conforme apresentado pelo IPARDES (2004, p. 13)

Além da expansão de commodities, observou-se o crescimento de produtos direcionados à indústria, como a cana, mandioca e aves, além da produção estadual destacada de casulos do bicho da seda, café e fruticultura (abacaxi, laranja e manga). Em termos industriais, a mesorregião Noroeste concentra as atividades de beneficiamento da mandioca e se constitui no maior polo sucro-alcooleiro do Estado.

A Mesorregião Noroeste do estado do Paraná vem apresentando um expressivo destaque econômico a partir de 2004, com a ampliação das usinas sucro-alcooleiras neste território, atrelado ao cultivo da mandioca e o desenvolvimento de atividades avícolas.

Sobre a atuação econômica das indústrias de alimentos e bebidas na Mesorregião Sudoeste, Sudeste, Centro-Sul, Centro-Oriental, Centro-Occidental e Norte Pioneiro, cabe ressaltar que estas mesorregiões apresentam um baixo desempenho, principalmente em decorrência das condições naturais que não são propícias para o cultivo de alimentos.

Assim, permite-se assinalar que as mesorregiões que mostram menos destaque quanto ao desempenho das indústrias de alimentos e bebidas também são as regiões que apresentam os índices de concentração populacional mais baixo e que não se torna vantajoso para a instalação de fábricas que buscam, entre outras condições, se estabelecerem em localidades em que a mão de obra é abundante e de baixo custo.

É perceptível que os fatores que contribuem para o bom desempenho econômico das indústrias de alimentos e bebidas nas mesorregiões Norte-Central, Noroeste, Metropolitana de Curitiba e Oeste estão atreladas às potencialidades naturais de cada mesorregião e o excedente de mão de obra predominante.

### 2.3 – A MESORREGIÃO OESTE DO PARANÁ E A RELAÇÃO COM O DESEMPENHO DA ATIVIDADE AVÍCOLA.

Com relação às transformações e os fatores que contribuíram para o processo de expansão capitalista se intensificar sobre o Oeste do Paraná, Gemelli (2010, p. 119) enfatiza que:

Assim, o capital se expande geograficamente para outras regiões a fim de promover maiores índices de (re)produção garantindo a sua existência enquanto sistema hegemônico, transformando o espaço onde atua em consequente às relações sociais, atribuindo novos significados para a relação capital-trabalho. A expansão a indústria alimentícia na região pode estar

relacionada à estrutura agrária desta, que combina grande produção monocultora, cooperativas além de pequenos e médios proprietários.

Para tanto, ao analisar os aspectos geográficos que interferem no processo de expansão capitalista, é possível observar que as características da região Oeste do Paraná são fundamentais para a implantação de agroindústrias, principalmente voltadas para o setor de alimentos, visto que a região possui uma série de atributos que beneficiam a produção agrícola e a diversificação das propriedades. Com relação às condições que foram favoráveis para a expansão capitalista no Oeste do Paraná, Silva (2010) destaca que:

Outra condição necessária para a expansão do modo capitalista é a materialização da contradição, do desenvolvimento da desigualdade, considerando como geografia própria do capitalismo de expansão e de retenção deste desenvolvimento, principalmente referente à espacialidade própria do desenvolvimento capitalista.

O processo de expansão capitalista ocorre de maneira desigual sobre o território, principalmente porque são considerados alguns aspectos que pode ser fundamentais para a acumulação de capital e outros fatores podem ser pouco atrativos. Considerando que as características de uma região interferem diretamente sobre o processo de expansão capitalista, verifica-se que, dependendo das necessidades impostas pelo processo de acumulação de capital, algumas regiões podem ser atrativas ou não.

Esse fato revela alguns contrastes sobre as etapas de acumulação de capital, principalmente porque ele ocorre de maneira desigual sobre o território, o que também atinge a população de maneira distinta.

É possível averiguar fatores que são atrativos e repulsivos para o processo de expansão e de desenvolvimento do capitalismo, pois existem períodos em que os lugares que possuíam muitos atrativos, em prol da acumulação capitalista, no entanto, em outros momentos, estes mesmos atrativos podem se tornar empecilhos para a expansão capitalista.

As alterações quanto à expansão desigual do capital ocorrem principalmente por que o sistema capitalista sempre busca a acumulação atrelada à mão de obra barata, baixo custo de produção e novos atrativos que possam ser benéficos para a acumulação de capital.

No entanto, observa-se que o processo de expansão desigual do território ocorre também no Oeste do Paraná, principalmente porque, nos últimos anos, são perceptíveis as alterações que vêm ocorrendo a partir do aumento das indústrias de alimentos na região, as quais têm proporcionado transformações no espaço urbano por meio do aumento das vagas de

trabalho no respectivo setor, bem como, no espaço rural, por meio da necessidade de diversificação das propriedades para que o homem conseguisse se manter no campo.

Em consonância com as alterações que são verificadas no espaço rural a partir do processo de expansão capitalista, Bosi (2011, p. 89 - 90) ressalta que:

A impossibilidade de permanecer no campo num tipo de trabalho que era organizado em torno da família, visando uma acumulação de capital em pequena escala, deve-se também à estrutura fundiária inicial que foi incapaz de acomodar todos os descendentes nos limites da gleba de terra adquirida. Quando a solução para esse impasse residiu na venda da propriedade ou na divisão desse patrimônio entre os herdeiros, a concentração de terra ou sua redução em minúsculas propriedades [...] nesse contexto, os sobreviventes desse processo que lograram ficar na terra alinharam seus modos de trabalhar às determinações do capital na região, ou se proletarizaram como forma de subsistir no campo.

Diante deste contexto, percebe-se que o processo de expansão capitalista sobre a região Oeste do Paraná se encontra atrelado à modernização agrícola, a qual proporcionou a expropriação de muitas pessoas do campo. Nesse sentido, por meio das palavras de Bosi (2011), verificou-se que muitas propriedades no Oeste do Paraná foram divididas em pequenas propriedades, nas quais o homem tenta se adaptar as necessidades impostas pelo capitalismo, mesmo que para isso precise alterar seu modo de trabalho.

Ao encontro destas informações e afirmações, Alves *et al* (2013, p. 152) salienta que “o impacto da modernização na agricultura e a inserção no modelo agrícola brasileiro tiveram repercussões significativas no conjunto das relações sociais, na cultura e na estrutura de produção agropecuária do Oeste do Paraná”.

Para tanto, observa-se que o processo de modernização agrícola que ocorreu no Oeste do Paraná resultou em várias alterações quanto ao modo de produção e as relações de trabalho, as quais foram refletidas no modo de pensar e agir da população, principalmente porque as pessoas se depararam com a necessidade de se adaptar às exigências capitalistas na região.

Nesta perspectiva, verifica-se que o Oeste do Paraná possui pequenas e médias propriedades que, além de desenvolverem cultivos agrícolas como soja e milho, também se diversificam com a criação de gado leiteiro e de corte, suinocultura e avicultura, fato este que foi essencial para a expansão das indústrias de alimentos.

Sobre este processo de diversificação das pequenas propriedades no Oeste do Paraná, Bosi (2011, p. 90) salienta que “trata-se de pequenos proprietários, a maioria na situação de associados em cooperativas agropecuárias, que produzem carne viva e abastecem os grandes

frigoríficos instalados na região”. No entanto, é possível averiguar que as características atreladas ao modo de vida e produção do Oeste do Paraná foram essenciais para o processo de expansão geográfica do capital sobre a região.

Outro fator que segundo Carvalho (2007) contribuiu para o processo de expansão geográfica do capital sobre a região Oeste do Paraná ocorre porque, como em outras regiões, a urbanização vem se intensificando nos últimos vinte anos o que tem proporcionado um excedente de mão de obra no meio urbano, o qual, para o processo de expansão capitalista, é fundamental. Nesse sentido de acordo com Carvalho (2007, p. 78):

O quadro do mercado de trabalho local revela em parte as estratégias do capital, que se evidenciam na busca por melhores condições de acumulação, ampliando as alternativas de exploração do trabalho e uso do território, na medida em que os esforços locais para atração de investimentos e de desenvolvimento permitem essa ampliação de alternativas, inclusive com participação das entidades de representação dos trabalhadores nos diversos fóruns e negociações tripartites locais, regionais ou nacionais.

Em função disso, observa-se que o excedente de mão de obra presente no meio urbano no Oeste do Paraná foi uma peça fundamental para a expansão capitalista, sendo que esses trabalhadores foram facilmente adaptados para o trabalho nas indústrias de alimentos. Portanto, é possível averiguar que o processo de expansão geográfica do capital que vem ocorrendo nos últimos anos no Oeste do Paraná encontra-se atrelado aos aspectos naturais da região, os quais são fundamentais para que a região se tornasse um grande celeiro agrícola para o país, fatores estes que contribuíram para a expansão do agronegócio na região.

Pode-se ressaltar ainda, que a expansão do agronegócio em direção ao Oeste do Paraná tem proporcionado várias transformações no campo, principalmente por causa da diversificação das propriedades, bem como no mercado de trabalho, visto que os trabalhadores passam a ser adaptados para o trabalho fabril.

Sobre a condição do trabalhador em relação ao processo de expansão capitalista para o Oeste do Paraná, Silva (2010, p. 20) ressalta que “a expansão capitalista condiz necessariamente com a expansão da exploração. Sobre tudo em condições de necessidade de obter taxas de acumulação altas para compensar esta expansão”.

Ao realizar uma análise sobre este processo de expansão capitalista nesta região, é possível averiguar que a mão de obra existente nela foi facilmente adaptada ao trabalho industrial, o que tem proporcionado a ampliação da exploração do trabalho alheio.

Observando os aspectos que, para a expansão capitalista foram essenciais, no seu desempenho no Oeste do Paraná, verifica-se que esse processo também ocorre por meio da facilidade de adaptar o trabalhador, que antes vivia no campo, ao trabalho industrial.

Nesse sentido, é possível constatar que o processo de expansão geográfica do capital, que ocorre sobre o Oeste do Paraná, tem proporcionado uma série de alterações quanto à expansão de novos seguimentos industriais entre os quais se destaca o setor de alimentos e no mercado de trabalho por meio da exploração e adaptação da mão de obra às necessidades capitalistas.

Diante das características do Oeste do Paraná, verifica-se que a implantação de várias agroindústrias na região é reflexo dos bons resultados econômicos alcançados por essa diversificação realizada nas propriedades que são impulsionadas pelo processo de acúmulo de capital.

O excelente desempenho agropecuário da região Oeste do Paraná vem proporcionando várias alterações no cenário econômico do oeste paranaense, visto que é notável o crescimento das agroindústrias atrelado, principalmente, às indústrias de alimentos e bebidas. Sobre esta temática, Bosi (2011, p. 93) discorre que “a indústria no Oeste especializou-se na produção de alimentos ao longo dos anos 1980, com significativa concentração nas Microrregiões de Cascavel e Toledo, onde estão localizadas grandes fábricas de alimentos e frigoríficos”.

Para analisar o processo de industrialização do Oeste do Paraná é essencial considerar a influência e a organização das cooperativas para a expansão e a acumulação de capital na região. Conforme dados do IPARDES (2008, p. 32):

A internalização do “complexo soja” no 3º espaço, em perspectiva histórica, serve para estruturar e reestruturar sua economia, influenciando decisivamente em todas as classes de atividades (agropecuária, indústria e serviços). Inicialmente foi a expansão da produção de soja e, a partir daí, tem-se a fundação de cooperativas de produção, instalação de plantas industriais de transformação do grão de soja, implantação de moderna produção de aves e suínos e de indústria de carnes, produção e industrialização de leite, fábrica de rações, serviços de armazenagem e de comercialização.

Desse modo, permite-se dizer que a formação das cooperativas no Oeste do Paraná foi essencial para o processo de acumulação e de exploração capitalista, visto que estas foram criadas para beneficiar o capital. Nas palavras de Silva:

O crescimento das cooperativas promove a expansão e o surgimento de novas atividades produtivas, essas ligadas aos setores industriais, com destaque principalmente para os frigoríficos de suínos e aves. A atividade agrícola não se altera, o que ocorre é a expansão da agroindustrialização e aumento do número de empregos vinculados à produção industrial no Oeste do Paraná. (SILVA, 2011, p. 165)

A presença das indústrias de alimentos no Oeste do Paraná é reflexo dos fatores naturais e econômicos que conduziram para a instalação das mesmas na região nesta região questão.

A modernização do campo contribuiu para que muitas famílias se deparassem com a necessidade de migrar para as cidades e buscarem novas fontes de renda, o que proporcionou um aumento de mão de obra disponível para o trabalho. Assim, pode-se afirmar que o processo de expansão capitalista vem se alastrando sobre os mais variados lugares, o qual ocorre principalmente por meio da observação dos recursos que podem ser fundamentais para a expansão do capitalismo.

Sobre o processo de expansão capitalista em direção ao Oeste do Paraná, Gemelli (2010, p. 118) observa que “o Oeste Paranaense se mostra como lugar vantajoso ensejando a expansão/ mobilidade do capital e divisão territorial do trabalho com a instalação dos mais diversos ramos produtivos”. Este processo encontra-se atrelado também ao surgimento de uma nova divisão territorial do trabalho, a qual tem proporcionado a expansão, principalmente, das indústrias de alimentos na região.

O excedente de mão de obra presente no Oeste do Paraná foi outro fator que contribuiu para o aumento das indústrias de alimentos e bebidas na região, visto que se encontra ligada ao pagamento de baixos salários e os postos de trabalho são facilmente recompostos.

Avaliando as peculiaridades que podem ser observadas no Oeste do Paraná, permite-se dizer que estas características foram fundamentais para o processo de exploração e expansão capitalista, as quais foram intensificadas a partir da formação das cooperativas e a intenção das mesmas em ampliar o agronegócio na região.

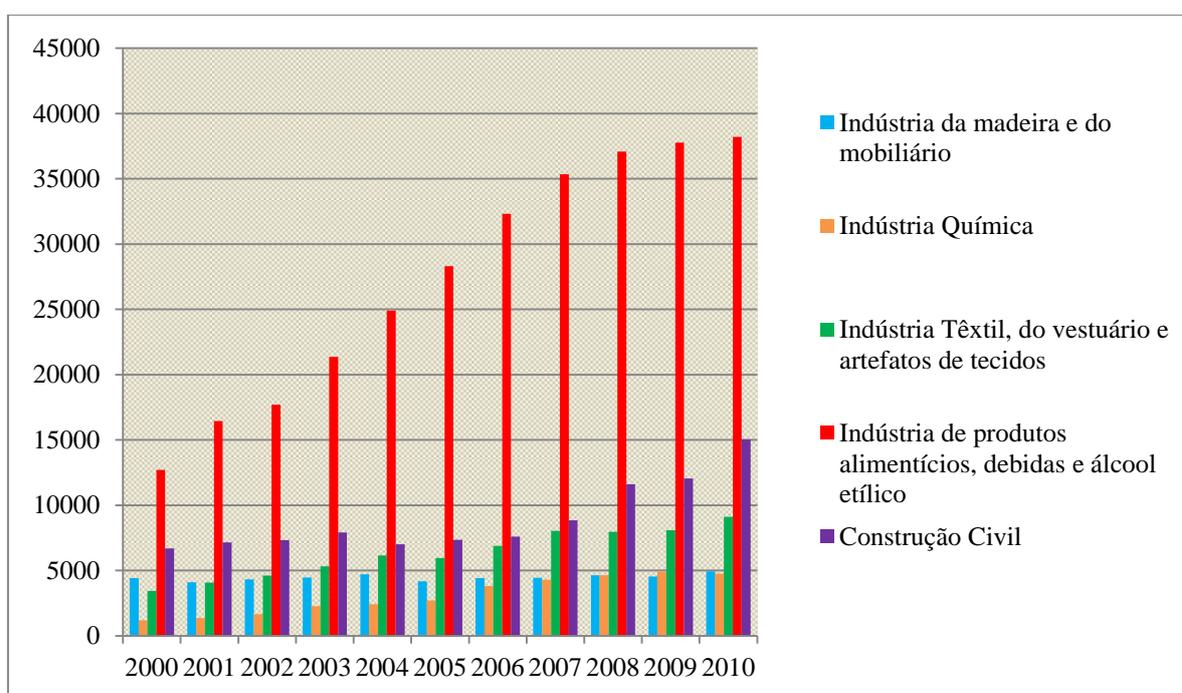
Considerando que as indústrias de alimentos e bebidas passaram a apresentar maior destaque a partir da expansão do agronegócio no Oeste do Paraná, Carvalho (2007, p. 91) assinala que “essa tendência de agroindustrialização é identificada como uma especialização produtiva do território regional, em que a cadeia produtiva da avicultura e da suinocultura ganha destaque”.

Desse modo é possível verificar que a presença de várias indústrias de alimentos no Oeste do Paraná é decorrente de uma série de fatores que beneficiaram esse setor industrial na região, o que proporcionou um considerável aumento de postos de trabalho.

Cabe ressaltar que a instalação das indústrias de alimentos no Oeste do Paraná contribuiu para a ocorrência de várias transformações no âmbito estrutural da região com a vinda de vários trabalhadores. Diante do aumento dos empregos formais nela, Carvalho (2007, p. 92) ressalta que vem ocorrendo “um período de capitalização das relações trabalhistas, com formalização de situações anteriormente informais, ou um efetivo crescimento da atividade econômica capitalista”. Portanto, observa-se que com a expansão das agroindústrias na região oeste ocorreu o aumento de postos de trabalho por meio do oferecimento de mais vagas no mercado formal.

O acréscimo quanto ao número de empregos formais ofertados para a população a partir do ano 2000 foi significativo para o desempenho econômico principalmente das indústrias de alimentos e bebidas. Isto porque a utilização da mão de obra nesse setor geralmente se encontra atrelada à precarização do trabalho, com o pagamento de baixos salários e jornadas de trabalho exaustivas.

**Gráfico 6** – Crescimento do número de empregos na Mesorregião Oeste do Paraná nos setores industriais mais representativos.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Quando averiguado o crescimento industrial no Oeste do Paraná, verifica-se que de 2000 até 2010 foram criadas 25.515 vagas de trabalho no setor das indústrias de alimentos bebidas e álcool etílico, o que representa um aumento de 200% das vagas de trabalho no respectivo setor.

Destaca-se que a construção civil, nesse período, obteve um crescimento de 8.337 vagas de trabalho, representando um aumento de 125% nos dez anos em que foram analisados os dados (referentes aos setores que apresentaram maior destaque com relação à oferta de empregos).

Já as indústrias têxteis, do vestuário e artefatos de tecidos, apresentou um crescimento de 5.685 postos de trabalho, o que representa um aumento de 165% em relação à quantidade de empregos ofertado neste setor no ano de 2000.

Ao analisar o crescimento do número de postos de trabalho nos setores industriais mais representativos é possível averiguar que as indústrias de alimentos e bebidas apresentaram o maior crescimento de vagas de trabalho, frente aos demais setores e, a construção civil, vem apresentando um expressivo crescimento no Oeste do Paraná.

Esse fato é resultante do desenvolvimento econômico da região, a qual, nos últimos anos, encontra-se atrelada ao desempenho do agronegócio que permitiram a instalação de várias indústrias de alimentos e bebidas no Oeste do Paraná, o que pode ser observado no gráfico 6, no qual percebe-se que a partir de 2004 ocorreu um crescimento contínuo nos postos de trabalho nas indústrias de alimentos, bebidas e álcool etílico.

Com relação ao desempenho das indústrias de alimentos na região Oeste do Paraná, vale salientar que existem na região oito frigoríficos de grande porte. Esses frigoríficos possuem influência significativa sobre o aumento das vagas de trabalho com relação ao respectivo setor, bem como demonstram o crescimento desse seguimento industrial em relação aos demais ramos industriais.

Nesse sentido, é possível averiguar que três frigoríficos estão instalados na Microrregião de Cascavel, são eles: a empresa Globoaves (instalada no município de Cascavel, possui frigorífico de aves), a Copavel (instalada também em Cascavel e que possui frigorífico de suínos, bovinos e aves) e a cooperativa Copacol (que tem seu frigorífico com abate de aves instalado no município de Cafelândia).

Na Microrregião de Foz do Iguaçu existem dois frigoríficos com grande representatividade no setor de alimentos da referente microrregião, destaca-se entre eles: o

frigorífico de aves da Cooperativa Lar, em Matelândia e o frigorífico de suínos da Cooperativa Frimesa, em Medianeira.

Com relação aos frigoríficos presentes na Microrregião de Toledo e que possuem grande representatividade no setor de alimentos, destaca-se: o frigorífico de aves da Cooperativa C. Vale, instalado no município de Palotina; o frigorífico de aves da Cooperativa Copagril, instalado no município de Marechal Cândido Rondon e; o frigorífico de suíno e aves da empresa BRF Sadia, no município de Toledo.

No entanto, é pertinente ressaltar que seis, dos oito frigoríficos instalados no Oeste do Paraná, são frigoríficos de cooperativas, o que ressalta o fato de que a expansão capitalista na região está atrelada à expansão das agroindústrias, por meio da ampliação das cooperativas.

Considerando a presença dos frigoríficos no Oeste do Paraná e a expansão do setor de alimentos, Belusso e Hespanhol (2010, p. 27) enfatizam que “as redefinições comerciais e produtivas na avicultura industrial fazem parte de importantes transformações na agricultura e na indústria brasileira, a partir de 1970, que envolve o consumo, os aspectos tecnológicos e o comércio internacional”.

Sobre este mote, permite-se dizer que o crescimento da atividade avícola na região Oeste do Paraná é decorrente de uma série de transformações que ocorreram a partir dos surtos de reestruturação produtiva da década de 1970, os quais refletiram na utilização de tecnologia de ponta para a criação e abate de aves, o que resultou na abertura econômica para o comércio internacional.

Cabe destacar que o uso de técnicas avançadas designadas para a avicultura visa aumentar a produtividade, bem como demonstra que ser uma alternativa muito rentável para os pecuaristas. Isso se dá em decorrência do que Belusso e Hespanhol (2010, p. 26) afirmam, a saber: que “a evolução da avicultura industrial e sua expansão em diversas áreas do Brasil, principalmente na primeira década do século XXI, está relacionada às dinâmicas dos espaços rurais influenciadas por demandas comerciais e produtivas”.

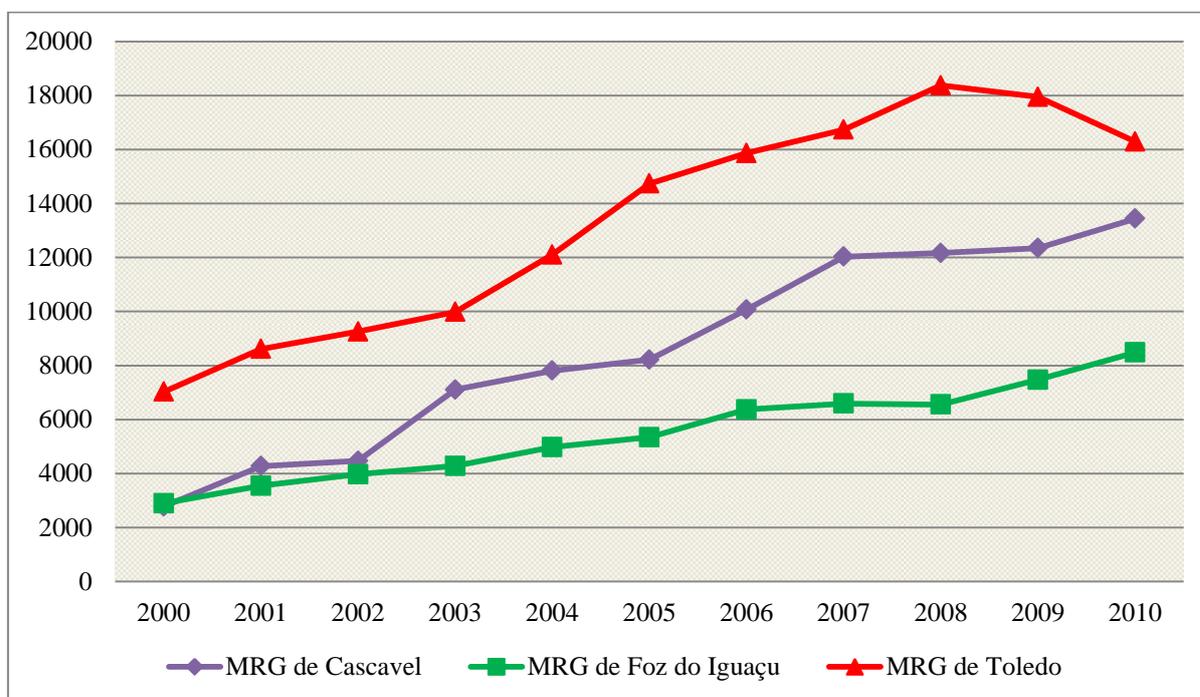
Assim, verifica-se que os avanços tecnológicos destinados ao melhoramento e aumento da avicultura no Brasil, também são observados no Oeste do Paraná, os quais proporcionaram uma série de transformações na dinâmica e reconfiguração do território. No entanto, é interessante destacar que as transformações que ocorreram no Oeste do Paraná são mais recentes, pois a atividade avícola vem ocupando grande parte do espaço que até pouco tempo era destinado, exclusivamente, para alguns cultivos agrícolas.

Liga-se a esta questão o desempenho da atividade avícola na mesorregião Oeste do Paraná, a qual vem proporcionando várias reconfigurações na paisagem do campo e do meio

urbano, isso porque, no campo, a atividade vem apresentando destaque frente a outros cultivos agrícolas.

No meio urbano as transformações ocorreram a partir da instalação de frigoríficos e a geração de vários postos de trabalho que foram colocados a disposição da população com o intuito de explorar sua força de trabalho e aumentar os ganhos dos capitalistas. Considerando que as indústrias de alimento na Mesorregião Oeste do Paraná apresentaram grande destaque para o desenvolvimento econômico e para a geração de postos de trabalho, permite-se apontar as diferenças de cada Microrregião geográfica do Oeste do Paraná com relação aos empregos ofertados nesse setor.

**Gráfico 7** - Empregos nas indústrias de alimentos por Microrregião Geográfica do Oeste do Paraná.



Organização: BECKER, J. R. 2013  
 Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Levando em conta que as potencialidades do Oeste do Paraná se encontram atreladas ao desempenho da atividade avícola, percebe-se que a Microrregião de Toledo é apresentada com maior destaque com relação à oferta de empregos nas indústrias de alimentos e bebidas, em comparação com as demais microrregiões.

O destaque para a Microrregião de Toledo se dá em comparação com as demais, como podemos ver. Traçando um paralelo entre as microrregiões, percebe-se que na Microrregião

de Foz do Iguaçu, no ano de 2000, eram ofertadas 2.895 vagas e, em 2010, estas vagas chegaram a 8.485 postos de trabalhos destinados às indústrias de alimentos e bebidas, o que representa um crescimento de 193% nas vagas de trabalho, no setor de alimentos e bebidas.

Com relação à Microrregião de Cascavel, percebe-se que esta apresentou um crescimento maior confrontada com a Microrregião de Foz do Iguaçu, visto que eram ofertadas 2.779 vagas no ano de 2000 e, em 2010, foram ofertados 13.439 postos de trabalho para as indústrias de alimentos e bebidas, o que representa um acréscimo de 383% das vagas de trabalho no respectivo setor, nesta microrregião.

Diante dessas considerações, é possível averiguar que, a partir de 2002, a Microrregião de Cascavel passou a apresentar um considerável desempenho com relação ao número de empregos nas indústrias de alimentos e bebidas, fato o que pode estar ligado à implantação de algumas indústrias deste gênero na Microrregião em questão.

Ao observar o número de empregos para as indústrias de alimentos e bebidas na Microrregião de Toledo, cabe ressaltar que nela, antes do ano 2000, já possuía em seu território dois frigoríficos muito estruturados que ofertavam vários empregos para a população.

No entanto, a partir de 2005, com a implantação da Unidade Industrial de Aves da Copagril, verifica-se que a quantidade de postos de trabalho para o setor das indústrias de alimentos e bebidas apresentou um expressivo aumento. A Microrregião de Toledo, no ano de 2000, ofertava 7.025 vagas de trabalho para as indústrias de alimentos e bebidas e, em 2010, eram ofertadas 16.290 vagas, o que representa um acréscimo de 131% das vagas de trabalho no respectivo setor analisado.

Ponderando que entre as três Microrregiões que compõem a Mesorregião Oeste do Paraná, a Microrregião de Toledo é a que apresenta o melhor destaque com relação à quantidade de postos de trabalho ofertados nas indústrias de alimentos e bebidas. Porém, cabe ressaltar que a implantação de dois frigoríficos na Microrregião de Cascavel contribuiu para que esta apresentasse o maior crescimento quanto às vagas de trabalho no setor de alimentos e bebidas.

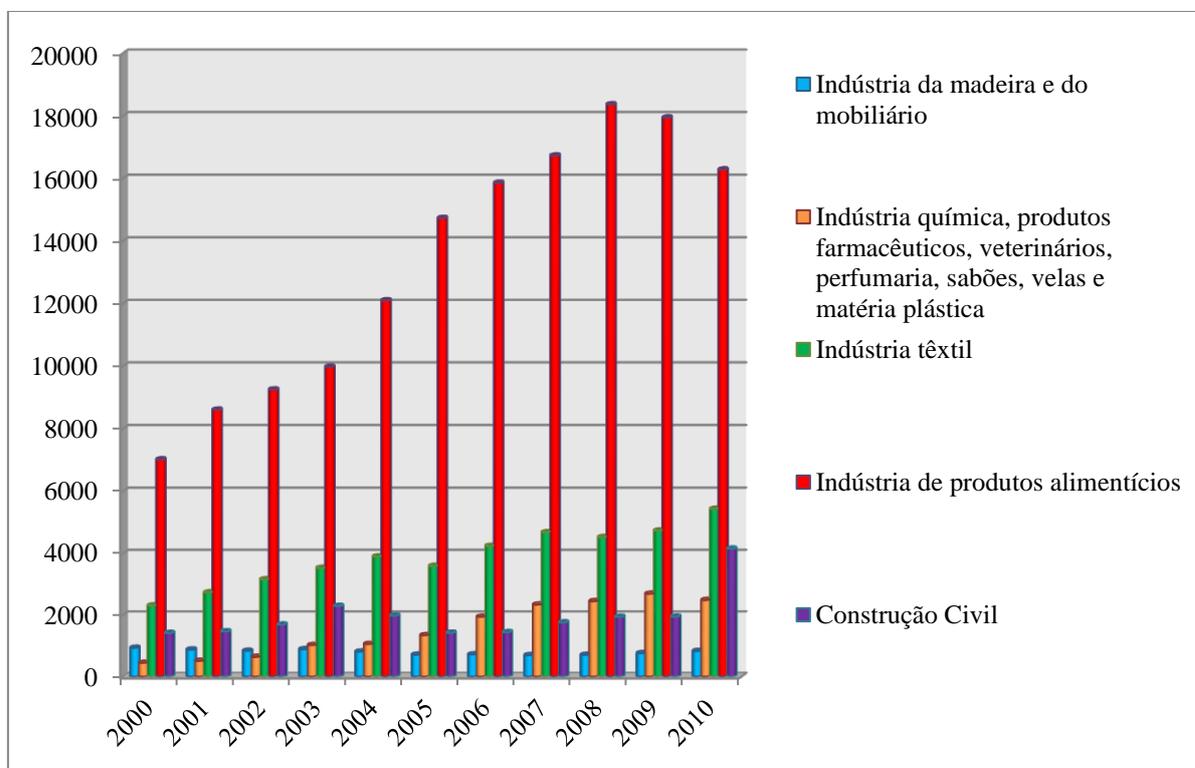
Ao analisar o gráfico 7 é possível constatar que a Microrregião de Toledo, já no ano de 2000, possuía um desempenho considerável com relação as vagas de trabalho ofertadas no setor de alimentos e bebidas, portanto, torna-se pertinente avaliar quais os fatores que interferiram no desempenho desse setor.

Nesse sentido, verifica-se que o bom desempenho das cooperativas presentes no Oeste do Paraná, no caso da Microrregião de Toledo se destaca a Copagril e a C-vale, contribuiu

para a diversificação das propriedades e a intensificação da avicultura e da suinocultura, o que proporcionou uma série de alterações com relação à expansão do capital e a mobilidade do trabalho na Microrregião.

Desta forma, é pertinente salientar que as indústrias de alimentos na Microrregião de Toledo representam o setor que tem disponibilizado o maior número de vagas de trabalho entre os cinco setores industriais com maior representatividade, conforme pode ser averiguado no gráfico 8.

**Gráfico 8** - Crescimento do número de empregos na Microrregião de Toledo nos setores industriais mais representativos.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Com base no gráfico acima, constata-se que as indústrias de alimentos são o setor que possui maior representatividade, em termos numéricos, de empregos ofertados por setor, na Microrregião de Toledo.

Em função disso, é pertinente ressaltar que entre 2000 à 2010 ocorreu um acréscimo de 131% das vagas de trabalho destinadas ao setor de alimentos, enquanto que, para a indústria têxtil, o aumento foi de 135% e, para a construção civil, de 192%. Já as indústrias químicas, produtos farmacêuticos, perfumaria, sabões, velas e matéria plástica apresentaram

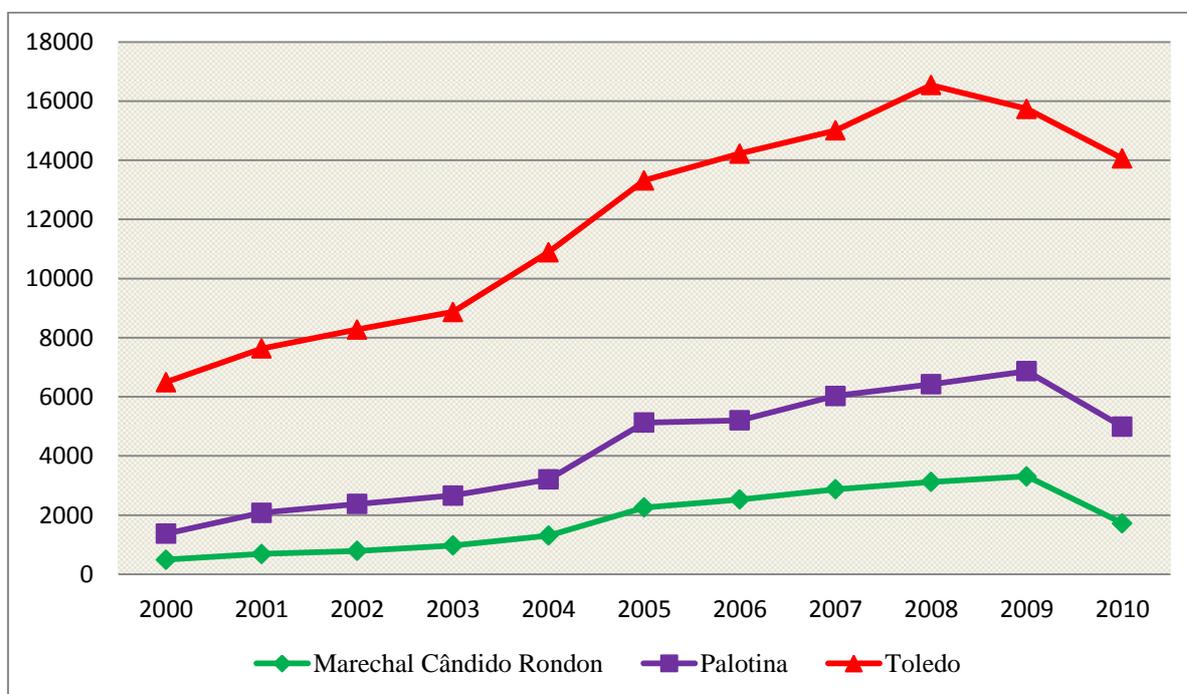
um crescimento de 450% no aumento do número de empregos, enquanto que o setor da indústria da madeira e mobiliário apresentou um decréscimo no número de vagas de 10%.

Desta forma, é possível averiguar que o setor das indústrias de alimento cresceu mais em relação ao setor da indústria da madeira e do modulado. No entanto, vale ressaltar que mesmo tendo gerado menos empregos do que os outros setores representados nos dez anos analisado, este é o setor que utiliza grande parte da mão de obra presente no Oeste do Paraná.

Nessa perspectiva, constata-se que o setor de alimentos no Oeste do Paraná tem proporcionado uma série de alterações na dinâmica e reconfiguração deste espaço, principalmente porque vem contribuindo para a ocorrência de alterações no campo por meio da expansão das agroindústrias e, no meio urbano, pela utilização de grande parte da mão de obra presente no Oeste do Paraná, em outras regiões, em outros estados e até mesmo importando mão de obra de outros países.

Ao analisar a Microrregião de Toledo foi possível averiguar que as indústrias de alimentos que apresentam maiores destaques são os três frigoríficos presentes no município de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo, nesse sentido é interessante analisar a presença das indústrias de alimentos nos respectivos municípios.

**Gráfico 9** - Empregos nas indústrias de alimentos na microrregião de Toledo – Paraná.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

As indústrias de alimentos e bebidas presentes na Microrregião de Toledo apresentam significativa importância para o desempenho econômico desta microrregião, pois a instalação destas foi responsável por gerar uma série de alterações no espaço urbano e rural.

Diante do desempenho das indústrias de alimentos e bebidas na Microrregião de Toledo, cabe destacar que estas se evidenciaram no município de Toledo, Palotina e Marechal Cândido Rondon por meio da instalação dos frigoríficos de aves, os quais proporcionaram várias alterações no âmbito da infraestrutura dos municípios e no cotidiano dos trabalhadores.

De tal maneira, ressalta-se que o município de Toledo apresenta o maior número de postos de trabalho designados às indústrias de alimentos e bebidas, o que ocorre pelo fato de que tal município possui um número maior de indústrias e, também, devido à instalação do frigorífico da BRF Sadia, o qual possui um número elevado de funcionários, pois este frigorífico abate suínos e aves. O frigorífico está instalado na cidade de Toledo desde 1982.

Mesmo apresentando fatores que diferem Toledo dos demais municípios analisados, verificou-se que a partir de 2003 passou a ocorrer um aumento significativo quanto à quantidade de postos de trabalho ofertados junto às indústrias de alimentos e bebidas, sendo que em 2003 eram ofertadas 6.208 vagas de trabalho para o respectivo setor e, em 2004, ofertaram-se 7.678 vagas de trabalho, o que representa um aumento de 23% no número de postos de trabalho para o setor de alimentos e bebidas.

Vale destacar que no ano de 2008 foram ofertadas 10.118 vagas de trabalho no município de Toledo destinadas para as indústrias de alimentos e bebidas, o que representou o número mais expressivo entre os dez anos analisados nos três municípios.

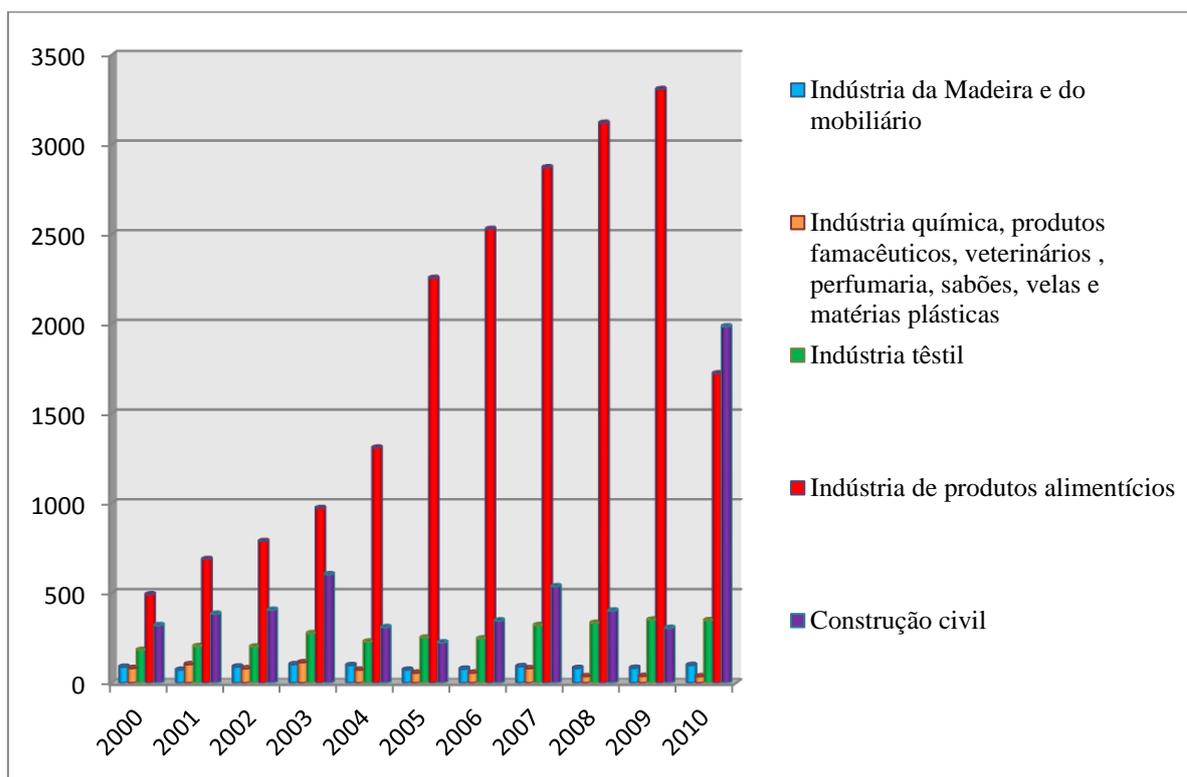
O aumento no número de vagas de trabalho para as indústrias de alimentos e bebidas também passou a ter maior representatividade nos municípios de Marechal Cândido Rondon e Palotina a partir do ano de 2003, os quais também ocorreram devido à implantação da Unidade Industrial de Aves da Copagril, no município de Marechal Cândido Rondon, e a presença do frigorífico da C-vale, em Palotina desde 1996.

Diante do posto até o momento, cabe uma apreciação de cada município que possui destaque no setor das indústrias de alimentos sobre os setores mais representativos com relação à geração de emprego. Tal análise tem o intuito de avaliar quais são os setores que fornecem mais vagas de trabalho e quais setores vem crescendo com maior intensidade nos últimos anos.

Assim, ao avaliar os ramos industriais que nos últimos dez anos vêm crescendo em relação à geração de empregos, constata-se que o município de Marechal Cândido Rondon possui algumas peculiaridades comparado aos outros municípios analisados, principalmente

no que toca os setores que vêm se destacando nos últimos anos. Nesse sentido, verifica-se que o crescimento das indústrias de alimentos em Marechal Cândido Rondon apresentou um expressivo aumento entre 2005 a 2009, o que representa um acréscimo de 46% das vagas de trabalho no setor de alimentos.

**Gráfico 10** - Crescimento do número de empregos no município de Marechal Cândido Rondon nos setores mais representativos.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Ao avaliar o gráfico 10, verifica-se que no ano de 2010 ocorreu um decréscimo de 48% no número de vagas de trabalho ofertadas no setor das indústrias alimentícias, o que pode ser resultado do processo de mecanização de muitas indústrias deste ramo, bem como, devido à falência de algumas fábricas desse setor.

No entanto, constata-se que a construção civil passa a ofertar mais vagas no ano de 2010, o que representa um aumento de 548% das vagas de trabalho no respectivo setor. Esse aumento pode ser reflexo do processo de expansão capitalista que vem ocorrendo no município, com relação à questão da especulação imobiliária, que tem proporcionado melhores rendimentos e aumento de postos de trabalho no setor da construção civil.

Com base nos dados fornecidos pelo gráfico 10, examina-se que o período em que se ofertaram menos vagas no setor de alimentos e bebidas condiz com o período em que ocorreu o aumento dos postos de trabalho na construção civil. Para tanto, observa-se que aconteceu uma alteração com relação ao setor que mais absorve mão de obra no município de Marechal Cândido Rondon.

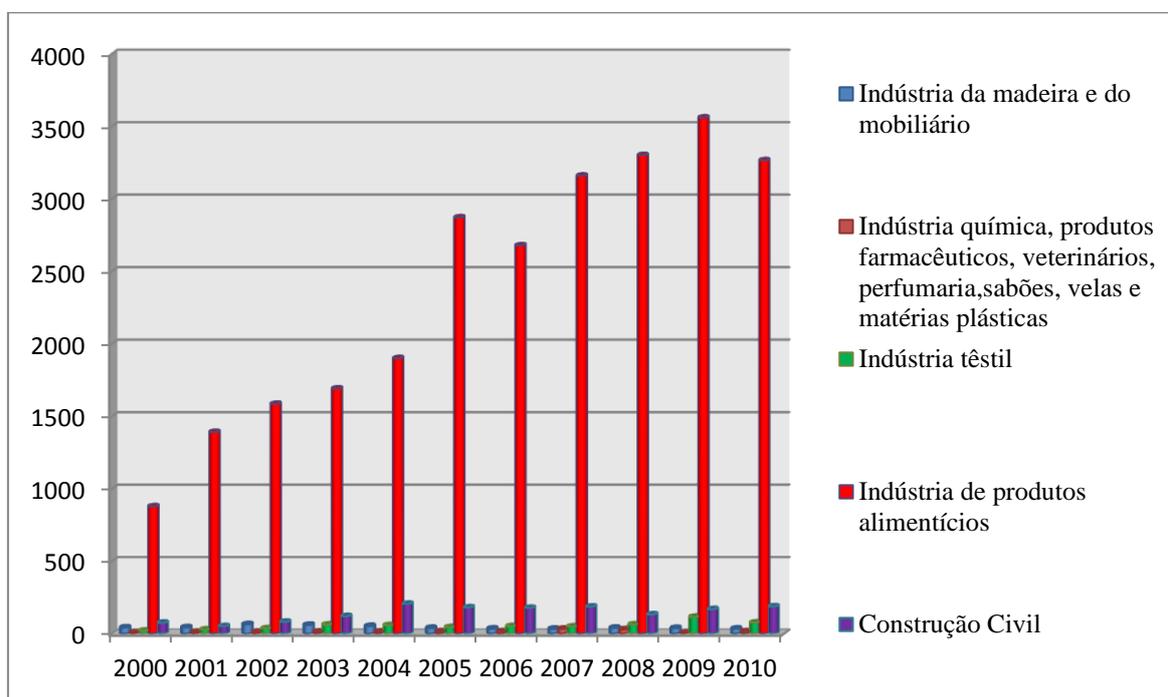
Sobre o crescimento do número de postos de trabalho no setor da construção civil, cabe ressaltar a fala de Lucidalva, 39 anos trabalhadora do frigorífico da Copagril, “os homens não ficam muito tempo porque se eles trabalham na construção ganham mais do que no frigorífico”<sup>10</sup>. Em função disso, percebe-se que os trabalhadores do frigorífico de aves da Copagril buscam outros setores do mercado de trabalho, como a construção civil, por exemplo. Este fato ocorre porque os trabalhadores, principalmente do sexo masculino, são estimulados a buscarem novos empregos devido aos salários serem mais elevados e, também, por causa da carência de mão de obra em alguns setores.

Ao realizar um comparativo dos setores mais representativos, com relação à oferta de empregos, nos demais municípios da Microrregião de Toledo que possuem a instalação de frigoríficos, constata-se algumas peculiaridades com relação aos setores que têm maior representatividade nos últimos anos. Assim, ao analisar os dados referentes ao município de Palotina, é possível averiguar que este possui algumas distinções se comparado com o mercado de trabalho do município de Marechal Cândido Rondon.

---

<sup>10</sup>Lucidalva. Entrevista em 12 de dezembro de 2013. Trabalhadora de Mercedes. Informação verbal cedida quando perguntada sobre o porquê as mulheres ficam mais tempo naquele trabalho do que os homens, conforme questionário no apêndice I.

**Gráfico 11** - Crescimento do número de empregos no município de Palotina nos setores mais representativos.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

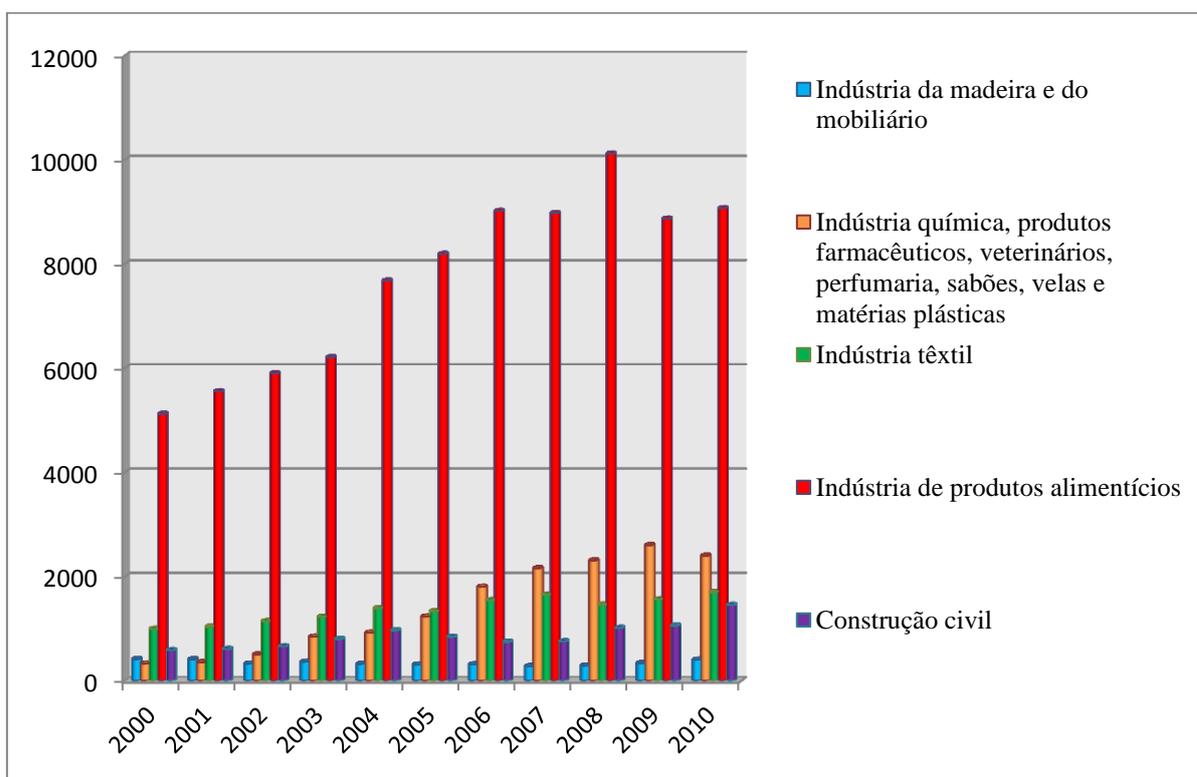
Ao analisar os setores mais representativos que foram ofertadas mais vagas de trabalho no município de Palotina, percebe-se que o âmbito das indústrias de alimentos, mesmo apresentando algumas oscilações com relação ao número de postos de trabalho, é o setor mais representativo no que toca a geração de emprego.

Com relação à importância dos setores de alimentos para o mercado de trabalho em Palotina, admite-se que entre o período de 2000 a 2010 o número de empregos ofertados no respectivo setor teve um acréscimo de 271%, enquanto que a construção civil - o segundo setor que mais cresceu no município - apresentou um aumento nas vagas de trabalho correspondente a 145% durante o período.

Em função dos setores mais representativos com relação à oferta de empregos no município de Marechal Cândido Rondon e Palotina, verificou-se que a construção civil em Palotina não apresentou o mesmo crescimento como em Marechal Cândido Rondon. Destaca-se que o processo de expansão capitalista que ocorre no município de Palotina se encontra atrelado ao desempenho das indústrias de alimentos e não aos outros setores representativos, no que toca a geração de emprego no município.

Sobre as distinções entre aos setores com maior representatividade na geração de empregos, ressalta-se que o mercado de trabalho no município de Toledo também se difere bastante com relação aos municípios de Marechal Cândido Rondon e Palotina, conforme pode ser averiguado, com base nos dados do IPARDES e no gráfico 12, referente aos setores que mais se destacaram sobre a oferta de empregos.

**Gráfico 12** - Crescimento do número de empregos no município de Toledo nos setores mais representativos.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

A partir dos dados do IPARDES sobre os setores mais representativos com relação à geração de empregos no município de Toledo, verifica-se que, novamente, o setor das indústrias de alimentos e bebidas é o que mais se destaca com relação à quantidade de empregos para a população, mas se analisarmos os setores que mais crescem nos últimos anos, observa-se que ocorre algumas alterações quanto aos setores que vem tendo maior representatividade frente ao mercado de trabalho.

Ao analisar os dados de Toledo, pode-se averiguar que o setor de alimentos, no período correspondente entre os anos 2000 a 2010, apresentou um acréscimo de 77% no número de empregos.

No entanto, cabe ressaltar que este setor apresentou números elevados quanto à quantidade de vagas de trabalho, mas não corresponde ao setor que teve maior representatividade, isso porque setores atrelados às indústrias químicas, produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, sabões, velas e matérias plásticas, apresentaram um crescimento de 623% em relação ao número de empregos correspondente ao período analisado.

Esse aumento com relação à geração de empregos no setor das indústrias químicas e farmacêutica são reflexos da instalação de algumas fábricas de remédio no município de Toledo.

Sobre o trabalho nas indústrias farmacêuticas Solâine, 29 anos, trabalhadora do frigorífico da BRF Sadia, relata que “muitas pessoas deixam o emprego na Sadia para trabalharem nas fábricas de remédio, porque o salário é maior e as condições de trabalho também são melhores”<sup>11</sup>.

Por meio da análise dos gráficos de cada município, com relação aos setores mais representativos quanto ao número de empregos ofertados, é possível averiguar que as indústrias de alimento se destacam nos três municípios, mas se observou que outros setores vêm se destacando quanto ao número de vagas de trabalho, como é o caso das indústrias químicas e farmacêuticas - em Toledo - e a construção civil, em Marechal Cândido Rondon.

A partir dessas reflexões, verifica-se que o maior número de vagas de trabalho na Microrregião de Toledo está nas indústrias de alimentos, pois este setor necessita de uma grande quantidade mão de obra na linha de produção.

Verifica-se desta forma, que o setor de alimentos tem um crescimento maior que 50%, em relação aos outros setores industriais representativos no Oeste do Paraná. Tal percentagem comprova a expansão das indústrias alimentícias na região e o processo de expansão geográfica do capital sobre ela e, ainda, o desenvolvimento de uma nova divisão territorial do trabalho.

Ao analisar a relação dos frigoríficos com o mercado de trabalho na Microrregião de Toledo, é interessante apontar a presença do Frigorífico da Copagril (Marechal Cândido Rondon), da C-vale (Palotina) e BRF Sadia (Toledo), os quais empregam grande parte da mão de obra presente nestes municípios. Ao investigar o processo de expansão geográfica do

---

<sup>11</sup>Solâine. Entrevista em 15 de dezembro. Trabalhadora de Toledo. Informação verbal cedida quando perguntado por que as mulheres ficam mais tempo no trabalho do que os homens, conforme questionário no apêndice I.

capital sobre o Oeste do Paraná, é possível constatar a ocorrência de uma série de alterações sobre o cotidiano dos trabalhadores.

Nesse sentido, vale ressaltar que os três frigoríficos presentes na microrregião de Toledo possuem certa proximidade com relação à localização dos municípios, pois estes são considerados pequenos e com ligeira proximidade entre eles. Conforme pode ser averiguado na figura 3 sobre as unidades frigoríficas na Microrregião de Toledo.

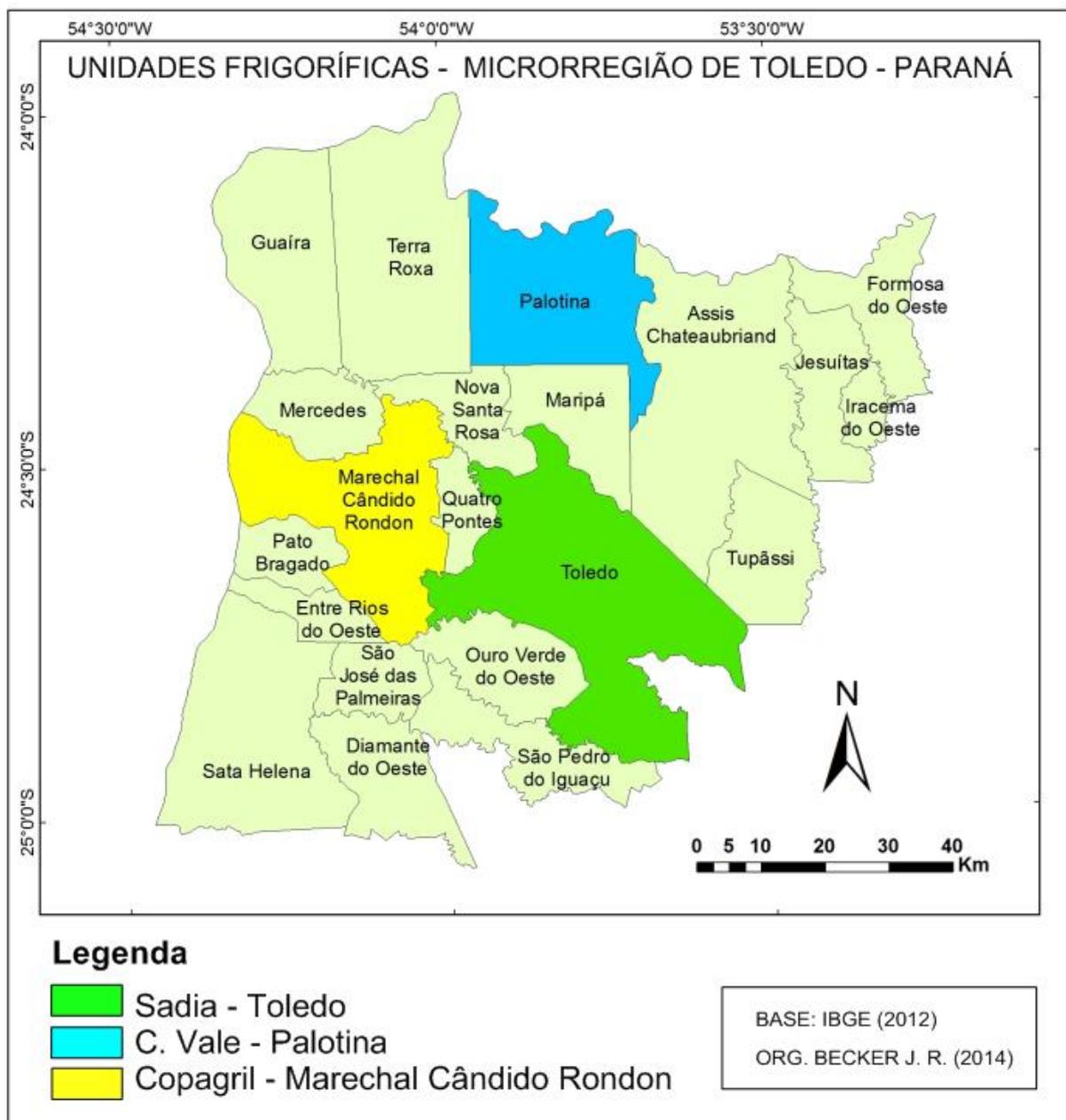


FIGURA 3 – Unidades Frigoríficas na Microrregião de Toledo.

Fonte: IBGE, (2012)

Com base na figura 3, é possível observar a localização das unidades frigoríficas na Microrregião de Toledo, por meio da qual se constata, como dito anteriormente, que existe certa proximidade entre os municípios da Microrregião de Toledo.

Essa proximidade se torna fundamental para a expansão capitalista atrelada ao desempenho das indústrias de alimentos, visto que facilita a integração de cooperados e avicultores de outros municípios e o deslocamento de trabalhadores de outras localidades para a sede dos frigoríficos.

Diante do fato de que a instalação das unidades frigoríficas na microrregião de Toledo tem proporcionado a expansão geográfica do capital em direção ao Oeste do Paraná, vale salientar que esse processo de expansão capitalista também pode ser averiguado por meio do aumento do número de estabelecimentos cadastrados na central de empregos nos municípios sedes das unidades frigoríficas, conforme os dados apresentados na tabela 1.

<b>Municípios</b>	2006	2007	2008	2009	2010	2011
<b>Marechal Cândido Rondon</b>	2.298	2.219	2.293	2.368	2.640	2.592
<b>Palotina</b>	1.122	1.200	1.189	1.251	1.368	1.295
<b>Toledo</b>	4.946	5.266	5.406	5.397	5.397	5.557

Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em <http://sgt.caged.gov> acesso em setembro de 2013. Organização: Becker, 2013.

Por meio dos dados da tabela 1, é possível averiguar que o período de cinco anos em que os dados demonstram o número de estabelecimentos em cada município da Microrregião de Toledo que possuem frigoríficos de aves, verifica-se que estes dados possuem uma oscilação com relação aos resultados de 2010 que foram maiores do que os de 2011, nos municípios de Marechal Cândido Rondon e Palotina.

Mas mesmo com esta oscilação com relação ao ano de 2010, é possível averiguar que, em um período de cinco anos, o município de Marechal Cândido Rondon apresentou um crescimento de 12,79% no número de estabelecimentos registrados na central de empregos, Palotina apresentou um acréscimo de 15,41% e Toledo de 12,35%. Ou seja, com base nos dados fornecidos pela tabela 1, constata-se que nos três municípios que possuem frigoríficos instalados na Microrregião de Toledo ocorreu um aumento no número de estabelecimentos cadastrados na central de empregos.

Nesse sentido, cabe ressaltar que o aumento do número de estabelecimentos também resultou no aumento do número de pessoas ocupadas, visto que foram geradas mais vagas de trabalho, conforme pode ser averiguado na tabela 2.

<b>Municípios</b>	2006	2007	2008	2009	2010	2011
<b>Marechal Cândido Rondon</b>	10.182	11.292	13.616	12.689	13.096	13.544
<b>Palotina</b>	7.079	7.961	8.288	8.867	9.038	9.398
<b>Toledo</b>	32.548	33.172	35.579	34.283	34.283	37.596

Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em <http://sgt.caged.gov> acesso em setembro de 2013. Organização: Becker, 2013.

Com base na tabela 2, é possível constatar que entre 2006 a 2011 também ocorreu um aumento no número de pessoas ocupadas assalariadas nos três municípios em que as indústrias de alimentos tem se destacado na microrregião de Toledo.

Para tanto, observa-se que o número de pessoas ocupadas assalariadas no município de Marechal Cândido Rondon entre 2006 a 2011 teve um acréscimo de 33,01%, o que representa um aumento significativo, se considerarmos que os dados analisados demonstram o crescimento durante um período de cinco anos. Já o município de Palotina apresentou um aumento semelhante ao de Marechal Cândido Rondon, sendo que teve um acréscimo de 32,75%. No entanto, cabe ressaltar que o município de Toledo apresentou um acréscimo de 15,50% entre o período de 2006 a 2011, sendo o município que apresentou o aumento menos expressivo durante o período em que os dados foram analisados.

Considerando o fato de que o município de Toledo apresentou o menor crescimento entre os três municípios analisados, cabe destacar que o município já possui um mercado de trabalho que fornece um número de vagas superior aos outros municípios analisados, fato que pode representar certa estagnação quanto à oferta de trabalho e o número de pessoas ocupadas no município.

Ao correlacionar os dados da tabela 1, sobre o registro de estabelecimentos, com os dados da tabela 2, que demonstra o número de pessoas ocupadas assalariadas nos municípios, contata-se que o processo de expansão geográfica do capital vem a cada dia se alastrando mais sobre o Oeste do Paraná e, em especial, sobre a Microrregião de Toledo, que possui as características que o capital considera como fundamentais, principalmente para a instalação das indústrias de alimentos.

Em função disso, é perceptível que a instalação de três unidades frigoríficas na Microrregião de Toledo, associada ao processo de expansão capitalista que vem se alastrando sobre toda a região Oeste do Paraná, encontra-se combinado à exploração da mão de obra presente na região, ao trabalho precário e mal remunerado e a exploração dos recursos naturais.

**CAPÍTULO 3 – O  
TRABALHO FEMININO NA  
MICRORREGIÃO DE  
TOLEDO**

### **CAPÍTULO 3 – O TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO**

O processo de expansão capitalista sobre a Microrregião de Toledo vem apresentando um desempenho significativo com relação à acumulação de capital, a qual se encontra articulada à expansão das agroindústrias e à utilização da mão de obra, principalmente feminina, frente à linha de produção.

Em função disso, verifica-se que o processo de expansão capitalista, articulado ao surgimento de várias agroindústrias na Microrregião de Toledo, tem proporcionado uma série de transformações quanto ao desempenho econômico da região e o mercado de trabalho, visto que nos últimos anos vem ocorrendo um aumento significativo das vagas de trabalho destinadas principalmente ao trabalho feminino. No entanto, torna-se perceptível que o processo de expansão capitalista sobre a Microrregião de Toledo tem proporcionado uma série de alterações quanto à organização do trabalho no espaço fabril e a trajetória da mulher no mercado de trabalho.

Nesse sentido, o primeiro item do presente capítulo busca analisar como o processo de expansão capitalista contribuiu para aumentar a participação feminina no mercado de trabalho, principalmente frente à linha de produção dos três frigoríficos instalados na microrregião de Toledo.

O segundo item busca demonstrar como ocorre a mobilidade territorial do trabalho em que se encontra a instalação do frigorífico de aves da Copagril, C.vale e BRF Sadia na Microrregião de Toledo. Assim, também, são expostas as transformações que ocorreram nos municípios que possuem as unidades frigoríficas instaladas em seu território.

Já o terceiro item do presente capítulo busca analisar qual é a trajetória de trabalho das trabalhadoras dos frigoríficos bem como abordar algumas das dificuldades que estas mulheres enfrentam para conseguirem se inserir e se manter no mercado de trabalho.

#### **3.1 – A EXPANSÃO CAPITALISTA E SUAS SINGULARIDADES COM A QUESTÃO DE GÊNERO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO.**

Ao analisar o processo de expansão geográfica do capital sobre a Microrregião de Toledo, situada na região Oeste do Paraná, é possível constatar que este processo de

acumulação de capital ocorre, principalmente, porque a região possui certo potencial para o desenvolvimento da agroindústria atrelado à utilização de mão de obra barata.

Em função disso, observa-se que a Microrregião de Toledo possui as características essenciais para o desempenho das agroindústrias, isto é, uma junção entre: os fatores naturais da microrregião, que são essenciais para o desempenho da agricultura, a questão fundiária por meio da existência de pequenas e médias propriedades (diversificada quanto à questão da produção), a expansão do cooperativismo e a mão de obra facilmente adaptável as exigências capitalistas.

Conforme dados analisados no capítulo anterior, verificou-se que as indústrias de alimentos apresentam um acréscimo de 131% no número de vagas de trabalho entre 2000 a 2010, assim representa o setor que mais forneceu vagas de trabalho frente aos setores mais representativos do mercado de trabalho<sup>12</sup>.

A partir do processo de expansão das indústrias alimentícias para a Microrregião de Toledo, constatou-se que vem ocorrendo uma série de alterações no mercado de trabalho, sendo que este setor, atualmente, representa o ramo industrial com maior número de vagas de trabalho disponíveis para os trabalhadores<sup>13</sup>.

Diante destas colocações, cabe salientar que as agências dos trabalhadores, todos os meses, possuem vagas de auxiliar de linha de produção. Sobre este elevado número de vagas, em especial para os frigoríficos, o representante do SINE de Palotina relata: “temos aproximadamente 100 vagas por mês para auxiliar de linha de produção no frigorífico, isso sem contar o cadastro de reserva da empresa e as pessoas que vêm de outros municípios”<sup>14</sup>.

Com relação à atuação das unidades frigoríficas de aves na microrregião de Toledo, é possível destacar que o elevado número de vagas de trabalho destinadas, em especial, para este setor do mercado de trabalho ocorre porque, para o desempenho dos frigoríficos, é preciso de mão de obra abundante. Ressalta-se que o trabalho ofertado no respectivo setor pode ser considerado precário com relação à jornada de trabalho e as condições com as quais o trabalhador se depara, bem como o fato de ser uma atividade mal remunerada.

No entanto, ao investigar as causas responsáveis pelo número de empregos no setor de alimento, destaca-se que tal setor necessita de uma série de trabalhadores para que ocorra o

---

<sup>12</sup>Ver gráfico 8 referente ao número de empregos nos setores mais representativos do mercado de trabalho na microrregião de Toledo, conforme dados do IPARDES.

<sup>13</sup>A Agência do Trabalhador (SINE) de Marechal Cândido Rondon, Estado do Paraná, está com aproximadamente 200 vagas abertas nesta quinta-feira, 22 de agosto de 2013. Dentre essas vagas, há o destaque para o cargo de Auxiliar de Linha de Produção, com 165 vagas. Fonte: [www.trabalho.pr.gov.br](http://www.trabalho.pr.gov.br)

<sup>14</sup>Entrevista com representante do SINE de Palotina, resposta quando perguntado sobre o número de vagas destinadas para o frigorífico da C.vale, entrevista realizada no dia 08 de dezembro de 2013.

funcionamento da indústria, porque, devido às péssimas condições de trabalho impostas ao trabalhador, muitos vão em busca de outros trabalhos que oferecem condições mais dignas: um melhor ambiente de trabalho, melhor remuneração e uma jornada mais flexível.

Com base nos fatores que proporcionam um elevando número de vagas de trabalho nas unidades frigoríficas presentes na Microrregião de Toledo, vale destacar a fala de Zuleica, 41 anos, trabalhadora do frigorífico da BRF Sadia, “o trabalho aqui é bastante cansativo por isso as pessoas que tem mais estudo vão procurar outro emprego em que ganham um salário melhor e tem a possibilidade de crescer na vida”<sup>15</sup>.

Diante de todas as questões expostas, é possível averiguar que, devido às condições degradantes de trabalho pelas quais os trabalhadores se submetem nos frigoríficos, os dados de admissão e demissão neste setor revelam que, além de ser a esfera que proporciona o maior número de vagas de trabalho, é também o ramo industrial que possui maior rotatividade, ou seja, menor à permanência dos trabalhadores.

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Admitidos</b>	1.840	2.823	2.672	2.747	2.441	1.883
<b>Demitidos</b>	1.599	2.585	2.485	2.682	2.553	2.289

Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://sgt.caged.gov>. Acesso em: setembro de 2013. Organização: Becker, 2013

Sobre esta rotatividade com relação à admissão e demissão de pessoas nos frigoríficos, o representante do Sine de Marechal Cândido do Rondon destacou: “se considerarmos o número total de postos de trabalho do frigorífico e compararmos com a quantidade de vagas ofertadas mensalmente, observa-se que a cada seis meses são empregados o número total de postos de trabalho ofertadas no frigorífico”<sup>16</sup>. Assim, ao analisar os dados sobre o número de pessoas admitidas e demitidas em Marechal Cândido Rondon, nas indústrias de alimentos e bebidas, é possível averiguar que no ano de 2011 e 2012 foram demitidas mais pessoas que admitidas. Da mesma forma, nos anos anteriores, a porcentagem de pessoas admitidas e demitidas era semelhante.

Em função do número de pessoas demitidas no ano de 2011 e 2012 ser maior do que do que o de pessoas admitidas, supõe-se que tal evento pode ser reflexo do processo de

<sup>15</sup> Zuleica. Entrevista realizada no dia 16 de janeiro de 2014. Trabalhadora de Ouro Verde do Oeste. Informação verbal cedida quando perguntado por que as mulheres ficam mais tempo do que os homens no frigorífico.

<sup>16</sup> Entrevista realizada com representante do SINE de Marechal Cândido Rondon, em 2 de agosto de 2013.

mecanização de alguns setores dentro das indústrias de alimentos, o que tem proporcionado a redução do número de funcionários.

Ao analisar os dados dos municípios de Palotina e de Toledo, no que toca o número de pessoas admitidas e demitidas nas indústrias de alimentos e bebidas, é possível averiguar que o número de demissões é muito próximo do número de pessoas admitidas no setor.

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Admitidos</b>	1.908	2.278	1.563	1.248	1.738	1.352
<b>Demitidos</b>	1.435	2.156	1.298	1.545	1.629	1.547

Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://sgt.caged.gov>. Acesso em: setembro de 2013. Organização: Becker, 2013

Com base nos dados de Palotina, sobre o número de pessoas admitidas e demitidas nas indústrias de alimentos e bebidas no município, verifica-se que foram admitidas e demitidas menos pessoas em Palotina, no respectivo setor, do que em Marechal Cândido Rondon.

Ao realizar uma comparação entre os dois municípios averigua-se que em Palotina já se demitia mais pessoas do que se admitia no setor de alimentos e bebidas no ano de 2010, enquanto que em Marechal Cândido Rondon isso passa a acontecer com mais intensidade no ano de 2011. No entanto, ao comparar os dados dos dois municípios com os dados de Toledo, constata-se que o este é o município que possui as maiores distinções entre a admissão e demissão de pessoas nas indústrias de alimentos e bebidas, conforme pode ser averiguado com auxílio da tabela 5.

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
<b>Admitidos</b>	2.104	3.324	1.481	2.194	2.890	2.778
<b>Demitidos</b>	2.171	1.985	2.763	1.982	2.694	2.997

Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://sgt.caged.gov>. Acesso em: setembro de 2013. Organização: Becker, 2013

Diante dos números apresentados acima, é possível inferir a existência de certa oscilação quanto ao número de pessoas que são admitidas e demitidas em Toledo no setor de alimentos e bebidas. Isto acontece porque, em alguns anos constata-se que foram demitidas

mais pessoas que admitidas e em outros anos ocorreu o inverso, foram admitidas mais pessoas que demitidas.

Em função disso constata-se que as vagas de trabalho ofertadas no setor de alimentos e bebidas oscilam bastante no município de Toledo, principalmente por que em alguns períodos ocorre um desligamento maior de pessoas da empresa e em outros momentos são admitidas um grande contingente de trabalhadores.

Nesse sentido observa-se que o trabalho ofertado pelos frigoríficos da Microrregião de Toledo apresenta grande rotatividade quanto à admissão e demissão de funcionários. Esta rotatividade comprova por que são ofertadas tantas vagas de trabalho todos os meses nos frigoríficos da Microrregião de Toledo.

Sobre a rotatividade em relação à contratação de novos funcionários Amélia, 44 anos trabalhadora do frigorífico da C.vale ressalta que “tem pessoas que entram aqui ficam duas horas e vão embora falando de que esse trabalho não é para gente, principalmente os homens, por que eles acham que tem emprego melhor”<sup>17</sup>.

Com base nestas informações, constata-se que a alta rotatividade de funcionários nos frigoríficos de aves é pode transparecer como as pessoas percebem o trabalho frente à linha de produção dos frigoríficos: como sendo extremamente degradante, questão que contribui para que ocorra o desligamento dos funcionários.

Ao analisar os dados sobre o mercado de trabalho nos municípios da Microrregião de Toledo, os que possuem a instalação de unidades frigoríficas, constata-se que, além de ser o setor com maior representatividade com relação à geração de emprego, de possuir uma elevada rotatividade de trabalhadores, é a partir da expansão capitalista, em direção ao Oeste do Paraná, que os postos de trabalho ocupados por mulheres também vem aumentando nos últimos anos.

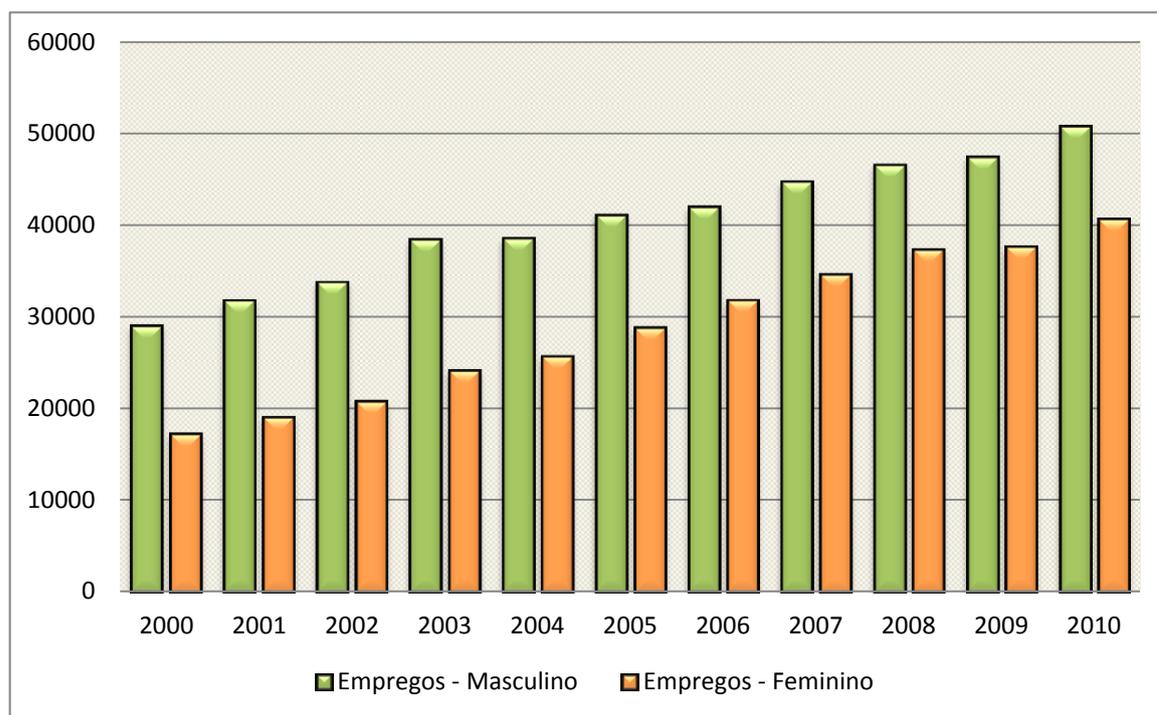
De tal modo, torna-se perceptível que nos últimos anos vem ocorrendo no Oeste do Paraná e, em especial, na Microrregião de Toledo, uma série de alterações no mercado de trabalho, principalmente atreladas à oferta de emprego, remuneração e a expansão, ou surgimento, de novos postos de trabalho.

A partir dessas acepções, cabe uma análise sobre o aumento dos postos de trabalho ocupados por mulheres na Microrregião de Toledo e nos municípios que possuem unidades frigoríficas instaladas em seu território.

---

<sup>17</sup>Amélia. Entrevista realizada no dia 22 de janeiro de 2014. Trabalhadora de Terra Roxa. Informação verbal.

**Gráfico 13** – Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres na Microrregião de Toledo entre o período de 2000 – 2010.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Observando os dados do gráfico acima, pode-se perceber que em um período correspondente aos dez anos analisados, os empregos ocupados por mulheres aumentaram 136%, enquanto que os empregos masculinos aumentaram 75%. Cabe ressaltar que, ao longo do período analisado, o número de postos de trabalho ocupados por homens sempre foi maior do que por mulheres, mas esta diferença vem diminuindo nos últimos anos, visto que no ano de 2000 os homens ocupavam cerca de 68% a mais das vagas de trabalho disponibilizadas no mercado de trabalho do que as mulheres.

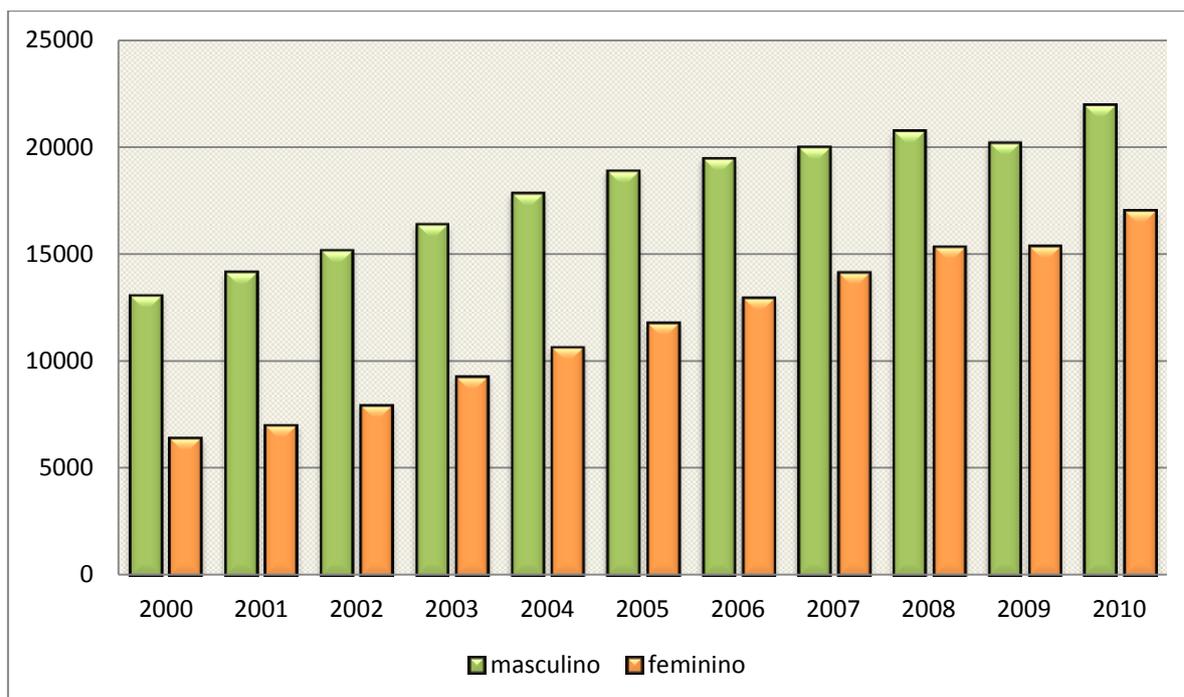
Já com base nos dados de 2010 é possível averiguar que o homens ocupavam cerca de 25% a mais das vagas de trabalho que as mulheres, enquanto que em 2000 essa diferença era de 68%.

O aumento no número de vagas ocupado por mulheres na microrregião de Toledo se relaciona à expansão capitalista que vem se intensificando no Oeste do Paraná e, também, à necessidade de mão de obra facilmente adaptável ao trabalho industrial, isso tudo atrelado às lutas dos movimentos feministas e à questão da Igualdade de Direitos.

Considerando que o processo de expansão capitalista sobre a microrregião de Toledo se encontra interligado à expansão das indústrias de alimentos, as quais correspondem ao

setor com maior representatividade frente à geração de postos de trabalho, é interessante analisar a quantidade de postos de trabalho que são ofertados para homens e mulheres nos municípios que possuem em seu território as unidades frigoríficas.

**Gráfico 14** – Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres no município de Toledo entre o período de 2000 – 2010.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

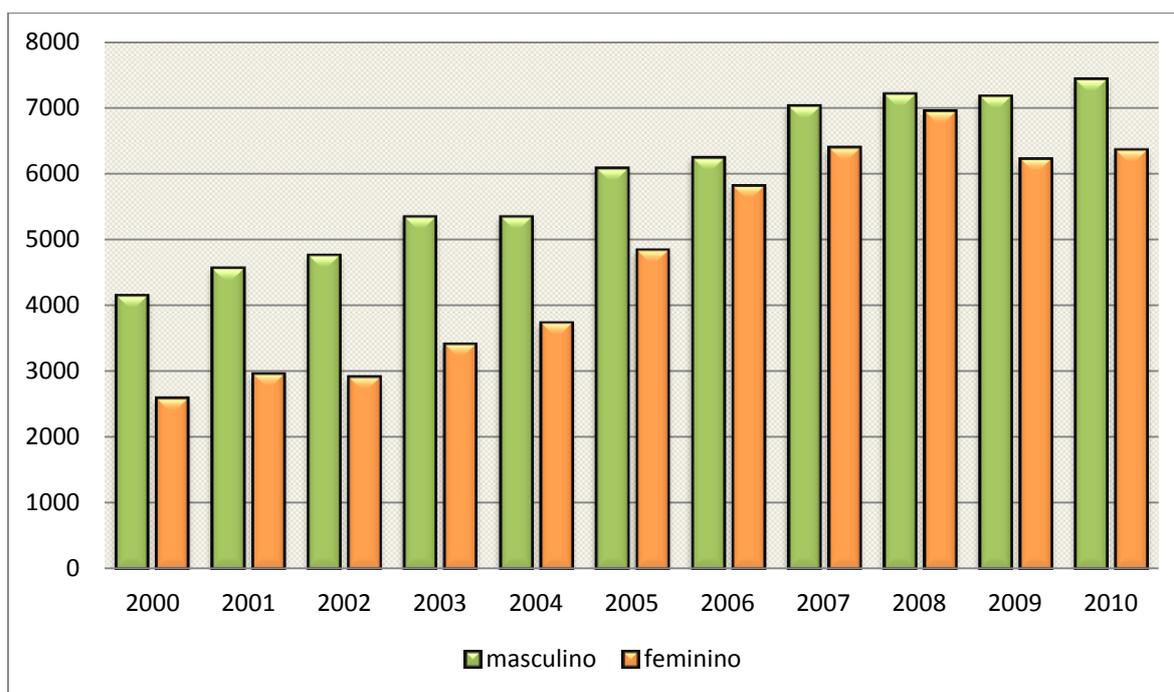
Ao analisar as vagas de trabalho ofertadas no município de Toledo, verificou-se que no período correspondente aos dez anos analisados, o emprego feminino apresentou um aumento de 165% enquanto que o masculino teve um aumento de 68%. Assim, comprova-se que o mercado de trabalho no município de Toledo vem apresentado algumas alterações quanto à oferta de vagas de trabalho que são ocupadas por mulheres.

Com relação ao número de postos de trabalho que são ocupados por homens e mulheres, constatou-se que em 2000 os homens ocupavam cerca de 103% a mais das vagas de trabalho do que as vagas ocupadas por mulheres, enquanto que em 2010 essa diferença caiu para 29%.

Portanto, observa-se que além do aumento das vagas de trabalho é possível averiguar a ocorrência de um crescimento da participação feminina frente ao mercado de trabalho, isso porque, atualmente, a diferença entre empregos ocupados por homens e mulheres é pequena se comparada com a diferença constatada em 2000. Nesse sentido, ao analisar as vagas de

trabalho ocupadas por homens e mulheres no município de Marechal Cândido Rondon, é possível constatar que também ocorreu um aumento no número de vagas de trabalho ocupadas por mulheres, conforme pode ser averiguado com base no gráfico 15.

**Gráfico 15** – Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres no município de Marechal Cândido Rondon entre o período de 2000 – 2010.



Organização: BECKER, J. R. 2013

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Os dados sobre as vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres referentes ao município de Marechal Cândido Rondon demonstram que entre o período analisado ocorreu um aumento de 145% das vagas de trabalho ocupadas por mulheres, enquanto que, se analisarmos o aumento das vagas ocupadas por homens, constata-se a ocorrência do aumento de 78% durante os dez anos.

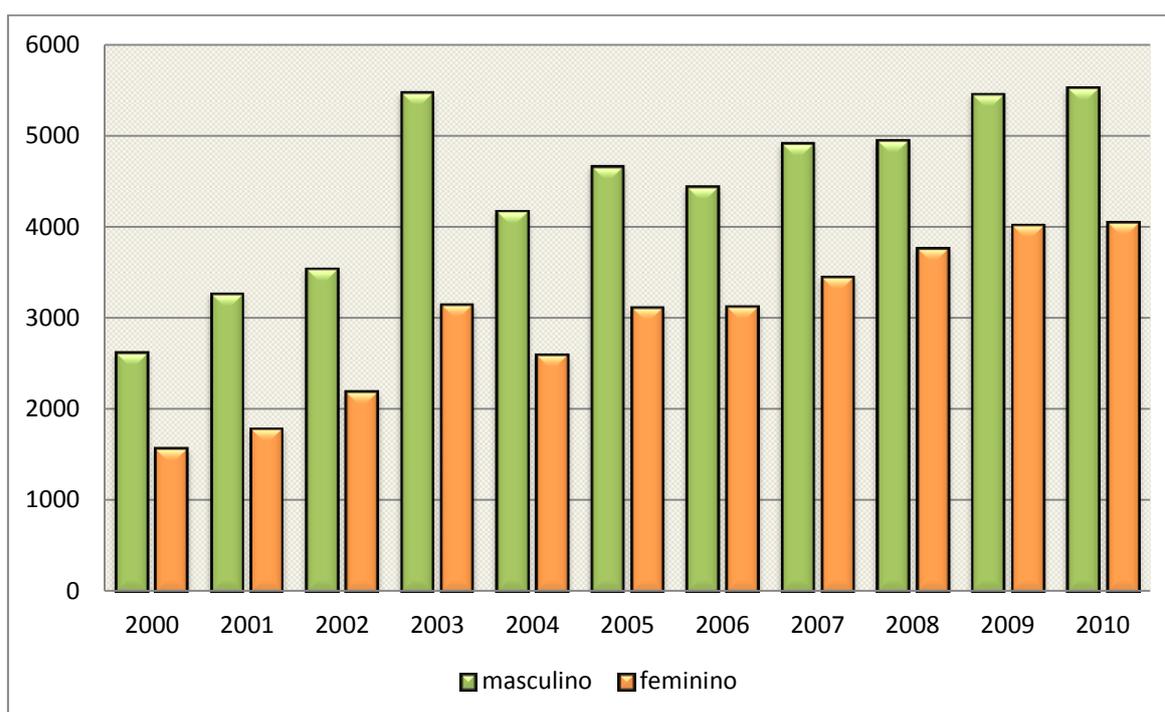
É perceptível ainda que, da mesma forma como o mercado de trabalho vem empregando mais mulheres no município de Toledo, esse aumento também vem ocorrendo no município de Marechal Cândido Rondon, sendo que no ano de 2000 os homens ocupavam cerca de 60% a mais dos postos de trabalho do que as mulheres e, em 2010, essa diferença chegava a 17%. Portanto, ao realizar uma análise sobre a relação entre o mercado de trabalho e a oferta de postos de trabalho, constatou-se que a distribuição das vagas, quanto à questão

de gênero, principalmente atrelada ao preconceito contra o sexo feminino, vem diminuindo nos últimos anos.

O aumento das vagas ofertadas para mulheres é reflexo das lutas por igualdade de direitos. Se observarmos o Oeste do Paraná e a expansão do capitalismo atrelada à instalação de várias agroindústrias, pode-se apurar que o trabalho feminino se tornou uma importante estratégia para o processo de acumulação, principalmente porque as mulheres possuem as qualidades que são consideradas vantajosas diante do trabalho nos frigoríficos.

Vale ressaltar que as alterações que vem ocorrendo no mercado de trabalho, quanto aos postos de trabalho ocupados por homens e mulheres, também podem ser observadas no município de Palotina, conforme demonstrado no gráfico 16.

**Gráfico 16** – Vagas de trabalho ocupadas por homens e mulheres no município de Palotina entre o período de 2000 – 2010.



Organização: BECKER, J. R. 2013  
 Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Ao analisar os dados referentes aos postos de trabalho ocupados por homens e mulheres no município de Palotina, verificou-se algumas peculiaridades quanto a oscilação das vagas de trabalho ocupadas por eles e elas, porém, mesmo apresentando algumas disparidades ao longo dos dez anos analisados, é possível inferir que ocorreu um aumento em relação as vagas de trabalho ocupadas por mulheres.

Sobre este tema, comparando os dados de Palotina no ano de 2000 com os de 2010, verificou-se a ocorrência de um aumento de 157% com relação aos postos de trabalho ocupados por mulheres e um aumento de 110% com relação às vagas ocupadas por homens.

Cabe ressaltar que, diferente de Toledo e Marechal Cândido Rondon, o município de Palotina também apresentou um aumento considerável com relação aos postos de trabalho ocupados por homens, fato este que pode estar relacionado à expansão capitalista que vêm ocorrendo sobre neste município e tem proporcionado a geração de mais vagas de trabalho.

No entanto, ressalta-se que da mesma forma como o mercado de trabalho no município de Palotina tem apresentado algumas oscilações, também se verifica que em 2000 os homens ocupavam cerca de 67% a mais das vagas de trabalho do que as mulheres, enquanto que em 2010 essa diferença caiu para 36%, o que demonstra que um percentual maior de mulheres vêm ocupando os postos de trabalho disponíveis no município.

Contudo, ao analisar os municípios da Microrregião de Toledo que possuem unidades frigoríficas instaladas em seu território com a evolução do emprego feminino, verificou-se que com a instalação ou expansão dessas unidades frigoríficas ocorreu um aumento significativo no número de postos de trabalho que são ocupados por mulheres nos últimos anos. Cabe ressaltar que o aumento da participação feminina no mercado de trabalho nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo, é reflexo do bom desempenho das agroindústrias, que vem promovendo a inserção da mulher no mercado formal de trabalho.

De tal maneira também cabe ressaltar que nos últimos anos vem ocorrendo um aumento da PEA (População Economicamente Ativa) nos municípios que possuem as unidades frigoríficas instaladas em seu território.

Considerando que o objetivo da pesquisa é averiguar a trajetória da mulher no mercado de trabalho e a maneira que o capitalismo encontrou para explorar a mão de obra presente nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo, foi realizado um levantamento sobre os dados que demonstram a evolução da PEA feminina e da PEA masculina nos respectivos municípios selecionados para análise, conforme apresentado na tabela 6 e 7.

<b>Tabela 6: População feminina economicamente ativa - PEA</b>			
Ano	Marechal Cândido Rondon	Palotina	Toledo
2000	10.190	5.567	19.769
2010	12.522	8.158	32.076

Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://sgt.caged.gov>. Acesso em: fevereiro de 2014. Organização: Becker, 2014

Ao analisar a PEA feminina nos municípios da Microrregião de Toledo que possuem unidades frigoríficas instaladas no seu território, é possível averiguar que ocorreu um aumento significativo no ano de 2010 em relação ao ano 2000. Nesse sentido, verificou-se que de 2000 para 2010 a PEA feminina em Toledo apresentou um aumento de 62% enquanto que em Palotina teve um acréscimo de 46%.

Ainda, ao analisar o crescimento da população economicamente ativa feminina no município de Marechal Cândido Rondon verificou-se que este município apresentou um aumento de 23%, ou seja, representa o município com a menor evolução em relação ao crescimento da população feminina economicamente ativa.

De tal maneira, conclui-se que o aumento das vagas de trabalho na Microrregião de Toledo ocupadas por mulheres também é resultado do crescimento da população feminina economicamente ativa, visto que as mulheres passaram a competir com maior intensidade os postos de trabalho que até pouco tempo era exclusivamente destinados ao trabalho masculino.

Outro fato que é averiguado por meios dos gráficos que demonstram os postos de trabalho ocupados por homens e mulheres e, com o auxílio das tabelas que mostram a evolução da PEA na Microrregião de Toledo, é que além do mercado de trabalho nos dez anos analisados ofertar menos postos de trabalho para homens, verificou-se que a PEA masculina tem apresentado certa estagnação, conforme demonstrado nos dados da tabela 7.

<b>Tabela 7: População masculina economicamente ativa - PEA</b>			
Ano	Marechal Cândido Rondon	Palotina	Toledo
2000	13.255	7.968	29.554
2010	15.038	9.197	38.176

Fonte: Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://sgt.caged.gov>. Acesso em: fevereiro de 2014. Organização: Becker, 2014

Com relação aos dados da PEA masculina, verificou-se que o aumento da população economicamente ativa masculina foi baixo, se comparado à feminina correspondente aos anos

de 2000 e 2010. Nesse sentido, destaca-se que, em relação ao ano de 2000 para 2010, a PEA masculina de Toledo apresentou um acréscimo de 29%, enquanto que município de Palotina teve um aumento de 15% em relação à PEA de 2000 e o município de Marechal Cândido Rondon da mesma forma que apresentou o menor crescimento com relação à PEA feminina, também teve um baixo acréscimo em relação à PEA masculina.

Portanto, a população economicamente ativa no município de Marechal Cândido Rondon foi a menos cresceu com relação à população que se encontra ativa, fato que corrobora a tese apresentada neste estudo, principalmente porque se verificou que vem ocorrendo uma certa estagnação com relação as vagas de trabalho ocupadas por homens na Microrregião de Toledo.

Enquanto que o número de postos de trabalho ocupados por homens vem diminuindo, é possível averiguar que a utilização do trabalho feminino vem se alastrando pela Microrregião de Toledo. Cabe ressaltar que o acréscimo das vagas de trabalho ofertadas para mulheres se torna fundamental para o processo de expansão capitalista atrelado ao desempenho das agroindústrias, principalmente porque esta mão de obra se tornou facilmente adaptável às exigências capitalistas.

Diante disso, é importante salientar que a exploração da mão de obra feminina na Microrregião de Toledo também ocorre por causa das diferenças salariais ainda predominantes nos municípios de instalação das unidades frigoríficas. No entanto, ressalta-se que essa diferença não ocorre quando homens e mulheres ocupam o mesmo posto de trabalho, mas sim, porque para as mulheres são destinadas aos postos de trabalho com as remunerações mais baixas.

Ao analisar o trabalho ofertado pelos frigoríficos, é possível observar que as mulheres cumprem com as exigências impostas para a realização do trabalho, isso porque grande parte das mulheres contratadas para trabalharem no frigorífico ocupam vagas na linha de produção, realizando os cortes delicados, ou seja, os setores que exigem agilidade e destreza são ocupados por mulheres enquanto que os homens realizam os cortes mais grosseiros, na pendura e estocagem.

Em função dos diferentes cargos que são ocupados por homens e mulheres no mercado de trabalho, cabe uma análise sobre as distinções que ocorre referente aos rendimentos médios masculinos e femininos na Microrregião de Toledo.

<b>Tabela 8: Remuneração média masculina e feminina na microrregião de Toledo</b>		
Ano	Masculino	Feminino
2000	R\$ 465,56	R\$ 379,48
2001	R\$ 515,37	R\$ 406,75
2002	R\$ 555,54	R\$ 442,81
2003	R\$ 652,93	R\$ 498,19
2004	R\$ 707,66	R\$ 553,50
2005	R\$ 794,91	R\$ 632,43
2006	R\$ 852,69	R\$ 664,71
2007	R\$ 902,46	R\$ 713,14
2008	R\$ 980,01	R\$ 772,32
2009	R\$ 1.083,61	R\$ 870,48
2010	R\$ 1.189,80	R\$ 943,81

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Com base nos dados sobre a Remuneração Média Masculina (RMM) e Remuneração Média Feminina (RMF) na Microrregião de Toledo, é possível constatar que entre o período correspondente ao ano de 2000 até 2010 em nenhum momento a RMF foi maior do que a masculina, o que revela certa disparidade quanto à remuneração e os postos de trabalho ocupados por homens e mulheres.

No ano de 2000 a RMM na Microrregião de Toledo era de R\$ 465, 56 enquanto que a feminina era de R\$ 379, 48. Portanto, o rendimento médio masculino representava ser cerca de 22% maior que o feminino.

Já no ano de 2010 foi verificado que a diferença entre a RMM e a RMF se encontrava um pouco mais acentuada, além de que, se compararmos a média salarial em 2000 com a de 2010, constata-se que ocorreu uma significativa melhora com relação aos salários pagos aos trabalhadores. Vale salientar que em 2010 a RMM era de R\$ 1189,80, o que representava cerca de 26% a mais do que a RMF, que era de R\$ 943, 81.

No entanto, é possível averiguar que na Microrregião de Toledo ao longo dos dez anos em que foi analisada a remuneração média masculina e feminina, a maioria das mulheres sempre recebeu salários inferiores aos salários masculinos.

Com o intuito de averiguar como a diferença da RMM e RMF contribui para a expansão capitalista sobre os municípios da Microrregião de Toledo que possuem a instalação de unidades frigoríficas, cabe uma análise da média salarial em cada município. Portanto, as tabelas 9,10 e 11 demonstram os dados referentes a cada município.

<b>Tabela 9: Remuneração média masculina e feminina no município de Palotina</b>		
Ano	Masculino	Feminino
2000	R\$ 445,23	R\$ 363,95
2001	R\$ 494,39	R\$ 384,64
2002	R\$ 544,67	R\$ 428,10
2003	R\$ 619,28	R\$ 473,46
2004	R\$ 694,25	R\$ 524,95
2005	R\$ 794,74	R\$ 591,52
2006	R\$ 834,86	R\$ 591,32
2007	R\$ 896,33	R\$ 654,24
2008	R\$ 971,94	R\$ 696,92
2009	R\$ 1.082,44	R\$ 836,13
2010	R\$ 1.207,10	R\$ 928,17

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Ao analisar os dados sobre a diferença entre a RMM e RMF no município de Palotina é possível averiguar que em 2000 a média salarial masculina representava cerca de 22% a mais que a feminina, considerando que o salário médio pago aos homens era de R\$ 445,23 e, para as mulheres, R\$ 363,95. No ano de 2010 a diferença entre a média salarial masculina e feminina no município de Palotina se tornou ainda mais acentuada, visto que os homens recebiam cerca de 30% a mais que as mulheres, considerando que a média salarial masculina era de R\$ 1207,10 e a feminina de 928,17.

Os dados sobre a RMM e RMF referentes ao município de Marechal Cândido Rondon nos revelam algumas distinções se comparados aos dados do município de Palotina.

<b>Tabela 10: Remuneração média masculina e feminina no município de Marechal Cândido Rondon</b>		
Ano	Masculino	Feminino
2000	R\$ 495,37	R\$ 396,75
2001	R\$ 525,74	R\$ 407,67
2002	R\$ 571,66	R\$ 424,16
2003	R\$ 730,09	R\$ 480,08
2004	R\$ 793,68	R\$ 563,07
2005	R\$ 826,00	R\$ 610,54
2006	R\$ 866,62	R\$ 599,53
2007	R\$ 934,83	R\$ 673,38
2008	R\$ 1.063,54	R\$ 747,15
2009	R\$ 1.143,18	R\$ 830,18
2010	R\$ 1.281,38	R\$ 924,37

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Com base na análise da tabela que demonstra a RMM e a RMF em Marechal Cândido Rondon, é possível constatar que no ano de 2000 os homens ganhavam, em média, 24% a mais que as mulheres, enquanto que essa diferença no ano de 2010 aumentou para 38%.

Diante das diferenças apresentadas quanto à média salarial masculina e feminina, cabe destacar que em 2000 o salário médio masculino era de R\$ 495,37 e o feminino era de R\$ 396,75. Já no ano de 2010 é possível averiguar que a média salarial masculina apresentou um acréscimo considerável, visto que a RMM em 2010 era de R\$ 1281,38, enquanto que a RMF era de R\$924,37.

Nesse sentido, ao observar os dados referentes à remuneração média em Marechal Cândido Rondon, verificou-se que este município apresenta uma diferença maior em relação a média salarial masculina e feminina no município de Palotina e uma diferença maior que a média da Microrregião de Toledo. Contudo, vale destacar que os dados do município de Toledo são importantes para a comparação com os outros dois municípios que possuem unidades frigoríficas instaladas em seu território, bem como pode se averiguar as peculiaridades com relação à remuneração média no município de Toledo.

<b>Tabela 11: Remuneração média masculina e feminina no município de Toledo</b>		
Ano	Masculino	Feminino
2000	R\$ 471,86	R\$ 398,38
2001	R\$ 518,00	R\$ 434,82
2002	R\$ 563,08	R\$ 469,50
2003	R\$ 648,08	R\$ 518,69
2004	R\$ 721,90	R\$ 582,40
2005	R\$ 814,55	R\$ 677,66
2006	R\$ 887,54	R\$ 730,82
2007	R\$ 940,51	R\$ 777,56
2008	R\$ 1.022,41	R\$ 850,00
2009	R\$ 1.130,82	R\$ 948,84
2010	R\$ 1.235,35	R\$ 1.016,20

Fonte: IPARDES (2013) a partir dos dados da RAIS – acesso em junho de 2013

Ao analisar os dados referentes a Toledo, constata-se que este, entre os três municípios avaliados e a microrregião do Toledo, é ao município que possui menos distinção quanto a questão das disparidades entre a RMM e a RMF. Assim, a RMM, em 2000, era de R\$ 471,86 enquanto a RMF era de R\$ 398,38. Ou seja, os homens recebiam, no ano de 2000, uma média salarial de 18% a mais do que as mulheres.

Com base nos dados de 2010, verificou-se que a RRM era de R\$1235,35 enquanto que a RMF era de R\$ 1016,20, demonstrando que os homens em 2010 recebiam em média 21% a mais do que a remuneração feminina.

Sobre os dados de Toledo vale salientar que se comparados com os demais municípios analisados e, de maneira geral com a Microrregião de Toledo, é possível constatar que mesmo ocorrendo certa disparidade quanto à remuneração média masculina e feminina, este município possui destaque por apresentar as melhores equiparações salariais, se se considerar a remuneração média.

Em função disso, destaca-se que devido à instalação e expansão das indústrias alimentícias na Microrregião de Toledo, em especial a partir da implantação das unidades frigoríficas o trabalho feminino vem sendo utilizado com mais intensidade. Esse fato ocorre porque conforme foi demonstrado o trabalho feminino atende com mais probidade as necessidades da expansão capitalista, principalmente as atreladas à elevada produtividade com baixo custo de produção.

### 3.2- MOBILIDADE TERRITORIAL DO TRABALHO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO E AS TRANSFORMAÇÕES NO CONTEXTO MUNICIPAL.

Tendo em vista que o processo de expansão capitalista sobre a Microrregião de Toledo se encontra diretamente ligado à expansão das indústrias de alimentos e, em especial, aos três frigoríficos de aves que estão instalados nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo, é possível constatar que a instalação das unidades frigoríficas proporcionaram transformações significativas, com relação à ocorrência de alterações territoriais e no mercado de trabalho.

No entanto, cabe destacar que os três frigoríficos se instalaram na Microrregião de Toledo em períodos históricos distintos, o que contribuiu para que o processo de expansão capitalista atrelado às indústrias de alimentos ocorresse de maneira lenta e desigual sobre estes municípios.

Essas alterações ocorrem também porque, com o passar dos anos, as unidades frigoríficas vem evoluindo com relação à ampliação da produção e a geração de novos postos de trabalho, os quais, na sua maioria, são ocupados por mulheres. Sobre a utilização do trabalho feminino nas indústrias de alimentos na Microrregião de Toledo, cabe destacar que

as alterações que ocorrem no mercado de trabalho no cenário nacional e internacional também podem ser observadas a nível local.

As transformações que vem ocorrendo no mercado de trabalho podem ser constatadas pelos dados do crescimento da população economicamente ativa demonstrados no item 3.1 desse capítulo<sup>18</sup>, por meio das quais se observou que a PEA feminina apresentou um significativo aumento em relação à PEA masculina, durante o período correspondente ao ano de 2000 e 2010.

Com relação ao aumento da participação feminina frente ao mercado de trabalho e as transformações que vêm ocorrendo sobre o território, Bruschini (2000, p.13) destaca que:

A análise insere-se no contexto das transformações demográficas, sociais, culturais, políticas e econômicas pelas quais o Brasil vem passando e que se intensificaram nesses anos. Alguns dos indicadores dessas transformações são: a queda das taxas de fecundidade, o envelhecimento da população, o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, a expansão da escolaridade, os novos valores relativos ao papel das mulheres na sociedade brasileira e a redemocratização do País.

Em função disto, constata-se que a inserção da mulher no mercado de trabalho na Microrregião de Toledo tem se apresentado com maior intensidade nos últimos dez anos, o que é reflexo dessas alterações políticas, econômicas, sociais e culturais que vêm ocorrendo a nível nacional.

Ao analisar o mercado de trabalho na Microrregião de Toledo e a utilização do trabalho feminino, cabe salientar que, de acordo com a revista Frimesa (2013, p. 29) , o aumento dos postos de trabalho também é decorrente da “necessidade de empresas contratarem mais pessoas, o que retrata a realidade da falta de mão em todo o setor produtivo, principalmente em grandes indústrias”<sup>19</sup>.

De tal maneira, ao analisar a Microrregião de Toledo com relação ao acréscimo de postos de trabalho ocupados por mulheres, constata-se que o aumento da participação feminina frente ao mercado de trabalho é reflexo das alterações que vêm ocorrendo no cenário nacional, quanto às transformações políticas, econômicas, sociais e culturais e, a nível local, devido à necessidade de mão de obra e a expansão das indústrias de alimentos, as mulheres passaram a ingressar com maior intensidade no mercado de trabalho formal.

---

<sup>18</sup> Idem a tabela 6 e 7.

<sup>19</sup> Citação extraída da reportagem *A mulher na Frimesa*, a qual foi elaborada em homenagem ao Dia da Mulher. Revista Frimesa. Ano X. Edição n° 59 março/ abril de 2013. (A reportagem completa se encontra em anexo).

No entanto, ao observar o mercado de trabalho local cabe realizar algumas ressalvas com relação à citação da revista Frimesa (2013), visto que a própria citação dá a entender que as mulheres são contratadas com o intuito de suprir a falta de mão de obra masculina na região.

A partir disso, verifica-se que o trabalho feminino presente na microrregião de Toledo se tornou uma peça fundamental para a expansão das indústrias de alimentos, conforme dados apresentados na Revista Frimesa (2013, p. 29) “na Frimesa, as mulheres já são em maior número que os homens. Do total de 5076 colaboradores 2684 são mulheres, ou seja, 52,8% do total do quadro de funcional. Um retrato bem diferente de dez anos atrás, onde apenas 23% das ocupações eram femininas”.

Com base neste levantamento, cabe destacar que as mulheres compõem grande parte da mão de obra empregada nos frigoríficos da microrregião de Toledo. O que vem ao encontro com as palavras do representante do SINE de Toledo “são encaminhados em torno de 800 a 1000 candidatos para o frigorífico de Toledo. A maioria dos candidatos encaminhados é do sexo feminino, em torno de 70%”<sup>20</sup>. A presença de mulheres com maior intensidade nos frigoríficos também é averiguada no frigorífico da Copagril<sup>21</sup> e da C.vale<sup>22</sup>.

Tais afirmações são de grande relevância para compreender as transformações que vem ocorrendo na dinâmica dos municípios que possuem unidades frigoríficas instaladas em seu território, isso por que a partir da intensificação do trabalho feminino nas indústrias frigoríficas, tem se observado a necessidade de infraestrutura com relação a transporte, saúde e educação.

As transformações que ocorreram na dinâmica territorial dos municípios que possuem a instalação de unidades frigoríficas estão diretamente relacionadas ao fato de que estas trabalhadoras ao se inserir no mercado de trabalho formal passam a necessitar de transporte para se deslocarem até o trabalho, melhorias no atendimento a saúde e creches ou escolas, nas quais os filhos ficam no período em que as mães estão no trabalho.

Sobre as transformações essenciais quanto à infraestrutura do município e a questão da inserção da mulher no mercado de trabalho, é perceptível que os três municípios apresentam dificuldades quanto à questão do transporte e educação, fato este que em alguns casos

---

<sup>20</sup> Entrevista realizada com o representante do SINE de Toledo, em 30 de maio de 2013.

<sup>21</sup> Conforme o representante do SINE em Marechal Cândido Rondon, mensalmente são ofertadas por intermédio do SINE cerca de 100 vagas de trabalho no frigorífico, das quais em média 75 são ocupadas por mulheres. O mesmo destacou que destas vagas a maioria é para auxiliar de linha de produção e que a Copagril tem um sistema de contratação que não ocorre por intermédio do SINE, portanto o número de vagas ofertadas mensalmente é ainda maior.

<sup>22</sup> De acordo com o representante do SINE de Palotina, em média são ofertadas 180 vagas de trabalho no frigorífico da C.vale, das quais 65% são ocupadas por mulheres.

dificulta a inserção da mulher no mercado de trabalho, o que também limita o número de trabalhadores essenciais para o funcionamento dos frigoríficos.

Em função disso e do fato de que o trabalho nas indústrias de alimentos é considerado bastante precário constata-se que o número de pessoas admitidas e demitidas é elevado, o que mostra a rotatividade dos funcionários.

A partir dessas indagações evidencia-se que um dos problemas enfrentado pelos frigoríficos, ocorre quanto à falta de mão de obra presente nos municípios e disponível ao trabalho industrial.

Fato esse que contribui para o processo de expansão capitalista se alastrar sobre outros territórios, gerando assim o processo de mobilidade territorial do trabalho, no qual são contratados funcionários de outros municípios ou estados para o trabalho na linha de produção dos frigoríficos da Microrregião de Toledo.

Esse processo de mobilidade territorial do trabalho atrelado aos frigoríficos presentes na Microrregião de Toledo ocorre de duas maneiras, a primeira porque a oferta de emprego atrai muitas pessoas que migram de outros municípios, estados ou países<sup>23</sup> para os municípios que possuem as unidades frigoríficas instaladas em seu território e a segunda e mais intensa é a migração pendular, na qual as pessoas se deslocam diariamente de outros municípios e do estado do Mato Grosso do Sul para trabalharem nos frigoríficos.

Considerando que a instalação dos frigoríficos na Microrregião de Toledo atraiu vários imigrantes para os municípios de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo, cabe expor algumas das alterações que vem ocorrendo nos municípios a partir do aumento populacional, visto que o município passa a necessitar de melhorias quanto à questão de transporte para a locomoção dos trabalhadores, moradia, saúde e educação<sup>24</sup>.

É interessante ainda ressaltar que os frigoríficos possuem uma rotatividade elevada quanto ao número de trabalhadores, devido às condições de trabalho enfrentadas por eles (temperaturas baixas, movimentos repetitivos associados ao pagamento de baixos salários) o que também contribui para que sobrem vagas de trabalho no setor alimentício, mas o grande

---

<sup>23</sup> Ver reportagem sobre os imigrantes de Bangladesh que migraram em função do trabalho nos frigoríficos da microrregião.

<sup>24</sup> Conforme o representante do SINE de Marechal Cândido Rondon: “com a instalação do frigorífico de aves ocorreu uma série de transformações na infraestrutura do município, a qual a primeira e mais visível é a expansão urbana próxima as instalações do frigorífico, outra bastante evidente a instalação de super creches”.

contingente de trabalhadores que migraram para os municípios e se desligaram do trabalho nos frigoríficos acabam, em grande parte, ficando desempregados <sup>25</sup>.

Devido à falta de mão de obra presente nos municípios, e na própria microrregião de Toledo, percebe-se que nos últimos anos tem aumentado o número de imigrantes que vem para o Oeste do Paraná em busca de emprego e melhores condições de vida em relação aos seus países de origem.

Com base nessas acepções, cabe destacar que além de encontrar imigrantes do Paraguai, existem na região várias pessoas que migraram do Haiti, República Dominicana e de Bangladesh. Nesse sentido ressalta-se que:

Uma das regiões que mais crescem no Brasil, o Oeste do Paraná também tem atraído cada vez mais a mão de obra de trabalhadores estrangeiros. Ela é puxada, sobretudo, pelo agronegócio. Na avicultura, há carência de mão de obra. As cooperativas da região estão com vagas abertas e não possuem candidatos para ocupar os postos de trabalho. A oferta tem atraído principalmente os estrangeiros de países subdesenvolvidos. Três cooperativas da região se adaptaram à nova realidade e estão contratando profissionais de fora. (Suspeito..., 2014, p. 1-2).

A vinda de imigrantes de imigrantes para a microrregião de Toledo, em especial para o trabalho nos frigoríficos, ocorreu porque esses frigoríficos se deparam com o problema da falta de mão de obra, devido à precarização do trabalho fabril pela qual os trabalhadores devem se sujeitar.

O problema da falta de trabalhadores para atender as demandas das unidades frigoríficas está sendo solucionado nos últimos anos pela intensa participação do trabalho feminino, principalmente como auxiliares de linha de produção e a importação de mão de obra.

Vale ressaltar que o segundo processo de mobilidade territorial do trabalho que ocorre na microrregião de Toledo, atrelado à necessidade de suprir as vagas de trabalho existentes nos frigorífico está associado ao processo de migração pendular, no qual as pessoas se deslocam todos os dias de seus municípios de origem para o trabalho.

Sobre este processo de deslocamento diário de trabalhadores foi elaborado um mapa ilustrativo, a partir das entrevistas realizadas com as trabalhadoras dos frigoríficos sobre o trajeto que elas percorrem todos os dias até o local de trabalho.

---

<sup>25</sup> O representante do SINE de Palotina destaca que o número de pessoas desempregadas no município ainda é elevado porque as pessoas não querem se sujeitar ao trabalho nos frigoríficos e os demais setores ofertam poucas vagas de trabalho.

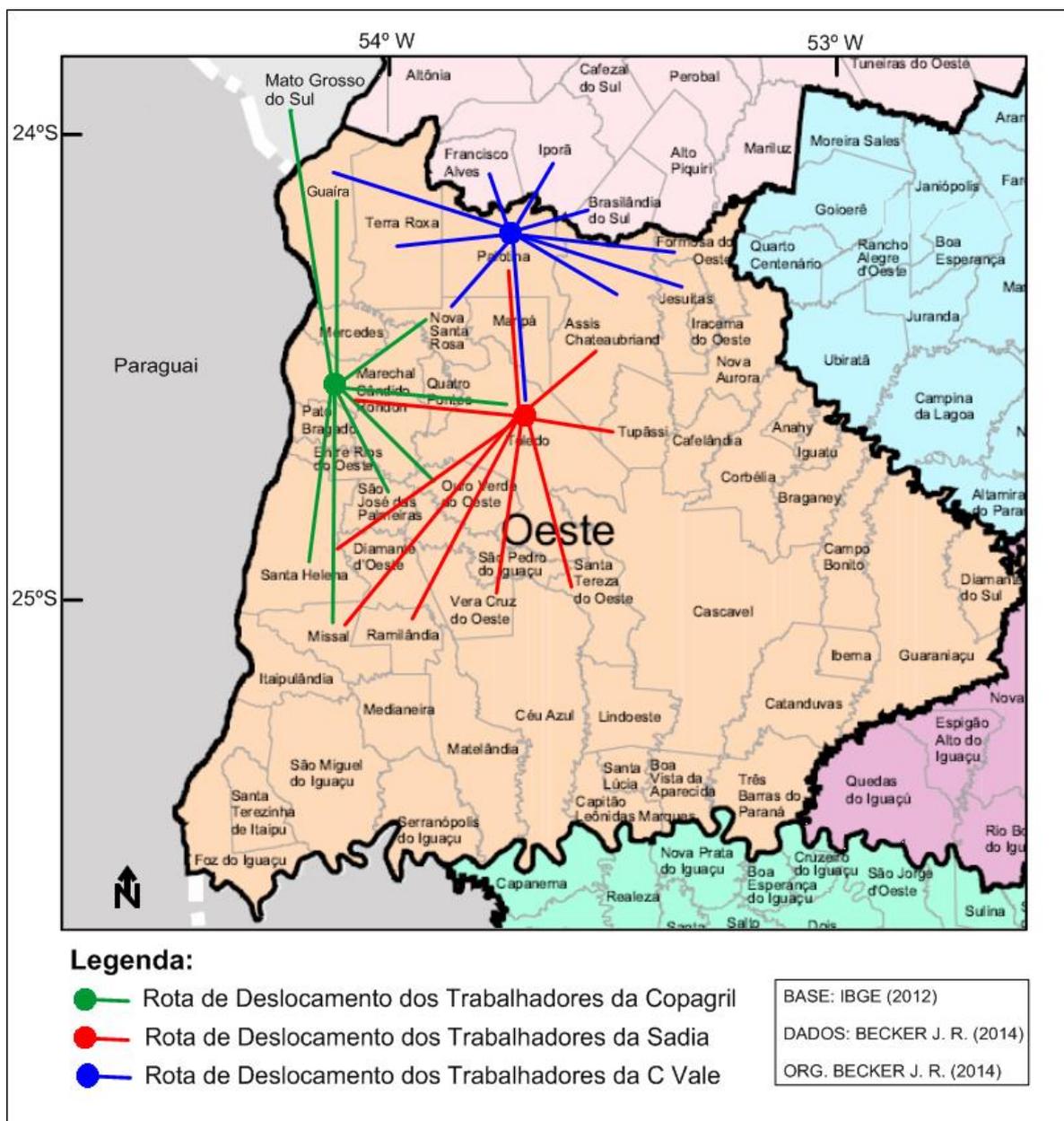


Figura 4 - Rota de deslocamento dos trabalhadores para os frigoríficos da Microrregião de Toledo.

Fonte: IBGE, (2012)

Nesse sentido ao observar a migração pendular que ocorre diariamente em direção aos frigoríficos da microrregião de Toledo, é possível averiguar que as pessoas se deslocam de vários municípios do Oeste e Noroeste do Paraná e de algumas cidades do Mato Grosso do Sul.

Sobre este deslocamento diário de trabalhadores, cabe ressaltar que a presença dos frigoríficos na Microrregião de Toledo vem proporcionando alterações na dinâmica territorial dos municípios em que estão instalados, bem como nos demais municípios que fornecem mão

de obra para os frigoríficos. Essas reconfigurações ocorrem porque estes municípios também precisam garantir infraestrutura quanto à questão de transporte, moradia e educação para esses trabalhadores.

Sobre esta questão da mobilidade territorial do trabalho cabe destacar que as trabalhadoras entrevistadas, que se deslocam de outros municípios para trabalhar nos frigoríficos, apontaram alguns pontos positivos e outros negativos com relação à questão do deslocamento.

Tais afirmações vêm ao encontro com a fala de Bianca, 31 anos, trabalhadora do frigorífico da C.vale, que mora em Francisco Alves, destaca que “fazer esse caminho todos os dias é ruim, mas o bom é que aqui tem emprego e eles não pedem muita experiência”<sup>26</sup>.

Já Bernarda, 28 anos, trabalhadora do frigorífico da Copagril e moradora em Mundo Novo, ressalta que “eu acho ruim vir pra cá todos os dias, porque tem que levantar muito cedo e chega muito tarde em casa, só da para dormir poucas horas e o trabalho é cansativo, mas aqui não tem emprego então não tem jeito”<sup>27</sup>.

Em função desta questão do deslocamento intermunicipal, e até mesmo interestadual, que ocorre diariamente para os frigoríficos da microrregião de Toledo, cabe destacar que das 90 mulheres entrevistadas 37 residem em outros municípios<sup>28</sup>, o que comprova o grande deslocamento de trabalhadores para os frigoríficos.

No entanto, vale salientar que além do deslocamento intermunicipal e interestadual, pode ser observado um deslocamento dos distritos dos municípios em direção aos frigoríficos, o qual é intenso até porque grande parte desses distritos são pequenos e ofertam poucas vagas de trabalho para a população.

Deve-se apontar ainda que vários trabalhadores migram de um frigorífico para outro, fato que ocorre porque ficam descontentes com a questão das condições de trabalho nas quais são expostos e, também, porque existe uma pequena diferença com relação à questão da remuneração. Portanto é possível encontrar trabalhadores que moram em Marechal Cândido Rondon ou de Toledo que trabalham em Palotina.

Diante disso, cabe ressaltar que a maioria das trabalhadoras entrevistadas necessita de um meio de transporte para se locomover até o trabalho, devido a longa distância entre o local de trabalho e suas residências, fato que torna a jornada de trabalho ainda mais exaustiva.

---

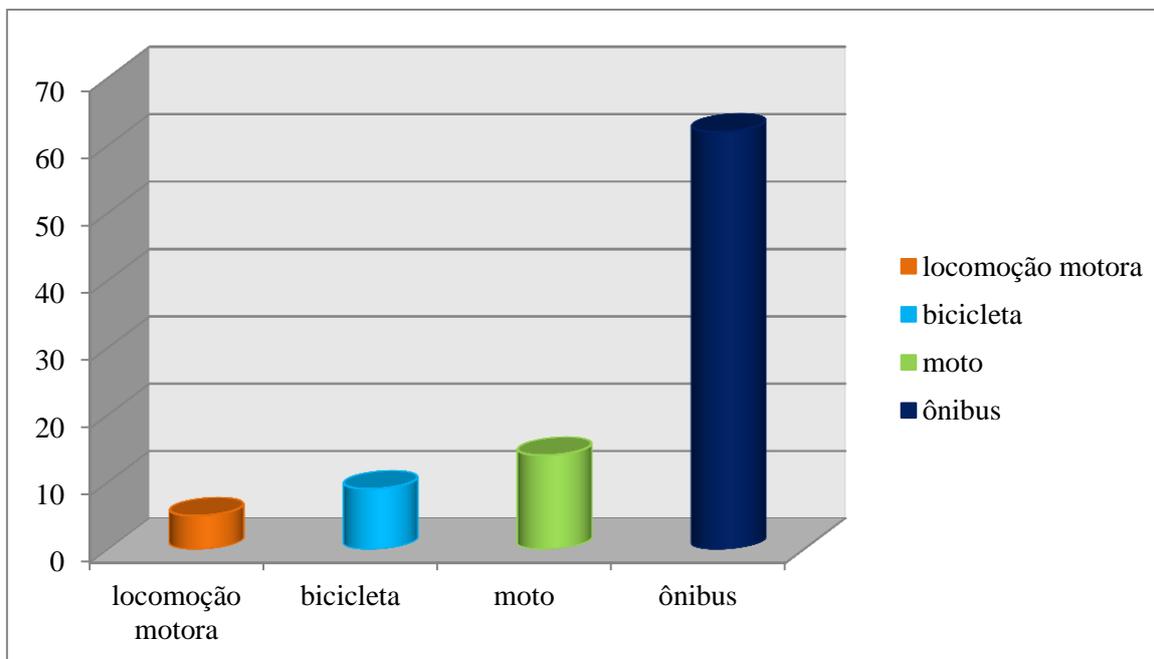
<sup>26</sup>Bianca. Entrevista realizada no dia 12 de fevereiro de 2014, em Palotina.

<sup>27</sup> Bernarda. Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2014 em Marechal Cândido Rondon.

<sup>28</sup> Dados apresentados por meio da análise das entrevistas realizadas com as trabalhadoras do frigorífico da Copagril, C.vale e BRF Sadia. Cabe ainda destacar que muitas entrevistas foram realizadas enquanto que as mulheres esperavam os ônibus para voltarem para suas casas.

Nesse contexto, faz-se pertinente observar quais são os meios de transporte mais utilizados pelos trabalhadores no processo de deslocamento das suas casas para as unidades frigoríficas.

**Gráfico 17-** Meio de transporte utilizado para se deslocar até o trabalho.



Organização: BECKER, J. R (2014)  
Fonte: Pesquisa de campo.

Ao observar os resultados do trabalho de campo, no qual foi perguntado para as 90 trabalhadoras que responderam ao roteiro de questões, 62 mulheres, que correspondem a 68% das entrevistadas, apontaram que utilizam o ônibus para se deslocar diariamente ao trabalho. Essa realidade ocorre principalmente porque estas mulheres vêm de alguns distritos de Marechal Cândido Rondon, Palotina, Toledo, de outros municípios do Oeste e Noroeste do estado do Paraná e alguns municípios de Mato Grosso do Sul.

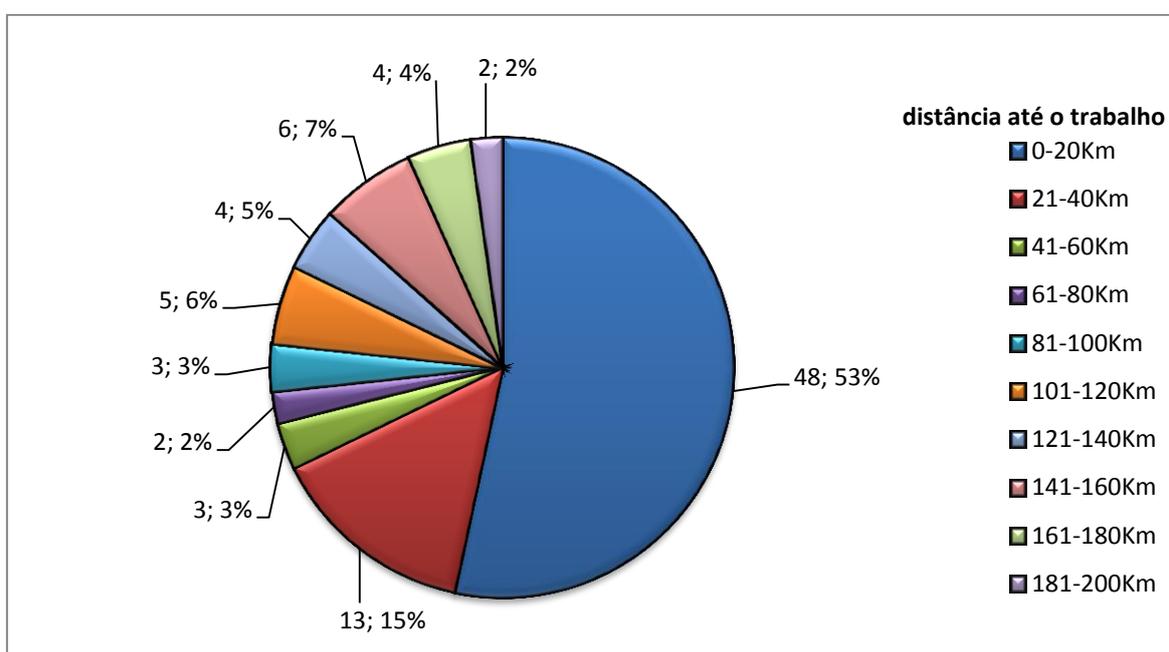
Com base na análise dos dados observados no gráfico 17 verificou-se que 14 mulheres utilizam a moto como meio de transporte para se deslocar até o trabalho, 9 utilizam a bicicleta e 5 locomoção motora, mas estas trabalhadoras destacaram que não utilizam o ônibus porque moram relativamente próximo do trabalho.

Sobre a utilização de diferentes meios de transporte, Rubia, 30 anos, trabalhadora da C.vale e moradora de Maripá, destaca que “vou de moto porque o meu turno termina antes do

que em outros setores e daí por causa de uma ou duas pessoas tem que esperar uma hora ou uma hora e meio, nesse tempo eu já estou em casa fazendo o serviço”<sup>29</sup>.

Ainda sobre a questão do deslocamento das trabalhadoras dos frigoríficos, cabe ressaltar que ao observar a figura sobre a rota de deslocamento dos trabalhadores, verificou-se que alguns trabalhadores se deslocam de municípios distantes dos frigoríficos e, por isso, passam até mais de duas horas nos ônibus até chegarem ao trabalho e, depois, mais duas horas para voltarem a suas residências.

**Gráfico 18** – Distância que as trabalhadoras percorrem até o trabalho.



Organização: BECKER, J. R (2014)  
Fonte: Pesquisa de campo.

A partir da análise do gráfico acima, que demonstra a distância percorrida pelas trabalhadoras até os frigoríficos, observou-se que algumas fazem diariamente uma rota de quase 200km até o trabalho, o que torna a jornada de trabalho ainda mais cansativa, devido as longas distâncias percorridas até o trabalho.

Observa-se ainda que a presença dos frigoríficos na microrregião de Toledo tem proporcionado algumas reconfigurações territoriais, entre as quais se destaca a expansão urbana nas proximidades dos referidos frigoríficos, aumento da rede de transporte, construção de creches, postos de saúde, assim como também ocorreram transformações que marcaram a dinâmica territorial não só da microrregião de Toledo, mas do Oeste e Noroeste do Paraná e

<sup>29</sup> Rubia. Entrevista realizada em 12 de fevereiro em Palotina, resposta obtida quando perguntada sobre a questão do deslocamento até o trabalho.

de alguns municípios do Mato Grosso do Sul, visto que muitos trabalhadores se deslocam diariamente para os frigoríficos da microrregião de Toledo.

### 3.3 – TRAJETÓRIAS, DILEMAS E DESAFIOS DO TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO.

Ao averiguar que os postos de trabalho ocupados por mulheres na microrregião de Toledo têm aumentado nos últimos anos, apontam-se alguns questionamentos sobre a participação da mulher no mercado de trabalho e as transformações que vêm ocorrendo no cotidiano dessas trabalhadoras.

Assim, destaca-se que das 90 mulheres que foram entrevistadas apenas 23 possuíam registro em carteira antes de começarem a trabalhar nos frigoríficos. As outras 67 mulheres tiveram seu primeiro registro no frigorífico, conforme Alzira, 54 anos, trabalhadora da BRF Sadia: “eu sai da roça com meu marido e ele começou a trabalhar aqui, mas a renda era baixa para sustentar três pessoas aí também comecei a trabalhar, isso faz 21 anos, acho que vai ser meu único serviço com carteira registrada, acho bom por que vou me aposentar”<sup>30</sup>.

Deste modo, observa-se que uma das primeiras transformações evidenciadas a partir da instalação dos frigoríficos na microrregião de Toledo ocorre porque o trabalho nos frigoríficos garante certa seguridade quanto a questão da previdência social.

Essa busca pela seguridade relacionada à previdência social é apresentada por 77 mulheres, quando perguntadas porque elas procuraram os frigoríficos para trabalharem. De tal maneira, verificou-se que o trabalho ofertado para as mulheres nos frigoríficos é uma forma encontrada por elas para se inserir no mercado de trabalho, já que a maioria dessas trabalhadoras possui baixa escolaridade.

É interessante destacar que o atual mercado de trabalho é extremamente excludente, principalmente com as pessoas mais velhas ou com pouca escolaridade, visto que os melhores cargos ofertados no mercado de trabalho são destinados às pessoas que possuem elevados níveis de qualificação profissional e são considerados muito concorridos.

Nessa perspectiva, ressalta-se que a maioria das vagas de trabalho disponibilizadas pelos frigoríficos são para o trabalho de auxiliar de linha de produção, trabalho que exige pouco conhecimento empírico para que seja desenvolvido, por isso pode ser considerado uma

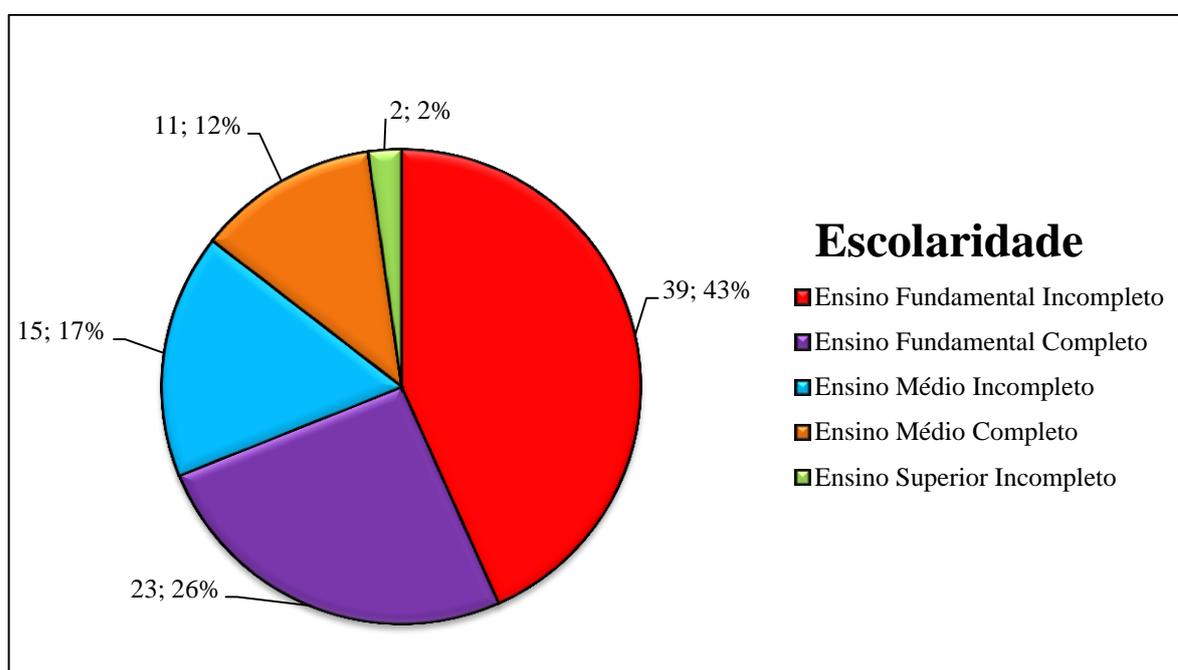
---

<sup>30</sup> Alzira. Entrevista realizada em 17 de dezembro de 2013. Trabalhadora de Toledo. Informação verbal quando perguntada sobre o registro em carteira, conforme questionário no apêndice.

porta para a entrada de pessoas com baixa escolaridade no mercado de trabalho, mesmo que as condições de trabalho sejam extremamente degradantes, como, por exemplo, os vários casos de doenças originadas pelo trabalho que podem ser constatadas nos trabalhadores das unidades frigoríficas.

Diante o exposto, compete uma análise sobre a escolaridade das trabalhadoras dos frigoríficos da microrregião de Toledo, com o intuito de averiguar se realmente a baixa escolaridade se relaciona ao trabalho disponibilizado pelas unidades frigoríficas.

**Gráfico 19** – Escolaridade das trabalhadoras dos frigoríficos da Microrregião de Toledo.



Organização: BECKER, J. R (2014)  
Fonte: Pesquisa de campo.

Com base no gráfico sobre a escolaridade das trabalhadoras dos frigoríficos da microrregião de Toledo que responderam o roteiro de questões, foi possível averiguar que 43% das mulheres selecionadas para a pesquisa possuem o Ensino Fundamental Incompleto e outros 26% possuem o Ensino Fundamental Completo.

Assim, ao compararmos a escolaridade das mulheres entrevistadas com as exigências mínimas que são impostas por outros setores industriais, verifica-se que as pessoas precisam cumprir poucas exigências para serem empregadas nos frigoríficos, fato este que contribui para o ingresso de pessoas com baixa escolaridade no mercado de trabalho.

Em função disso, podem ser levantadas outras indagações sobre o tema escolaridade, visto que as pessoas que têm escolaridade mais elevada conseguem com maior facilidade

outros postos de trabalho, enquanto que as pessoas com escolaridade mais baixa acabam permanecendo por mais tempo em setores em que o trabalho é mais precário.

Esta situação pode ser percebida na fala de Leidi, 29 anos, trabalhadora do frigorífico da Copagril: “as pessoas que tem mais estudo, não ficam no frigorífico por que o trabalho é cansativo, eles logo conseguem emprego melhor, mas a gente que tem pouco estudo não consegue então o jeito é trabalhar”<sup>31</sup>.

Considerando que a maioria das trabalhadoras empregadas no frigorífico possui baixa escolaridade e que elas acreditam que isso é um dos entraves para o seu ingressar no mercado de trabalho formal, cabe, neste momento, apontar algumas indagações sobre a trajetória da mulher no mercado de trabalho.

Nesse sentido, ao analisar a trajetória da mulher que trabalha no frigorífico frente ao mercado de trabalho foi possível observar que, das 90 mulheres, 43 apontaram trabalharem de domésticas antes de ingressarem no frigorífico, não possuindo carteira de trabalho assinada.

No entanto, quando perguntado às entrevistadas se elas preferiam o emprego atual ou o anterior, as mesmas colocaram que preferem o trabalho no frigorífico. Essa afirmativa pode ser complementada com a fala de Gabriela, 24 anos, trabalhadora da BRF Sadia, “eu prefiro o frigorífico, doméstica é muito ruim porque todos os dias têm outra coisa para fazer e se não é do gosto da patroa ela fica te maltratando, enquanto que no frigorífico você sabe o que vai fazer e não é maltratado”<sup>32</sup>.

Nívia, 34 anos, trabalhadora do frigorífico da Copagril, complementa: “agora que as domésticas estão tendo alguns direitos, mas até pouco tempo, se a gente ficava doente não recebia, e quando melhorava, a patroa já tinha contratado outra pessoa e você ficava na rua, aqui tem carteira assinada e recebe tudo direitinho”<sup>33</sup>.

Com base nas argumentações das trabalhadoras sobre as suas trajetórias no mercado de trabalho, é possível constatar que elas preferem o trabalho no frigorífico ao trabalho de doméstica, mesmo que o trabalho no frigorífico seja exaustivo e repetitivo. Esta preferência se dá principalmente pela seguridade oferecida pela carteira de trabalho assinada.

Sobre a trajetória da mulher no mercado de trabalho, é pertinente destacar que, além das mulheres que trabalhavam em grande parte no mercado informal de trabalho como domésticas, 35 mulheres entrevistadas apontaram que antes de trabalhar no frigorífico viviam no campo e auxiliavam as suas famílias na roça e com o cuidado dos animais. Lurdes, 46

---

<sup>31</sup>Leidi. Entrevista realizada em 14 de setembro de 2013. Trabalhadora de Mercedes. Informação verbal.

<sup>32</sup>Gabriela. Entrevista em 10 de fevereiro de 2014. Trabalhadora de Vila Nova. Informação verbal.

<sup>33</sup>Nívia. Entrevista em 21 de maio de 2013. Trabalhadora de Marechal Cândido Rondon. Informação verbal.

anos, trabalhadora da C.vale: “no sítio o trabalho é bem mais difícil. Era de sol a sol na roça carpindo e arrancando mandioca e chegava em casa tarde e tinha que cuidar dos animais e tirar leite, depois de tudo isso só queria dormir porque a luta no dia seguinte era grande”<sup>34</sup>.

Da mesma forma como Lurdes apresentou as dificuldades do trabalho no campo, as demais entrevistadas ressaltaram que o trabalho nos frigoríficos não é tão exaustivo como o do campo, para tanto apontaram a preferência pelo trabalho nas unidades frigoríficas.

Diante disso vale salientar que entre a década de 2000 e de 2010 muitas famílias que viviam no campo migraram para a cidade ou viram nos frigoríficos uma possibilidade de garantir maior estabilidade com relação à condição financeira da família.

Nesse sentido, Marilena, 43 anos, trabalhadora do frigorífico da Copagril destaca que “eu vendi as vacas e vim trabalhar aqui no frigorífico porque não dá mais pra viver no campo, você não sabe como vai estar o tempo e por isso sempre de olho, enquanto que aqui faça chuva ou sol você está ganhando o seu dinheiro”<sup>35</sup>.

Grande parte dessas trabalhadoras que hoje competem às vagas de trabalho, que há pouco tempo eram destinadas apenas para o trabalho masculino, são oriundas do campo e acabam se inserindo no mercado de trabalho porque migraram para as cidades ou enxergam no trabalho industrial uma maneira de complementar as renda familiar.

Essa é a situação vivida por Marilena, que ainda vive no campo. Ela auxilia o esposo na criação do gado e na ordenha e ainda trabalha no frigorífico, pois objetiva garantir uma renda fixa para a família.

Sobre a relação do trabalho no campo com o da cidade, Pamela afirma: “meus pais ainda vivem no sítio, mas eles não tinham como sustentar os filhos, a propriedade é pequena e não dava para ficar os três filhos lá, meus irmãos também trabalham aqui, eu acho melhor morar no sítio, mas não dá”<sup>36</sup>.

A partir dessas colocações, verifica-se que as mulheres entrevistadas tem certa preferência pelo trabalho industrial em relação ao trabalho no campo, isto porque consideram o trabalho no campo mais degradante do que o industrial. Outro fator que contribui para que ocorra uma preferência pelo trabalho industrial é a questão da renda fixa, visto que no campo a renda oscila mensalmente ou semestralmente dependendo das atividades que são realizadas nas propriedades.

---

<sup>34</sup> Lurdes. Entrevista realizada no dia 08 de dezembro de 2013. Trabalhadora de Nova Santa Rosa. Informação verbal.

<sup>35</sup> Marilena. Entrevista realizada no dia 13 de maio de 2013. Trabalhadora de Curvado. Informação verbal.

<sup>36</sup> Idem Pamela.

No entanto, torna-se perceptível que o processo de migração do campo para a cidade ainda vem sendo evidenciado na microrregião de Toledo. Isso porque alguns pequenos produtores não conseguem atender as necessidades impostas pelo capitalismo, quanto à utilização de tecnologia para o aumento da produtividade e se obrigam a vender sua propriedade e migrar para a cidade, tornando-se um assalariado nas grandes agroindústrias.

Coaduna-se com as reflexões apontadas acima, o fato de que a maioria das mulheres que realizaram esse processo de migração do campo para a cidade não possuía carteira de trabalho registrada. Para tanto, constata-se que as mulheres buscaram o trabalho formal ofertado pelos frigoríficos para conseguirem ter certa estabilidade financeira, mesmo que seja pelo recebimento de salários baixos, mas que são pagos em dia.

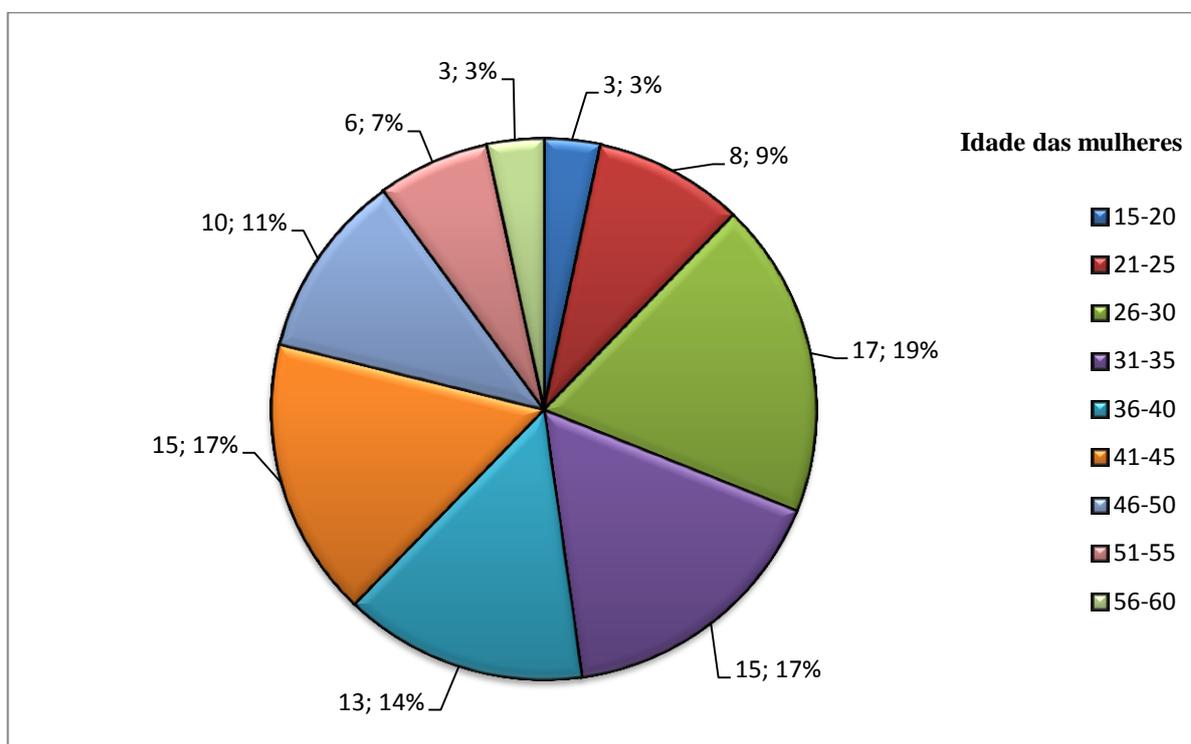
De tal maneira, também foi possível averiguar que a mulher empregada nos frigoríficos da microrregião de Toledo prefere o trabalho formal ao informal, devido à seguridade quanto ao recebimento dos benefícios pagos pela previdência social.

Nesse momento, é necessário expor que, além de trabalhadora do campo e empregada doméstica, 7 mulheres entrevistadas apontaram que o trabalho no frigorífico corresponde ao primeiro emprego e outras 5 já tinham trabalhado em outras indústrias do setor de alimentos e do vestuário.

No entanto, mesmo considerando que o trabalho nos frigoríficos é mal remunerado e possui condições degradantes de trabalho, constatou-se que a maioria das mulheres entrevistadas apontou que gosta do trabalho que realizam no frigorífico e que não possuem uma perspectiva de exercer outra função. Nesse sentido, observa-se que a maioria das trabalhadoras entrevistadas possui um perfil semelhante se for considerada sua a condição social e perspectiva de vida.

Em função disso, ressalta-se que a primeira semelhança entre as trabalhadoras é quanto a sua origem e grau de escolaridade. Conforme já foi apresentado anteriormente, a maioria das mulheres que trabalham nos frigoríficos migrou do campo para a cidade, além de que possuem baixa escolaridade e pouca experiência profissional. Estas características com relação ao perfil das trabalhadoras limitavam o ingresso dessas mulheres em setores do mercado de trabalho que possuem melhores condições de trabalho e remuneração mais elevada.

Com o intuito de observar o perfil da mulher que trabalha nos frigoríficos, também é necessário ressaltar que, com base nas entrevistas realizadas com as trabalhadoras, verificou-se a existência de semelhanças também com relação à idade, conforme apresentado no gráfico abaixo.

**Gráfico 20** – Média de idade das trabalhadoras dos frigoríficos da Microrregião de Toledo.

Organização: BECKER, J. R  
 Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Ao analisar o gráfico sobre a idade das trabalhadoras, verificou-se que 52% das mulheres entrevistadas possui idade superior a 36 anos, fato este que se torna pertinente para a análise, porque a média de idade das trabalhadoras é superior a de outros setores.

Portanto, ao observar a média de idade das trabalhadoras é possível constatar que existe algumas peculiaridades com relação a outros ramos industriais, principalmente porque a média de idade é menor do que nos frigoríficos. Assim, verifica-se que esse setor emprega muitas mulheres que para o modo capitalista de produção são consideradas fora da faixa etária para atender as demandas do mercado de trabalho.

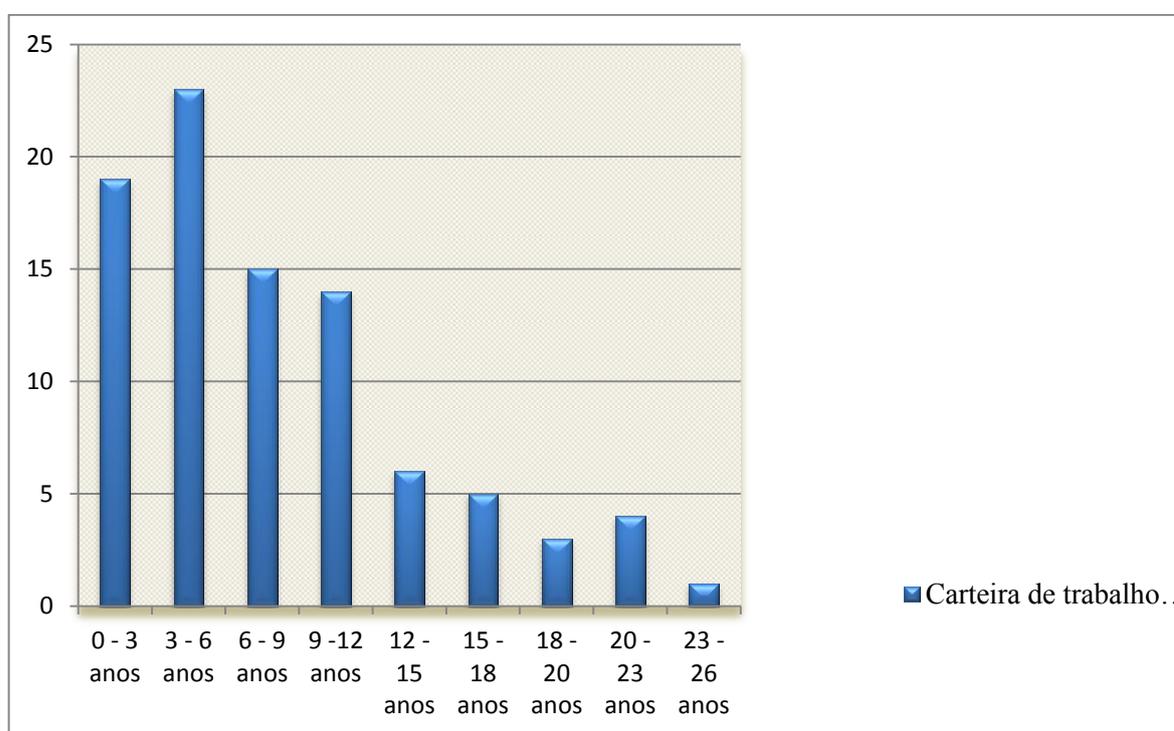
No entanto, constata-se que devido os baixos salários, as condições de trabalho, as doenças ocasionadas pelos movimentos repetitivos, os frigoríficos se deparam com a falta de trabalhadores para suprirem as vagas disponíveis no mercado de trabalho. Em função dessas dificuldades com relação à contratação de trabalhadores, os frigoríficos passam a incentivar e explorar a inserção da mulher de baixa escolaridade e com idade mais avançada no mercado de trabalho, em especial, como auxiliares de linha de produção nos frigoríficos.

A partir disso, ressalta-se que muitas dessas mulheres com mais de 36 anos, que atualmente trabalham nos frigoríficos da microrregião de Toledo, possuem seu primeiro

registro em carteira de trabalho assinado pelos frigoríficos o que condiz com o seu tempo de trabalho.

Assim, ao analisar os dados coletados no trabalho de campo sobre o tempo de trabalho registrado em carteira, é possível constatar que as mulheres, principalmente as com idade mais elevadas, possuem quase o mesmo tempo de registro em carteira de trabalho do que as mulheres entre 20 e 25 anos. Isso ocorre porque estas mulheres passaram a se inserir no mercado de trabalho formal mais tarde do que as mulheres mais novas.

**Gráfico 21 – Tempo de carteira registrada.**



Organização: BECKER, J. R.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

A partir da análise do gráfico que demonstra o tempo de trabalho registrado na carteira de trabalho, constata-se que 23 mulheres, das que foram entrevistadas, possuem carteira registrada entre 3 a 6 anos. Deste modo, ao considerar o tempo de serviço de 0 a 12 anos de registro, percebe-se que 78% das mulheres estão inseridas nesse período, enquanto que só 22% das entrevistadas possuem carteira de trabalho registrada entre 12 a 26 anos.

O fato de que as mulheres mais velhas possuam o mesmo tempo de carteira assinada do que as mais novas são decorrentes do fato de que elas trabalharam por um período maior no mercado informal de trabalho, ou trabalhavam no campo sem registro em carteira de trabalho.

Ressalta-se ainda que 61% das entrevistadas apontou ter procurado o trabalho no frigorífico em razão da seguridade disponibilizada por intermédio da previdência social. Nessa perspectiva, as mulheres, em sua grande maioria, concordam com as ressalvas feitas pela Liane “eu não quero trabalhar até morre de velha, por isso gosto do emprego, por que tem carteira assinada, só preciso trabalhar mais 11 anos”<sup>37</sup>.

Sobre a importância da carteira assinada, Solaine ressalta que “ter registro em carteira é muito importante porque se você ficar doente consegue se encostar e se não tem o registro não recebe nenhum benefício e é mandado embora muitas vezes sem motivo”<sup>38</sup>.

Com base nas entrevistas das trabalhadoras dos frigoríficos foi constatado que a maioria delas procurou os frigoríficos da microrregião de Toledo para trabalharem principalmente porque teriam registro em carteira e alguns benefícios como, por exemplo, o plano de saúde.

Além da questão da trajetória da mulher no mercado de trabalho e o perfil das mulheres empregadas nos frigoríficos, torna-se pertinente indagar as dificuldades e os dilemas que as mulheres enfrentam diariamente, com relação à questão de transporte, saúde, educação, lazer e preconceito no trabalho.

A partir disso, constatou-se que as mulheres que trabalham nas unidades industriais de aves na microrregião de Toledo foram para o ramo industrial por necessidade, principalmente porque são divorciadas e não conseguem pagar as despesas da casa e dos filhos.

Conforme Lindinalva, 37 anos, trabalhadora do frigorífico da Copagril: “antes de trabalhar no frigorífico, fazia uns bicos de diarista, mas era complicado porque não sabia quanto de dinheiro iria ter no final do mês, e tenho que trabalhar para sobreviver e cuidar dos meus filhos, eles ainda não podem trabalhar então o meu salário é a única renda”<sup>39</sup>.

As indagações expostas por Lindinalva são corriqueiras ao analisar o cotidiano das mulheres entrevistadas, isto porque muitas delas sustentam toda a família com o seu salário, ou necessitam auxiliar na renda familiar.

Outro fato bastante pertinente é que muitas mulheres ressaltaram que os seus esposos também trabalham nos frigoríficos, muitas vezes no mesmo horário, mas em outros setores, ou no abate de suínos.

---

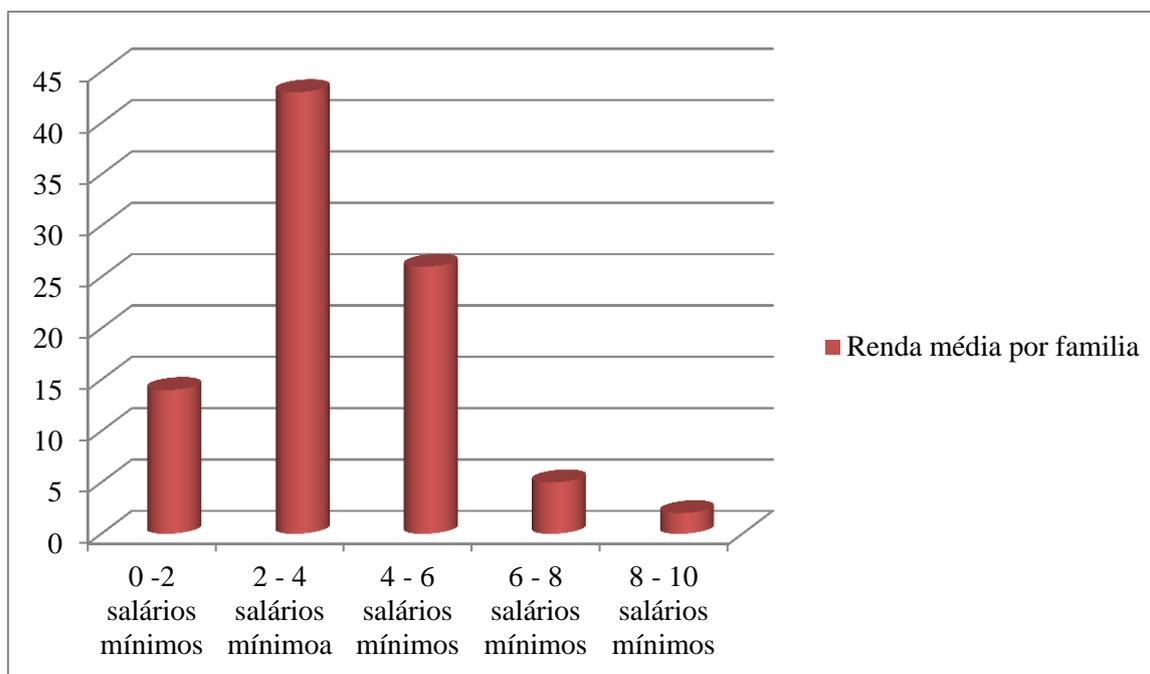
<sup>37</sup> Liane. Entrevista realizada no dia 11 de julho de 2013, em Toledo, informação verbal.

<sup>38</sup> Idem a Solaine.

<sup>39</sup> Lindinalva. Entrevista em 27 de novembro de 2013 em Marechal Cândido Rondon.

Diante do fato que muitas mulheres se inserem no mercado de trabalho com o intuito de auxiliar ou suprir as necessidades de suas famílias, torna-se pertinente analisar o gráfico que demonstra a renda média familiar das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo.

**Gráfico 22** - Renda média familiar



Organização: BECKER, J. R  
 Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Verifica-se que 43 das 90 mulheres entrevistadas possuem renda média familiar entre 2 a 4 salários. Para tanto, constata-se que os salários recebidos pelas mulheres são essenciais para manter as necessidades básicas das famílias.

Em função das dificuldades pelas quais grande parte das trabalhadoras se deparam, vale ressaltar que os salários pagos para as mulheres frente a linha de produção dos frigoríficos é muito baixo se comparado com outros setores do mercado de trabalho. Com base nas entrevistas realizadas verificou-se que a renda média das mulheres entrevistadas nos três frigoríficos fica entre R\$ 705 e R\$ 1.450, sendo que esta renda varia conforme o tempo de serviço nos frigoríficos e o setor em que elas trabalham.

Ainda sobre a questão da renda familiar, foi possível verificar que 12 mulheres possuem uma renda extra, por meio da venda de cosméticos, utensílios domésticos e roupas. Sobre a complementação da renda com outras atividades, existem dois casos que chamaram muita atenção. O primeiro é o caso de Maria, 19 anos, trabalhadora do frigorífico da BRF Sadia, moradora de Vera Cruz do Oeste: “no período da manhã eu ajudo meu pai como

servente de pedreiro, esse é meu sonho ser mestre de obras, o salário é bem melhor que aqui, mais eu preciso do emprego porque em casa somos em 8 pessoas e só três que trabalham”<sup>40</sup>.

Outro caso pertinente a ser ressaltado é o de Solâine: “eu vendo roupas já faz 7 anos na BRF Sadia, sempre vendi muito bem, tem meses que tiro até 5.000 reais, só não saio daqui porque as minhas clientes são as mulheres que trabalham comigo”<sup>41</sup>.

Sobre a relação da mulher com o trabalho nos frigoríficos, observou-se que estas mulheres enfrentam algumas dificuldades principalmente com relação ao fato de que muitas dessas trabalhadoras acumulam uma dupla jornada de trabalho, realizando o trabalho no frigorífico, as atividades domésticas e o cuidado dos filhos.

Além da dupla jornada de trabalho enfrentada pelas trabalhadoras dos frigoríficos, ressalta-se que os três municípios que possuem a instalação de frigoríficos na Microrregião de Toledo, apresentam uma série de restrições quanto à infraestrutura necessária para atender as mulheres que se encontram no mercado de trabalho. Em função disto, destaca-se que, geralmente, o sistema de transporte é bastante precário e faltam creches e escolas para as mães deixarem seus filhos enquanto estão no trabalho.

Estas dificuldades enfrentadas pelas mulheres mães e trabalhadoras, contribuem para que estas reflitam sobre a participação delas no mercado de trabalho, visto que muitas deixam o trabalho para cuidarem dos filhos devido aos problemas enfrentados.

Essa situação lembra o caso de Ana, 28 anos, trabalhadora do frigorífico da Copagril: “deixei o emprego no frigorífico porque não tinha com quem deixar meu filho, as mulheres que cuidam de criança queriam cobrar um valor quase igual ao meu salário aí parei de trabalhar, voltei agora porque meu marido trabalha em outro turno e daí ele cuida do menino”<sup>42</sup>.

No entanto, mesmo com uma série de dificuldades na realização de uma dupla ou até tripla jornada de trabalho, com as limitações enfrentadas referente à questão do deslocamento até o trabalho e a falta de infraestrutura nos municípios que ofertam mão de obra para os frigoríficos, é possível averiguar que 99% das entrevistadas afirmou que jamais abririam mão de serem mães em função do trabalho.

Como visto, as mulheres que ocupam atualmente a maior parte das vagas de trabalho nos frigoríficos da Microrregião de Toledo, dedicam-se ao trabalho por uma questão de

---

<sup>40</sup> Maria. Entrevista realizada em Toledo em 17 de dezembro de 2013, informações verbais.

<sup>41</sup> Ver Solâine.

<sup>42</sup> Ana. Entrevista realizada em Marechal Cândido Rondon em 20 de agosto de 2013, informações verbais.

necessidade em manter a renda familiar e a questão da seguridade quanto aos benefícios da previdência social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento da industrialização do Oeste do Paraná é considerado um processo recente se comparado com outras regiões do estado ou do Brasil. Isso ocorre porque a industrialização do Oeste do Paraná, em especial da Microrregião de Toledo, encontra-se atrelada ao processo de expansão capitalista, apropriação das potencialidades naturais e a utilização do trabalho feminino.

A partir disso, ressalta-se que a região Oeste do Paraná possui algumas peculiaridades com relação ao processo de expansão capitalista, visto que este ocorreu por meio da implantação de várias cooperativas na região, as quais possuem como principal ideário o desenvolvimento agroindustrial, que proporcionou a instalação de várias agroindústrias na região.

Nesse sentido, percebe-se que para a instalação e expansão das agroindústrias no Oeste do Paraná foram averiguadas as potencialidades naturais da região, as quais são propícias para o desenvolvimento da agropecuária, que contribuem diretamente para a expansão das indústrias de alimentos.

No entanto, é perceptível que a Microrregião de Toledo apresenta destaque frente à microrregião de Cascavel e Foz do Iguaçu, sobretudo no que se refere ao crescimento das indústrias de alimentos na Mesorregião Oeste do Paraná. Sendo assim, a Microrregião de Toledo, conforme verificado nos dados que demonstram o crescimento das indústrias de alimentos, destaca-se frente às demais, devido à instalação do frigorífico da Copagril (em Marechal Cândido Rondon), do frigorífico da C.vale (em Palotina) e o frigorífico da BRF Sadia (em Toledo.)

Assim, ao analisar o crescimento industrial nos municípios de Marechal Cândido Rondon, Palotina e Toledo também se verificou que estes apresentaram maior destaque econômico e maior geração de empregos após a instalação dos frigoríficos.

Diante da expansão das indústrias de alimentos e bebidas na Microrregião de Toledo, verificou-se que ocorreu uma série de alterações quanto à organização do trabalho nos últimos vinte anos, visto que a região era essencialmente agrícola e não existia uma classe trabalhadora bem estruturada acostumada com o trabalho fabril. Deste modo, evidencia-se na Microrregião de Toledo um processo de estruturação de uma classe trabalhadora voltada para o trabalho fabril. Portanto, são comprovadas uma série de transformações quanto à infraestrutura dos municípios e sobre o mercado de trabalho.

Sobre as transformações que são evidentes na Microrregião de Toledo a partir do processo de expansão capitalista e a instalação das unidades frigoríficas, verificou-se que ocorreu um processo migratório para a região, o qual também foi refletido na expansão urbana das áreas próximas aos frigoríficos.

Diante do processo de crescimento populacional registrado pela instalação dos frigoríficos na Microrregião de Toledo, ocorreu a necessidade de se investir mais em melhorias quanto às vias de acesso até as unidades frigoríficas, ampliação e construção de creches e escolas, para atender a demanda das mulheres que trabalham.

No entanto, ressalta-se que estas transformações nem sempre ocorrem, visto que, por meio da pesquisa de campo, foi possível averiguar que as mulheres que trabalham nos frigoríficos ainda encontram dificuldades com relação à questão de creches e escolas para seus filhos, principalmente fora do horário comercial.

Foi possível averiguar que estas dificuldades ainda se tornam piores se analisarmos as condições enfrentadas pelas mulheres que se deslocam de outros municípios para trabalharem nos frigoríficos, principalmente com a questão do transporte, porque algumas trabalhadoras levam mais de duas horas para chegarem ao frigorífico, o que torna essa jornada de trabalho ainda mais exaustiva, além de que enfrentam maiores dificuldades para encontrarem alguém que possa cuidar dos seus filhos enquanto estão no trabalho.

Essas transformações também podem ser observadas no mercado de trabalho, visto que mensalmente os frigoríficos ofertam várias vagas de trabalho, as quais em muitos casos não são ocupadas, principalmente devido às condições de trabalho em que os trabalhadores são sujeitados (temperaturas baixas associadas à realização de movimentos repetitivos e o pagamento de baixos salários).

Assim, pode-se destacar que ocorreram uma série transformações no próprio sentido do trabalho, visto que o trabalhador passa a ser obrigado a cumprir algumas metas e horários, os quais não faziam parte do cotidiano no trabalho do campo ou do trabalho informal.

A partir da correlação dos dados que demonstram o crescimento dos empregos formais para mulheres no Estado do Paraná, na região Oeste e na Microrregião de Toledo, foi possível averiguar que nos últimos dez anos ocorreram crescimentos expressivos das vagas de trabalho ocupadas por mulheres.

Sendo assim, verificou-se que o aumento de vagas de trabalho destinadas ao trabalho feminino na Microrregião de Toledo ocorreu porque em outros setores econômicos são ofertadas poucas vagas de trabalho para mulheres e o trabalho feminino ainda é bastante evidente no trabalho informal e precário.

As indústrias alimentícias necessitam de um grande contingente de trabalhadores no chão da fábrica, no qual a mão de obra feminina se tornou facilmente adaptável para os setores que exigem maiores habilidades e despreza com o manuseio de objetos cortantes. Portanto, a instalação dos frigoríficos na Microrregião de Toledo tem proporcionado uma série de transformações, principalmente com relação à expansão do trabalho feminino, sendo que por meio dessas indústrias várias mulheres conseguiram ingressar no mercado de trabalho formal.

De tal maneira, cabe ressaltar que o trabalho nos frigoríficos na Microrregião de Toledo possui uma série de condições pelas quais ele pode ser considerado como degradante e exploratório, principalmente com relação à exploração do trabalho feminino, as condições de trabalho pelas quais os trabalhadores são sujeitados e os baixos salários.

Contudo, verificou-se que a maioria das trabalhadoras dos frigoríficos da Microrregião de Toledo tem uma trajetória marcada pelo trabalho informal, principalmente pelo trabalho no campo, que é considerado pelas trabalhadoras entrevistadas como mais exaustivo do que o trabalho nos frigoríficos. Destaca-se que muitas das trabalhadoras trabalhavam de maneira informal como domésticas e também, como as que trabalhavam no campo, possuem preferência pelo trabalho fabril, principalmente por causa da seguridade que é fornecida pela carteira de trabalho assinada e os benefícios como o plano de saúde.

Também foi verificado que a maioria das trabalhadoras dos frigoríficos possuem um perfil semelhante, principalmente se considerarmos a questão da idade e da escolaridade, visto que a maioria das trabalhadoras entrevistadas possuem baixa escolaridade e idade acima de 35 anos.

No entanto, verificou-se que as mulheres que se encontram inseridas no mercado de trabalho formal por intermédio dos frigoríficos enfrentam algumas dificuldades com relação à realização de uma dupla ou tripla jornada de trabalho, dividindo seu tempo entre o trabalho nos frigoríficos, as atividades domésticas e o cuidado com os filhos.

Nesse sentido, também é possível observar que as mulheres que trabalham nos frigoríficos recebem salários baixos se comparados com outros setores industriais e, muitas vezes, são responsáveis pelo sustento de todos os membros da família, além de que elas se deparam com uma série de dificuldades para encontrar alguém que cuide dos filhos enquanto que elas estão no trabalho.

O objetivo da pesquisa era analisar quais foram as principais alterações ocorridas a partir da instalação dos frigoríficos de aves, na Microrregião de Toledo e como elas foram

refletidas sobre o trabalho feminino, o qual foi intensamente utilizado nas unidades frigoríficas.

Desse modo, é possível averiguar que a pesquisa foi de grande valia para os estudos da Geografia do Trabalho, principalmente porque ajudou: a compreender como ocorreu o processo de expansão geográfica do capital sobre a Microrregião de Toledo e a identificar os fatores que contribuíram para a exploração da mão de obra feminina nos frigoríficos de aves que se instalaram na microrregião de Toledo.

Assim também se torna de grande relevância para o Mestrado de Geografia do *campus* de Marechal Cândido Rondon, em especial, à linha de pesquisa de “DINÂMICAS TERRITORIAIS E CONFLITOS SOCIAISEM ESPAÇOS DE FRONTEIRA”, principalmente porque a pesquisa revela quais são as potencialidades que o processo de expansão capitalista observou sobre o Oeste do Paraná e, em especial, sobre a Microrregião de Toledo.

Contudo, a pesquisa também se torna de grande relevância para os estudos que abordam a região Oeste do Paraná, visto que além de demonstrar como ocorreu o processo de expansão capitalista para a região, colabora na identificação de quais são os desfechos deste processo de expansão capitalista, principalmente sobre a exploração do trabalho feminino e a intensificação do processo de mobilidade territorial do trabalho, a qual vem se intensificando com a importação de mão de obra da América Central e da Ásia para ser explorada pelas indústrias de alimentos na Microrregião de Toledo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. R. (et al). O capital social na microrregião de Toledo – PR. Desenvolvimento em Questão, ed; unijuí. Ano 11 n° 22. Jan /abril, 2013

ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6° Ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**:ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7° Ed: São Paulo: Cortez, Campinas, 2000.

ANTUNES, R. **O continente do labor**. São Paulo: Boitempo, 2011.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução, Marcus Penchel: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECKER, J. R. **O frigorífico de aves da Copagril e a inserção das mulheres no mercado de trabalho**. (Monografia em Geografia) – Marechal Cândido Rondon/ PR/ CCHEL/ UNIOESTE, 2009.

BELUSSO, D; HESPANHOL, A. N. **Evolução da avicultura industrial brasileira e seus efeitos territoriais**. Revista Percurso – NEMO, Maringá, v.2, n°1, 2010, p. 25 – 51.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade**: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914 – 1940. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BLAY, E. A. (Org). **Igualdade de oportunidades para as mulheres**: Um caminho em construção. São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP, 2002.

BRAVERMANN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3° ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1987.

BRUSCHINI, M. C. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. Estudos Feministas, ano 2, 2° semestre/1994.

BRUSCHINI, M. C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? **In**: ROCHA, M. I. B. (Org) **Trabalho e Gênero**: mudanças, permanências e desafios. São Paulo:Ed. 34, 2000.

BRUSCHINI, M. C. A; LOMBARDI, M. R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. **In**: HIRATA, H. MARUANI, M. (Org). **As novas fronteiras da desigualdade**: Homens e mulheres no mercado de trabalho. Tradução de Clevis Rapkiewicz. São Paulo: Senac, 2003.

BOSI, A. P. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente: Ensaio sobre o Mundo dos trabalhadores (1980-2000)**. 1ª Ed. Cascavel: Edunioeste, 2011.

CARVALHAL, M. D. **A dimensão territorializante da qualificação profissional em São Paulo: a ação dos sindicatos de Presidente Prudente/ SP, 2004**. (Tese de Doutorado). UNESP/FCT

CARVALHAL, M. D. **O emprego em Marechal Cândido Rondon/ PR na dinâmica geográfica do Capital**. In. Pegada (v. 8, n. 1) –Presidente Prudente: CEGET, Junho de 2007.

CARVALHAL, T. B. **Gênero e classe nos sindicatos**. Presidente Prudente: Edições Centelha, 2004.

CATAPAN, A. H. TOMÉ, Z. R. C. **Trabalho e consumo: para além dos parâmetros curriculares**. Florianópolis/ SC: Insular, 1999.

COOPERATIVA AGRICOLA MISTA COPAGRIL. Disponível em <http://www.copagrill.com.br/historico.html>. Acesso em 24 de junho de 2013.

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL C-VALE. Disponível em <http://www.cvale.com.br/historico.html>. Acesso em 24 de junho de 2013.

CORRÊA, M. B. Reestruturação produtiva e industrial. In: CATTANI, A. D. **Trabalho e tecnologia**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1997.

CORSEUIL, C. H. SERVO, L. M. S. (Org). **Criação, destruição e realocação de empregos no Brasil**. Brasília: IPEA, 2006.

DOARÉ, H. LÉ. Divisão sexual e divisão internacional do trabalho: reflexos a partir das fábricas subcontratadas de montagem. In: Kartchevsky, A, *et al.* **O sexo do trabalho**. Tradução de Sueli Tomazini Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FLECK, A. C; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, nº especial, 2003, p. 31-38.

FONSECA, T. M. G. **Gênero, subjetividade e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

FRANCA, G. C. **O trabalho no espaço da fábrica: um estudo da General Motors em São José dos Campos (SP)**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

GEMELLI, D. D. **Mobilidade territorial do trabalho como expressão da formação do trabalhador para o capital: Frigorífico de aves da Copagrill de Marechal Cândido Rondon/ PR**. (dissertação de Mestrado). Francisco Beltrão/ PR. UNIOESTE, 2011.

HIRATA, H. **Reestruturação produtiva, trabalho e relação de gênero**. In. Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho; ano 4, nº7, 1998.

HIRATA, H; KERGOAT, D. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: HIRATA, H. MARUANI, M. (Org). **As novas fronteiras da desigualdade: Homens e mulheres no mercado de trabalho**. Tradução de Clevi Rapkiewicz. São Paulo: Senac, 2003.

HOFFMANN, R. LEONE, E. T. **Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade de renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002.** Nova Economia, Belo Horizonte, maio – agosto de 2004, p. 35 – 58.

KARTCHEVSKY, A. Trabalho feminino, trabalho das mulheres: força em jogo nas abordagens dos especialistas. **In:** Kartchevsky, A, *et al.* **O sexo do trabalho.** Tradução de Sueli Tomazini Cassal. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E SOCIAL (IPARDES). Leituras regionais: mesorregiões geográficas paranaenses. Curitiba: IPARDES, 2004. Disponível em <http://www.ipardes.gov.pr/>. Acesso em 05 de junho de 2013.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E SOCIAL (IPARDES). Oeste paranaense: o 3º espaço relevante, especificidades e diversidades. Curitiba: IPARDES, 2008. Disponível em <http://www.ipardes.gov.pr/>. Acesso em 05 de junho de 2013.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E SOCIAL (IPARDES). Disponível em <http://www.ipardes.gov.pr/>. Vários acessos.

LAVINAS, L. **Empregabilidade no Brasil:** inflexões de gêneros e diferenciais femininos. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

LIMA, M. E. B. A dimensão do trabalho e da cidadania das mulheres no mercado globalizado. **In:** COSTA, A. OLIVEIRA, E. M. **RECONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO TRABALHO.** São Paulo: CUT Brasil, 2004.

LEITE, R. S.C. **A operária metalúrgica.** 1º Ed. São Paulo: Semente, 1982.

LOBO, E, S. **A classe operária tem dois sexos:** trabalho, dominação e resistência. 2ºEd. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

MARX, K; ENGELS, F. O manifesto do Partido Comunista. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **O Capital.** São Paulo; SP: Abril, 1984.

MELO, H. P de. **O trabalho industrial feminino.** Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no sudeste goiano.** (tese de doutorado). Presidente Prudente/SP: FCT/ UNESP, 2004.

MÉSZÁROS, I. **O século XXI – socialismo ou barbárie.** São Paulo: Boitempo, 2003.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE) Base estatística RAIS/ CAGED. Disponível em <http://:sgt.caged.gov.br>. Acesso em 10 de julho de 2013.

MONTAGNER, P. A reestruturação Produtiva e o desemprego da mulher. **In:** COSTA, A. OLIVEIRA, E. M. **RECONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO TRABALHO**. São Paulo: CUT Brasil, 2004.

NEVES, M. A. Reestruturação produtiva, qualificação e relação de gênero. **In:** ROCHA, M. I. B. **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas/ SP: Editora 34, 2000.

NOGUEIRA, C. M. **A feminização no mundo do trabalho**. Campinas: Autores Associados, 2004.

NOGUEIRA, C. M. **O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing**. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

NOGUEIRA, C. M. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. **In:** ANTUNES, R. SILVA, M. A. M. (orgs) **O avesso do trabalho**. 2ºed, SP: Expressão Popular, 2010

OLIVEIRA, A. U. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Bomlivro, 1986.

OLIVEIRA, E. M. **A mulher, a sexualidade e o trabalho**. São Paulo: HUCITEC; CUT, 1999.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. 2ºed, São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. **In:** PRIORE, M. D. BASSANEZI, C. B. (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2007.

RAMALHO, J. R; SANTANA, M. A. (ORG). **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. 1º Ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

ROY, L. **O modo de ser mulher trabalhadora na reestruturação produtiva**. Campinas-SP: Alínea, 1999.

ROSSO, S. D. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. SP: Boitempo, 2008.

SADIA. Disponível em <http://www.sadia.com.br/sobre-a-sadia/>. Acesso em 24 de junho de 2013.

SAFFIOTI, H. **Do artesanal ao industrial: um estudo de operarias têxtil e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos**. São Paulo: HUCITEC, 1981.

SAFFIOTI, H. **A mulher brasileira: opressão e exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SANTOS, E. C. SEDLACEK, G. L. **A mulher cônjuge no mercado de trabalho como estratégia de geração de renda familiar**. Brasília, DF: IPEA, 1991.

SEGNINI, L. **Mulheres no trabalho bancário**. Edusp. São Paulo, 1998.

SILVA, G. R. **A pobreza e a dinâmica espacial do trabalho nos frigoríficos de aves no oeste paranaense**. 2010. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Francisco Beltrão. UNIOESTE.

SILVA, G. R. Trabalho e as condições de vida dos trabalhadores nos frigoríficos de aves. In: THOMAS JUNIOR, A; PONTE, K. F; ALVES, J. (orgs) **Geografia e Trabalho no século XXI**.v. 6. Presidente Prudente: Centelha, 2011.

SILVA, J. G. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 1999.

SILVA, R. A. **A exaustão de Sísifo: gestão produtiva, trabalhador contemporâneo e novas formas de controle**. (Dissertação de Mestrado). Campinas/ SP: UNICAMP: 2008.

THOMAZ JR, A. **Por trás dos canaviais, os “nós” da cana: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canavieira paulista**. São Paulo, Anablume: Fapesp, 2002.

THOMAZ JR, A. **A geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI**. Revista Pegada, v. 4, n<sup>o</sup>2, 2003, p. 05 - 21

WAJNMAN, S; QUEIROZ, B. L; LIBERATO, V. C. **O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil**. Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populares da ABEP, Caxambu, 1998. Disponível em <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBr&q.html>> acesso em 13 de junho de 2013.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A

Pesquisadora: Juliane Regina Becker /e-mail: julianerbecker@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia /Campus de Marechal Cândido Rondon /Professor orientador: Prof. Dr. Marcelo Dornelis Carvalho /Pesquisa financiada pelo CNPQ (Conselho Nacional de Pesquisa)

Título da pesquisa: **O TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO: NOVAS DINÂMICAS E RECONFIGURAÇÕES NO TERRITÓRIO A PARTIR DA INSTALAÇÃO DOS FRIGORÍFICOS DE AVES.**

**Roteiro de questões para coleta de dados com as trabalhadoras dos frigoríficos**

1-Idade

2-Estado civil:

3-Escolaridade:

4-Cidade em que reside:

5 – Qual é o meio de transporte utilizado para se deslocar até a empresa?

6 - Quanto tempo demora a sua viagem até o frigorífico? Quantos quilômetros?

7 – O que você pensa sobre a questão do deslocamento?

8-Número de filhos:

9-Quantas pessoas residem em sua casa?

10-Quantas pessoas trabalham em sua casa?

11-Paga aluguel? Quanto?

12-Quanto é a sua renda:

13-Qual a renda familiar:

14-Há quantos anos possui carteira de trabalho registrada?

15-Quanto tempo de serviço no frigorífico?

16-Horário de trabalho:

17-Função que exerce no frigorífico? Descreva:

18-Tem outra atividade remunerada? Quais?

19-No que trabalhava anteriormente? Qual dos empregos você mais gostava?

20-Por que resolveu procurar o frigorífico para trabalhar?

21-Gosta da função que realiza dentro da empresa? Gostaria de desempenhar outra função?

22-Onde ficam os seus filhos quando está trabalhando?

23-Tem algum tipo de participação sindical?

24-Qual a sua opinião com relação aos auxílios que o sindicato presta?

25-Já recorreu ao sindicato para resolver seus problemas trabalhistas? Quais?

26-O que mudou em sua vida familiar desde que você começou a trabalhar?

27-Alguém da família auxilia nas tarefas domésticas? Se positivo quem?

28-Você já sofreu algum tipo de discriminação no emprego por ser mulher?

29-Na sua opinião porque o frigorífico emprega mais mulheres do que homens?

30 – Quais são os seus objetivos por meio do trabalho que realiza no frigorífico?

31 – Se pudesse escolher entre trabalhar ou ficar em casa cuidando dos filhos e da casa qual seria sua opção?

32 – Você abriria mão de ser mãe para se dedicar ao trabalho?

33 – Com relação ao mercado de trabalho, qual profissão você desejava exercer?

34 – Possui alguma doença ocasionada pelo trabalho? Se positivo qual doença:

Observações:

## APÊNDICE B

Pesquisadora: Juliane Regina Becker

e-mail: julianerbecker@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Campus de Marechal Cândido Rondon

Professor orientador: Prof. Dr. Marcelo Dornelis Carvalho

Pesquisa financiada pelo CNPQ (Conselho Nacional de Pesquisa)

Título da pesquisa: **O TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO: NOVAS DINÂMICAS E RECONFIGURAÇÕES NO TERRITÓRIO A PARTIR DA INSTALAÇÃO DOS FRIGORÍFICOS DE AVES.**

**Roteiro de questões para coleta de dados**

1 – Em média quantas vagas para os abatedouros são intermediadas por mês pela Agência do Trabalhador? Estas vagas são ocupadas mais por homens ou mulheres?

---

---

---

---

2 – As vagas intermediadas pela Agência do Trabalhador para os abatedouros são para quais setores do processo industrial?

---

---

---

---

3 – Em média qual é a remuneração inicial que os abatedouros pagam aos trabalhadores? Quais são os benefícios ofertados para os trabalhadores? Existe diferença entre os salários pagos para os homens e para as mulheres?

---

---

---

---

4 – A maioria das mulheres que buscam emprego nos abatedouros já trabalhava anteriormente com carteira assinada, ou estão ingressando no mercado de trabalho formal por meio do emprego nos abatedouros?

---

---

---

---

5 – Qual é o perfil da mulher que busca uma vaga de trabalho junto aos abatedouros?  
Especificamente frente à linha de produção:

Condição social.

Classe Baixa  Classe Média  Classe Alta

Escolaridade

Ensino Fundamental Incompleto  Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto  Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto  Ensino Superior Completo

Estado civil

Solteira  Casada  Divorciada  Viúva

Filhos

sem filhos  de 1 à 2 filhos  de 3 à 4 filhos  mais de 5 filhos

Moradia

Casa própria  Alugada

Meio Urbano  Meio Rural

Mora no município de instalação do abatedouro  Mora em outros municípios

6 – De quais municípios os trabalhadores se deslocam para trabalhar nos abatedouros?

---

---

---

---

---

7 - Em sua opinião, porque o mercado de trabalho nos últimos dez anos vem ofertando mais vagas de trabalho para mulheres? Porque as vagas destinadas exclusivamente ao trabalho masculino estão diminuindo?

---

---

---

---

---

---

---

8 – Em sua opinião, o aumento de vagas de trabalho para mulheres proporciona transformações familiares, econômicas e na infraestrutura da microrregião de Toledo?

Caso a resposta seja afirmativa, quais transformações podem ser verificadas na microrregião de Toledo nos últimos dez anos?

---

---

---

---

## APÊNDICE C

**Carta de autorização**

Assunto: Autorização de dados.

Eu Juliane Regina Becker mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia campus de Marechal Cândido Rondon e bolsista do CNPQ (Conselho Nacional de Pesquisa) venho por meio desse solicitar a autorização para utilização dos dados fornecidos pela

---

\_\_\_\_\_ no desenvolvimento da pesquisa intitulada: **O TRABALHO FEMININO NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO: NOVAS DINÂMICAS E RECONFIGURAÇÕES NO TERRITÓRIO A PARTIR DA INSTALAÇÃO DOS FRIGORÍFICOS DE AVES.**

Marechal Cândido Rondon, Julho de 2013

---

Responsável:

---

Mestranda: Juliane Regina Becker

**ANEXOS**

## Rondon já tem quase 100 naturais de Bangladesh

### SÃO HOMENS, EM SUA MAIORIA MUÇULMANOS E QUE MUDARAM DE PAÍS EM BUSCA DE TRABALHO, MAS TAMBÉM DE PAZ

#### O Presente

Fale com o repórter

Publicado em: 01/10/2013 - 08:07 | Atualizado em: 01/10/2013 - 08:07

Carina Ribeiro/OP



Longe dos confrontos políticos registrados em Bangladesh, em Marechal Rondon, os trabalhadores podem andar pelas ruas sem serem perseguidos.

Servir uma Coca-Cola pode ser linguagem universal para iniciar uma relação amistosa entre desconhecidos. Ao menos esta foi a impressão transmitida por AlamgirDewanAkash. Natural de Bangladesh, o jovem de 27 anos está morando provisoriamente em Marechal Cândido Rondon, onde se esforça para estabelecer comunicações em língua portuguesa e representar os demais bengalis que estão na cidade.

Akash recebeu ontem (30), com largo sorriso, a reportagem de O Presente, para contar sobre a experiência no Brasil. Segundo ele, atualmente estão em Marechal Cândido Rondon 95 homens provenientes de Bangladesh, sendo que outros também já estão a caminho.

Indagado sobre o principal motivo que os trouxe ao país sul-americano, Akash aponta os confrontos políticos registrados no país asiático. Em Marechal Rondon, o trabalhador percebeu o valor de poder andar pelas ruas sem ser perseguido, pois em sua cidade-natal já chegou a ser preso por integrar o partido de oposição ao governo.

De acordo com Akash, confrontos entre opositores islamitas, polícia, ativistas pró-governamentais são bastantes frequentes em Bangladesh. Atualmente, o país é governado pela primeira-ministra SheikhHasina, líder da Liga Awami. Enquanto isso, Akash faz parte do partido islamita Jamate-e-Islam.

Outro grupo político é o Bangladesh NationalisParty (BND), também opositorista. “Em meu país há muito problema por causa da política, por isso, no futuro, quero trazer a minha família para o Brasil”, pontua. Apesar de estar sob regime democrático parlamentar, o país vive permanentemente em ciclos de “guerra” política, em que, na maioria das vezes, ficam de lados os direitos humanos, relata Akash.

A estimativa dele é que existem no Brasil em torno de sete mil bengalis.

## **Oportunidade**

Na tentativa de sair de sua terra, o jovem inicialmente ficou dois meses em Dubai, depois tentou entrar na Bolívia, até que um amigo sugeriu o Brasil. A partir de um conhecido que tem em Brasília, Akash ficou sabendo que encontraria oportunidade de trabalhar na Cooperativa Agroindustrial Copagril. Hoje, a maioria dos conterrâneos dele trabalha na Unidade Industrial de Aves, onde também é realizado o abate de aves por meio do sistema Halal.

Conforme Akash, no início a comunicação foi um pouco difícil, pois a língua oficial de seu país é o bengali e mesmo sabendo falar inglês, chinês, indiano e outros idiomas, o imigrante não encontrou em Marechal Rondon muitas pessoas capazes de entendê-lo em inglês.

Por conta disso, foi obrigado a aprender português, processo que ainda está em andamento e tem favorecido também os seus colegas. “Eles têm gostado muito do Brasil e querem permanecer trabalhando aqui”, assegura Akash, que já está há praticamente um ano no país, enquanto os demais conterrâneos vieram depois.

10/04/2014 07:48| Paraná

### **Suspeito de tráfico humano é investigado no Paraná Guaíra virou também a porta de acesso para trabalhadores de Bangladesh.**

Fonte: **O Paraná**

Além de drogas, armas, munições e cigarros, Guaíra, localizada no Extremo-Oeste do Estado e na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, transformou-se na principal porta de entrada para estrangeiros no ano passado no Estado. A maioria oriunda de Bangladesh, país da Ásia.

O aumento do fluxo de estrangeiros colocou em alerta as autoridades brasileiras e o MPF (Ministério Público Federal) abriu nesta semana inquérito civil para apurar as causas dessa migração. Há suspeita de tráfico de pessoa humana.

As investigações iniciaram em Londrina, no Norte do Paraná, em 2012. Na época, o MPF abriu investigação para averiguar a situação dos estrangeiros que necessitam dos programas socioassistenciais. Porém, as apurações apontaram para outro caminho: o significativo aumento da entrada de estrangeiros no Paraná.

Em 2013, foram solicitados 505 pedidos de refúgio no território paranaense, desses 235 apresentados na Delegacia da Polícia Federal, em Guaíra. A maioria dos estrangeiros que entraram nessa situação é oriunda de Bangladesh.

Considerando a necessidade de aprofundar as investigações, o MPF de Londrina encaminhou ofício para a unidade de Guaíra, que decidiu no decorrer do processo abrir inquérito civil na última segunda-feira. De acordo com o procurador da República da Comarca de Guaíra, Lucas Bertinado Maron, o objetivo é aprofundar as investigações em curso sobre as causas do ingresso recente das pessoas de Bangladesh na região Oeste.

Além disso, o MPF quer avaliar o tratamento dado aos estrangeiros. As autoridades brasileiras não descartam a hipótese de ocorrência de tráfico de pessoas para trabalharem, sobretudo, na região Norte do Paraná.

### **População do mundo**

Bangladesh é um país asiático rodeado quase por inteiro pela Índia, exceto a sudeste, onde tem uma pequena fronteira terrestre com Myanmar, e a sul, onde tem litoral no Golfo de

Bengala. A capital é Daca. Bangladesh conquistou sua independência do Paquistão em 1971, depois da guerra civil de nove meses entre o Paquistão Ocidental e o Paquistão Oriental. Bangladesh é o oitavo país do mundo em número de habitantes, com cerca de 150 milhões de moradores em 2012. Há muito tempo, a região é caracterizada por uma grande pobreza. A maioria dos habitantes é composta de agricultores. Cerca de 85% dos habitantes são muçulmanos e a quase totalidade dos restantes compostas de hindus.

### **Agronegócio atrai mão de obra estrangeira**

Uma das regiões que mais crescem no Brasil, o Oeste do Paraná também tem atraído cada vez mais a mão de obra de trabalhadores estrangeiros. Ela é puxada, sobretudo, pelo agronegócio. Na avicultura, há carência de mão de obra. As cooperativas da região estão com vagas abertas e não possuem candidatos para ocupar os postos de trabalho. A oferta tem atraído principalmente os estrangeiros de países subdesenvolvidos. Três cooperativas da região se adaptaram à nova realidade e estão contratando profissionais de fora.

Em Cascavel, por exemplo, uma cooperativa emprega cerca de 300 estrangeiros que vieram do Haiti, República Dominicana, Itália, Paraguai e Argentina. No entanto, a vinda desses trabalhadores tem o seu lado negativo, que é a exploração da mão de obra.

A Polícia Federal investiga denúncias de maus tratos em várias regiões do Brasil, incluindo o Paraná.

## RECURSOS HUMANOS

► **COLABORADORAS**  
Benilde Jacinto de Oliveira  
e Lucíla Chechi demonstram  
o carisma feminino

# A mulher na Frimesa

**EM MAIOR NÚMERO, O TRABALHO FEMININO ESTÁ  
PRESENTE EM TODOS OS SETORES DA EMPRESA**

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, dezembro de 2012

**N**a Frimesa, as mulheres já são em maior número que os homens. Do total de 5.076 colaboradores (registrados em março) 2.684 são mulheres, ou seja, 52,8% do total do quadro funcional. Um retrato bem diferente de dez anos atrás, onde apenas 23% das ocupações eram femininas.

O aumento da força do trabalho feminino vem da redução do número de filhos por mulher, aumento da autonomia feminina, o fato das mulheres terem uma escolaridade maior que a masculina e a necessidade de empresas contratarem mais pessoas, o que retrata a realidade da falta de mão de obra em todo setor produtivo, principalmente em grandes indústrias.

O Censo de 2010 revela um aumento de 24% nas vagas para trabalhadoras, chegando a um total de 40,6 milhões, em comparativo ao Censo de 2000. Agora, se compararmos com dados de 1991, este crescimento chega a 114%. Esse cenário é positivo, pois a maior participação da mulher no mercado de trabalho agrega maior renda para as famílias, aumentando assim o poder aquisitivo, fator este que gerou um aquecimento da economia e melhor qualidade de vida para as famílias.

A atual situação do mercado de trabalho naci-

onal reflete na Frimesa. Há dez anos atrás, as mulheres não estavam presentes em setores como: Expedição, Embalagem de Produtos Congelados, Preparo de massas e até mesmo no setor de Manutenção. "Hoje, praticamente todos os setores da empresa possuem presença feminina, a única exceção é a Construção Civil, pois ainda não surgiram mulheres qualificadas para as vagas", diz o encarregado de Recrutamento e Seleção, Edson Frescki.

**COMEMORAÇÃO** A passagem do Dia Internacional da Mulher não passou em branco na Frimesa. Com o intuito de celebrar o 8 de março, a empresa presenteou as colaboradoras com um mimo especial e cheio de feminilidade. Os presentes foram entregues em todas as unidades fabris, filiais de venda e centros de distribuição logística.

## Um pouco de história

8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos de Nova Iorque, uniram-se para reivindicar maior respeito aos seus direitos, ao trabalho e às suas vidas. Através de uma greve, manifestaram seu descontentamento, dentre as reivindicações que fizeram pode-se destacar: diminuição da carga horária de dezesseis para dez horas diárias, equiparação salarial entre homens e mulheres e tratamento digno no ambiente profissional.

A manifestação foi reprimida com total violência, as grevistas foram trancafiadas dentro da fábrica e a mesma foi incendiada, matando 130 tecelãs. Em 1910, na Dinamarca, ficou definido 8 de março como dia Internacional da Mulher. A Organização das Nações Unidas (ONU) oficializou a data através de um decreto, em 1975.